



ESTÓRIAS COLADAS

ESTÓRIAS COLADAS

ESTÓRIAS COLADAS

ESTÓRIAS COLADAS

ESTÓRIAS COLADAS — MARTA DE FARO NOVIS

MARTA DE FARO NOVIS

**ESTÓ  
RIAS  
COLA  
DAS**

© Marta de Faro Novis

MARTA DE FARO NOVIS

ENTREVISTAS Cláudia Sampaio

REDAÇÃO Rosa Amanda Strausz

EST OOTS E

RIAS AIR

COLLA C

DAS DA

Entre as possibilidades maravilhosas da memória humana, está exatamente a de ao recordar vidas especiais, trazê-las novamente ao nosso convívio, como se aqui ainda estivessem a nos alegrar e encantar.

A autora deste livro, Marta Maria de Faro Novis, advogada, historiadora, defensora pública, tem sido, nos últimos cinquenta e poucos anos, minha companheira solidária, mãe de meus filhos, avó de meus netos. Com ela aprendi a valorizar bens fundamentais como, por exemplo, a importância do conhecimento de nossas raízes, sem dúvida fundamentais no nosso crescimento com segurança, sem recear as dificuldades da vida.

Neste livro apaixonante, Marta, com a qualidade com que impregna tudo o que faz, relata-nos fatos marcantes de famílias que se uniram vida a fora, desde as plagas gauchas até o Estado do Rio de Janeiro, participando ativamente dos fatos significativos dos últimos duzentos anos. Este conjunto de pessoas, sua família, voltam meio miraculosamente à vida, pela lembrança e o sentimento de Marta, nos oferecendo a possibilidade de, mesmo não tendo convivido com muitas delas conhecê-las, amá-las e respeitá-las. Algumas já são de meu tempo, quando adentrei à família, levado pelo amor de Marta, que mantemos até hoje a nos guiar e amparar. É curioso verificar a importância da estrada de ferro como meio de

transporte daqueles tempos. Como num passe de mágica, convido o leitor a assumir seu lugar num dos velhos vagões da Leopoldina, e levados pela velha locomotiva a vapor, com seu apito estridente a acordar o Brasil para o progresso que chegava, inicie sua viagem por estas páginas... Ao final, tenho certeza, terá conhecido um conjunto de pessoas muito diferenciadas, homens e mulheres que, sem medo, confiantes, constituíram educaram e prepararam filhos e netos, para um mundo novo que se avizinhava, pleno de surpresas e ameaças. Salientem-se as figuras notáveis das mulheres estoicas que, num País de analfabetos e com poucas Escolas, assumiram elas mesmas a função de educadoras, alfabetizando-os e dando-lhes com isso a chave para as conquistas do futuro.

Não desejo mais retardar a viagem do leitor, siga em frente, e ao final tenho certeza que concluirá como eu que ficamos devedores a Autora por momentos de imenso prazer, conhecendo pessoas que marcaram uma época, talvez mais humana, talvez mais solidária, talvez mais família...

Ficamos com o pensamento consolador de que

*"não se vai de todo embora quem nos vivos vive"*

... Ei-los aqui pelas mãos mágicas e a memória da historiadora...

SERGIO PEREIRA NOVIS

PARA OS  
MEUS NETOS

# PRO FUNDA MENTE

“

...

*Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo*

*Minha avó*

*Meu avô*

*Totônio Rodrigues*

*Tomásia*

*Rosa*

*Onde estão todos eles?*

*- Estão todos dormindo*

*Estão todos deitados*

*Dormindo*

*Profundamente.*

”

MANUEL BANDEIRA

# ÍNDICE

- |                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| 1. A FAMÍLIA FARO E O RIO DE JANEIRO | 13  |
| 2. OS FREDERICOS                     | 29  |
| 3. FAMÍLIA DAUDT                     | 55  |
| 4. FAMÍLIA SIMÕES LOPES              | 75  |
| 5. FAMÍLIA FREITAS DE SÁ             | 97  |
| 6. CORRÊA DA ROCHA                   | 115 |
| 7. PÉRICLES E JÚLIA                  | 131 |
| 8. A HISTÓRIA DE FARO E CATHARINA    | 179 |

## João Pereira Darrigue de Faro

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.



João Pereira Darrigue de Faro, segundo barão e primeiro visconde do Rio Bonito. Do livro "Quarta das Ilustrações N.º 2 de S. A. S. Sessão Nacional de Serviço Federal". Brasília - DF.

João Pereira Darrigue de Faro, segundo barão e primeiro visconde com grandeza do Rio Bonito, (Rio de Janeiro, 9 de julho de 1803 — Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1858) foi fazendeiro, chefe da Guarda Nacional e político brasileiro.

Vice-presidente da província do Rio de Janeiro quatro vezes, chegou a exercer a presidência interna no período de 2 de maio de 1854 a 13 de setembro do mesmo ano, em substituição a Luís Antônio Barbosa. Também eleito como deputado da mesma província e vereador.

Como proprietário de terras, influi na região de Ipiabas, participando da construção da antiga capela de Nossa Senhora do Carmo, além de



Armas do visconde com grandeza do Rio Bonito.

## José Pereira de Faro

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

José Pereira de Faro, terceiro barão do Rio Bonito, (Barra do Pirai, 6 de março de 1832 — Nova Friburgo, 1 de fevereiro de 1899) foi um nobre e político brasileiro.

Neto de Joaquim José Pereira de Faro, o primeiro barão do Rio Bonito, e sobrinho e genro de João Pereira Darrigue de Faro, o segundo barão do Rio Bonito. Nasceu na localidade de Ipiabas e morreu em casa de seu genro, casado com sua filha Georgina.

Construiu a Igreja de Sant'Anna, além de ter contribuído com muitos outros benefícios para a antiga freguesia de Ipiabas, atual distrito de Barra do Pirai. Foi precursor dos movimentos que objetivavam a emancipação de Barra do Pirai.

Casou-se no Rio de Janeiro em 12 de maio de 1855 com sua prima Francisca Romana Darrigue de Faro (Dindinha), nascida em 25 de julho de 1838 e falecida em 3 de dezembro de 1926.



Armas do terceiro barão do Rio Bonito.

## Joaquim José Pereira de Faro

Wikipédia, a enciclopédia livre.



Joaquim José Pereira de Faro, primeiro barão do Rio Bonito.

Joaquim José Pereira de Faro, primeiro barão do Rio Bonito, tendo aportado no Rio de Janeiro, vindo de Portugal, em 1793. Nasceu em Braga, em 7 de março de 1768, faleceu no Rio de Janeiro em 10 de fevereiro de 1843, era filho de José Pereira de Faro, natural da Galiza e de Francisca Teresa Pereira Fernandes de Sá, natural da cidade de Braga em Portugal. Casou-se em 1793, no Rio de Janeiro, com Anna Rita do Amor Divino Darrigue, de ascendência francesa - seu avô materno foi o cirurgião francês Jean-Baptiste Darrigue.



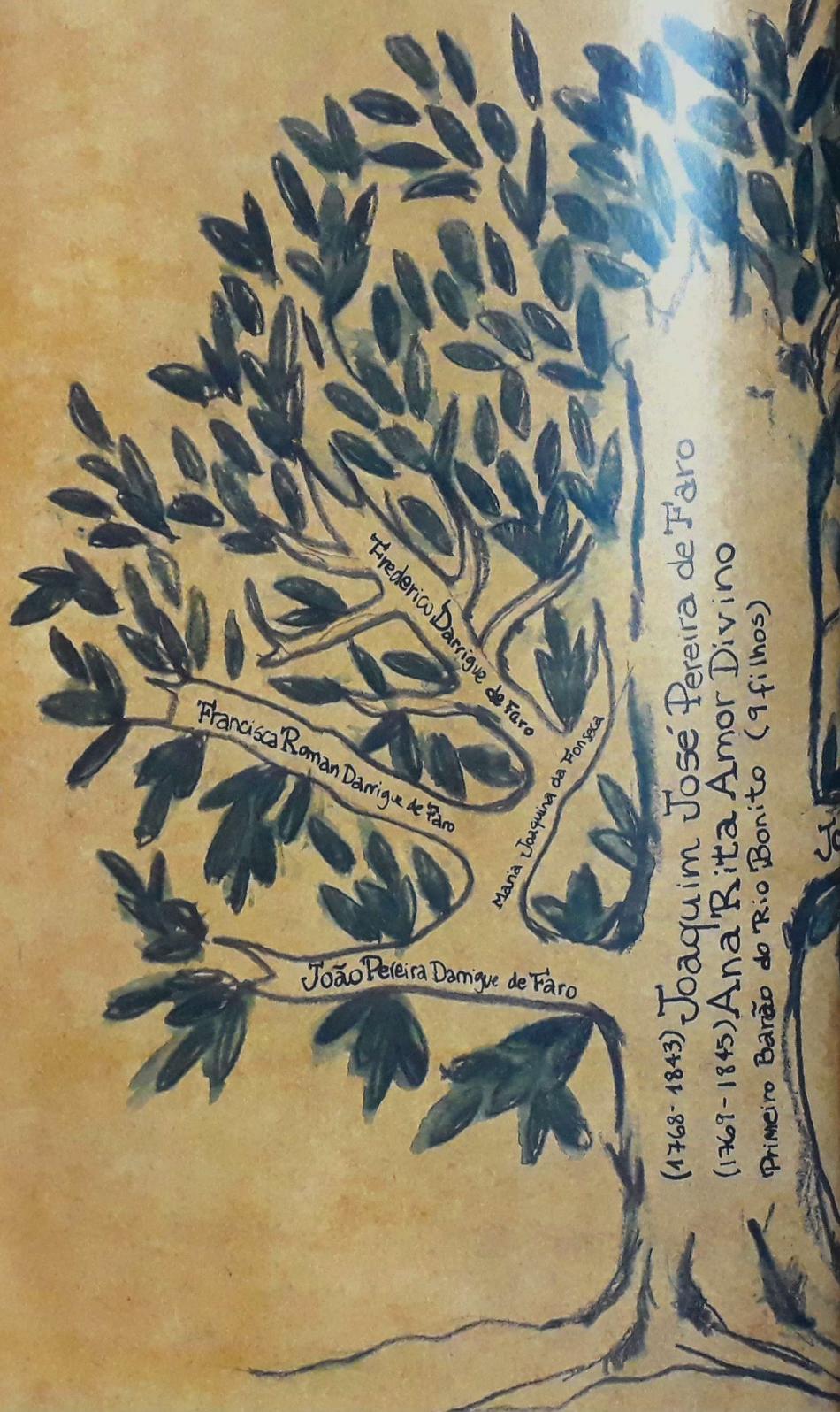
Armas do primeiro barão do Rio Bonito. Das famílias Pereira e Faro.

# 1. A FAMÍLIA FARO E O RIO DE JANEIRO

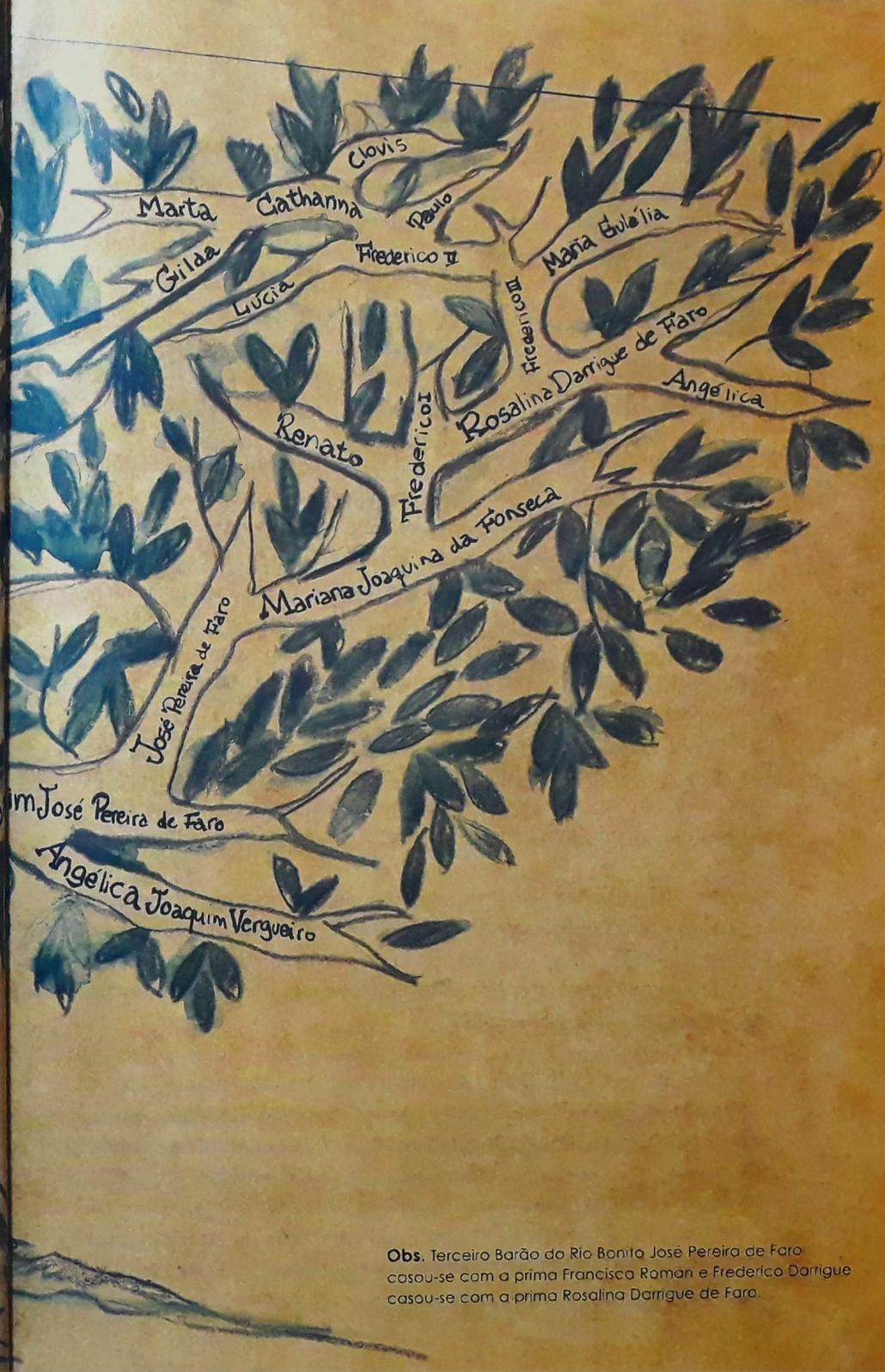
Photographia União



RIO DE JANEIRO



(1768-1843) Joaquim José Pereira de Faro  
 (1769-1845) Ana Rita Amor Divino  
 Primeiro Barão do Rio Bonito (9 filhos)



Obs. Terceiro Barão do Rio Bonito José Pereira de Faro casou-se com a prima Francisca Roman e Frederico Darrigue casou-se com a prima Rosalina Darrigue de Faro.



## A ORIGEM NO FIO DA NAVALHA

O primeiro Faro da nossa família foi um comerciante português, nascido em Braga, em 1768. Chamava-se Joaquim José Pereira de Faro e tinha 24 anos quando desembarcou no Brasil. Logo conheceu Ana Rita do Amor Divino, filha do cirurgião francês De la Rigue, que vem a ser meu tetravô. Ao estabelecer-se no Brasil, De la Rigue teve o nome aporuguesado para Darrigue. O nome da filha, nascida aqui, já apresenta a grafia brasileira.

Como era comum em sua época, De la Rigue não frequentou a universidade. Era cirurgião-barbeiro – ofício que lhe autorizava a exercer a parte prática da medicina.

Para nós, hoje, isso pode parecer estranho – quase apavorante. Mas, no século XVIII, as atribuições dos barbeiros ainda seguiam a lógica profissional medieval. Todas as atividades não-bélicas que ligassem lâminas (como espadas, navalhas, lancetes) ao corpo humano eram atribuições dos barbeiros.

Assim, havia os barbeiros de espadas, que eram os que se ocupavam com a manutenção de armas de corte. Havia os barbeiros que aparavam cabelos e barbas – como acontece até hoje. E existiam os barbeiros de lanceta ou sangradores, que aplicavam ventosas e sanguessugas nos doentes, faziam sangrias e extraíam dentes.

De modo geral, quem executava trabalhos manuais não tinha prestígio social nenhum – e os barbeiros não eram exceções. No entanto, a legislação francesa tinha sido atualizada em 1730, dando aos barbeiros que não exercessem atividades extra-medicinais status de cirurgiões. Isso conferia aos profissionais franceses, como era o caso de De la Rigue, distinções e privilégios próprios de quem exercia ofícios liberais.

Por isso, não é de estranhar que Anna Rita, filha do cirurgião, tenha chamado a atenção de Pereira de Faro. Casaram-se em 1798, dando origem à família brasileira Darrigue de Faro.

## UM REI NA SALA, UM PÉ DE CAFÉ NO JARDIM

Quando D. João VI chegou ao Rio de Janeiro, em 1808, Joaquim Pereira de Faro já estava solidamente estabelecido. Era um comerciante de prestígio, tinha trânsito político, conhecia bem o país. Com essas credenciais – e sua formação militar –, acompanhou D. João em suas viagens pelo interior do Brasil, fez parte da Guarda Real e deu proteção à Corte.

A prestação de serviços à Coroa lhe rendeu cargos políticos e títulos. Mas, junto com as honrarias, os Faro receberam também imensas sesmarias no Vale do Paraíba, oito na margem esquerda e duas na margem direita do rio. Era uma área colossal que englobava o que é hoje Pirai e Barra do Pirai.

Dessa maneira, o comerciante Pereira de Faro, que trazia no sangue a profissão de seus antepassados, tornou-se fazendeiro, dando origem ao braço agrário da família.

Nesse meio tempo, as primeiras sementes de café trazidas para o Rio de Janeiro no século anterior faziam um curioso percurso. Embora já tivesse um alto valor comercial, e fosse plantado com relativo sucesso no Pará, Maranhão e Bahia, o café carioca não se fixava bem. Alguns arbustos vingavam em chácaras e quintais, e sua beleza garantia presença em jardins como planta ornamental, mas o café ainda não era uma força econômica para o Rio de Janeiro.

No entanto, de tentativa em tentativa, em 1825 o café chegou ao Vale do Paraíba, onde se localizavam as sesmarias dos Faro. O solo virgem e rico em nutrientes revelou-se o berço ideal para a explosão do que passaria a ser chamado de “ouro verde”, graças às fortunas que ajudou a construir. Uma delas foi a de Joaquim Pereira de Faro.

## O PODERIO DA FAMÍLIA

O patriarca Joaquim de Faro e seus herdeiros chegaram a ter 15 fazendas, 800 escravos e muitos colonos. Como era hábito na época, ampliou o poderio da família casando um de seus filhos – Joaquim José – com Angélica, filha do Senador Nicolau dos Campos Vergueiro.

A união das duas famílias foi também a união de dois estilos parecidos de fazer política em uma época de grandes turbulências.

Estávamos em 1831, ano da abdicação de D. Pedro I, início de uma década de revoltas e levantes populares que só veria a paz com a declaração

da maioria de Pedro II. Nesse meio tempo, o Senador Vergueiro (hoje, nome de uma rua no Flamengo) foi um dos membros da Regência Trina Provisória que governou o país.

Joaquim de Faro tornou-se coronel da recém-criada Guarda Nacional – uma instituição formada pela elite da Corte, especialmente criada para defender os ameaçados valores da monarquia.

Foram dez anos de tensão política nos quais Nicolau Vergueiro e Joaquim de Faro se mantiveram leais à Coroa.

Mais tarde, já Imperador, Pedro II reconheceu seus esforços com títulos de nobreza. O velho coronel da Guarda Nacional tornou-se o primeiro barão do Rio Bonito. Seu filho, João Pereira Darrigue de Faro, herdou o título de barão após a morte do pai e recebeu o título de Visconde do Rio Bonito.

## O VISCONDE DO RIO BONITO

João Pereira Darrigue de Faro não herdou apenas o título paterno, mas também sua habilidade política. E foi bem mais longe do que o pai.

Nascido em 1803, recebeu a mesma educação precária dos outros filhos bem-nascidos da época: instrução comum em casa ou sob comando de religiosos, curso completo na Aula do Comércio.

No entanto, aos 21 anos, começou a revelar grande aptidão para a vida pública. Fez parte da Guarda de Honra de D. Pedro I, instituição que reunia os filhos das principais famílias brasileiras.

Ali, João de Faro foi promovido desde o posto de alferes até o de major. Zeloso no serviço e leal ao soberano, foi condecorado com o hábito do Cruzeiro, com o hábito e depois comenda de Cristo, e com o hábito da Rosa à chegada da imperatriz D. Amélia.

No turbulento período que sucedeu à abdicação de Pedro I, chegou a comandante da Guarda Nacional criada pelo Regente Diogo Feijó. Mais tarde, em 1842, quando o velho regente aderiu a uma revolução fracassada e foi preso, a primeira pessoa que o procurou e ofereceu apoio foi João Pereira Darrigue de Faro.

Àquela altura, Feijó não era mais regente, não era mais ministro, era apenas um cidadão perseguido. Contam que, quando viu João de Faro subindo ao navio que lhe servia de prisão, voltou-se para o oficial que estava a bordo e disse:



*"Pai e filho, sempre os mesmos. O pai comprometeu-se por Vergueiro, o filho se compromete por mim."*

João de Faro foi membro da Câmara Municipal da corte e deputado provincial em várias legislaturas. Também ocupou os cargos de presidente do Banco do Brasil e do Tribunal do Comércio. Mas a posição política em que mais francamente se revelou foi a presidência da província do Rio de Janeiro, que exerceu por quatro vezes sucessivas. Dessa época datam obras que até hoje podem ser observadas nos roteiros históricos e culturais da região, como a ampliação da catedral de N. Sra. da Glória, em Valença, a construção da Igreja de N. Sra. do Amparo, em Barra Mansa, a participação ativa na construção da Estrada de Ferro de Santa Izabel, que atravessava a região.

Ao lado de João, outros Faro também foram cavaleiros da corte. Além de cuidar das fazendas, exerciam funções administrativas no Rio e possuíam grandes propriedades.

Quase todo bairro de Botafogo, a rua São Clemente, era formada pelas chácaras da família. A casa da minha avó baronesa estava situada onde hoje é a Prefeitura do Rio de Janeiro.

Eu faço parte da sétima geração do Barão e Visconde do Rio Bonito.

## VISÕES DO PROGRESSO

Hoje, é lugar comum associarmos a monarquia ao atraso político. Mas Joaquim de Faro e Nicolau Vergueiro eram homens progressistas.

Nicolau Vergueiro tinha um tino empresarial fabuloso. Apesar de possuir uma escravatura enorme, foi o primeiro fazendeiro a trazer imigrantes italianos para trabalhar em suas fazendas em regime de parceria. Com isso, não ganhou apenas mão-de-obra. Trouxe para suas terras uma nova cultura, novos hábitos e tradições, como o artesanato. Foi também pioneiro na contratação de engenheiros agrônomos para melhorar a safra do café.

Faro foi um grande produtor de café, mas também empresário, sempre preocupado em manter suas propriedades auto-suficientes.

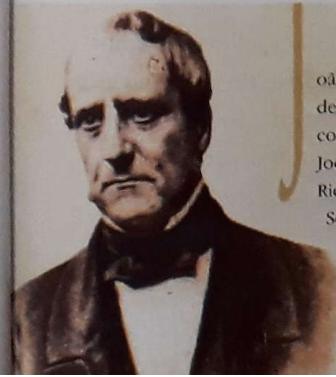
Desde aquele tempo, os empresários mais progressistas tinham plena consciência da necessidade de desenvolver a região na qual se localizavam

suas propriedades. Ao longo do século XIX, Faro levou esgoto, saneamento, água encanada e as primeiras instalações elétricas para as cidades de Piraí e Barra do Piraí. E o fato de ter sido sócio-acionista da Estrada de Ferro D. Pedro II foi determinante para que seu trajeto passasse por Piraí – com consequências diretas sobre a economia da cidade.

Além do desenvolvimento regional – que tinha ligação com o sucesso de seus negócios –, os Faro, como a maioria das famílias abastadas da época, dedicavam-se a obras sociais. Foram provedores da Santa Casa da Misericórdia, fundaram o asilo de Santa Leopoldina em Niterói, que existe até hoje, doaram o altar de prata que ainda permanece na Igreja do Carmo, ao lado da catedral do Rio de Janeiro.



Apaixonado por corridas de cavalos, o Visconde do Rio Bonito fundou o primeiro Jockey Club do Brasil, o que foi uma péssima coisa porque o meu bisavô e o meu avô tornaram-se jogadores contumazes.



*Barão de Lavinia*

oão Pereira Darrigue de Faro, Visconde do Rio Bonito, foi eleito segundo e último presidente do Club de Corridas em 1849, substituindo o Conde de Caxias. Em sua diretoria tinha como secretário Marianno Procópio Ferreira Lage, posteriormente primeiro presidente do Jockey Club.

Rio Bonito havia sido militar, e como tal, membro da guarda de honra do Imperador Pedro I. Sobressaiu-se como comerciante e cafeicultor em Valença, na província do Rio de Janeiro, da qual foi vice-governador várias vezes. Foi ainda dirigente do Banco do Brasil, do Tribunal do Comércio e de diversas irmandades religiosas.

João Pereira Darrigue de Faro, the Viscount of Rio Bonito, was elected the second and last president of the Race Club in 1849, replacing the Count of Caxias. Marianno Procópio Ferreira Lage, who was later to



## AS FAZENDAS

A família Faro possuiu muitas fazendas. Uma delas é a Aliança, que existe até hoje à margem da rodovia RJ-145, entre as cidades de Barra do Pirai e Valença. Do asfalto, não é possível ver o belo casarão ainda conservado. Para chegar até lá, é preciso atravessar 1 km da estrada interna de terra.

Para falar das fazendas, vamos voltar um pouco no tempo.

Inicialmente, das dez sesmarias recebidas, Joaquim de Faro fundou duas fazendas: São Joaquim das Ipiabas e Sant'Anna do Parahyba, ambas no início do século XIX. De seus nove filhos, quatro estabeleceram-se com fazendas na região, inclusive o Visconde do Rio Bonito, João de Faro, que fundou a fazenda Monte Alegre, além de receber de herança a fazenda Sant'Anna.

Outro filho do casal Joaquim e Ana Rita, Luiz Pereira Darrigue de Faro, foi senhor da uma sesmaria vizinha à Fazenda Sant'Anna, onde fundou a Fazenda Boa Esperança na primeira metade do século XIX. Em 1861, Luiz vendeu a Boa Esperança para o sobrinho José Pereira de Faro, que mudou seu nome para Aliança.

Por essa época, José Pereira de Faro, o terceiro barão do Rio Bonito já tinha herdado Sant'Anna do sogro e tio João de Faro, o Visconde do Rio Bonito, que falecera em 1856. Dessa maneira, tornara-se dono das maiores fazendas da região.

O café produzido na Sant'Anna já era reconhecido nacional e internacionalmente. No ano da aquisição da Aliança, o café de José de Faro havia recebido a Medalha de Ouro e a Menção Honrosa da Exposição Nacional. No ano seguinte, ganhou a Medalha de Primeira Classe e diversas menções honrosas na Exposição de Londres. Por esse feito, foi agraciado com a Ordem da Rosa pelo Imperador D. Pedro II.

O fato é que José de Faro tinha um talento nato para o cultivo da terra.

Era um homem educado, de idéias liberais, que tinha estudado na Europa e, com apenas 20 anos, começou a administrar a Fazenda Floresta, deixada pelo pai.

Ao ser comprada, a Aliança já possuía uma unidade de produção de café, com sua casa de vivenda, terreiros de pedra, engenhos de beneficiamento de café, tulhas, senzalas e paióis.

José modernizou o complexo cafeeiro da fazenda com obras e melhorias. Sob sua mão segura, os cafezais da Aliança chegaram a mais de 700 mil pés.

Nas décadas seguintes, o café produzido pelas fazendas de José de Faro ganhou tal projeção internacional, com medalhas conquistadas nas exposições de Hamburgo, Altona e Córdoba, que a fazenda Sant'Anna foi visitada pelo imperador Pedro II.

Nessa ocasião, em 1882, D. Pedro II anotou em seu diário, que se encontra no Museu Imperial:

*... o sistema de Faro é preparar tudo de que precisam as fazendas, até o sabão. O pão de trigo é bom; mas o de cará mais saboroso. Despolpa e leva o café, cuidando de fazê-lo para os terreiros, por meio de um plano inclinado sobre que corre um carro. Tem ensaiado diversos sistemas de aprontar o chão dos terreiros; mas ainda não preferiu nenhum.*



FAZENDA ALIANÇA

A Fazenda Aliança não foi a sede principal da família Faro, mas foi, sem dúvida nenhuma, a mais bonita. Ainda hoje, seus terreiros de secar café, construídos com lajes de pedra, impressionam pela vastidão.

A seu respeito, o Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense diz o seguinte:

*A casa-sede da fazenda apresenta características arquitetônicas herdadas dos antigos engenhos de açúcar, o que a torna peculiar, e revela um gosto simples, porém original, o que a distingue de todas as sedes erguidas no Vale do Café. Suas várias edificações anexas, como o enorme engenho de beneficiamento, tulhas e as ruínas da antiga enfermaria, nos dão a noção da vida movimentada de seus proprietários e de seus mais de 800 escravos e empregados.*



## CASAMENTOS E EMPOBRECIMENTOS

Agora, imagine uma festa junina na região, formada por fazendas pertencentes à mesma família.

Ali, se reuniam os herdeiros da região do Pirai e Barra do Pirai, Valença, Vassouras, Friburgo, Bom Jardim, Itaocara, toda a região do Vale do Paraíba.

Cada casal levava seus 10 ou 12 filhos. Cerca de uma centena de adolescentes juntos, os únicos bem-nascidos da região, todos primos, todos tios, e todos jovens.

Era inevitável que os casamentos se sucedessem. Tios casavam-se com sobrinhas, primos com primas, e assim a família crescia.

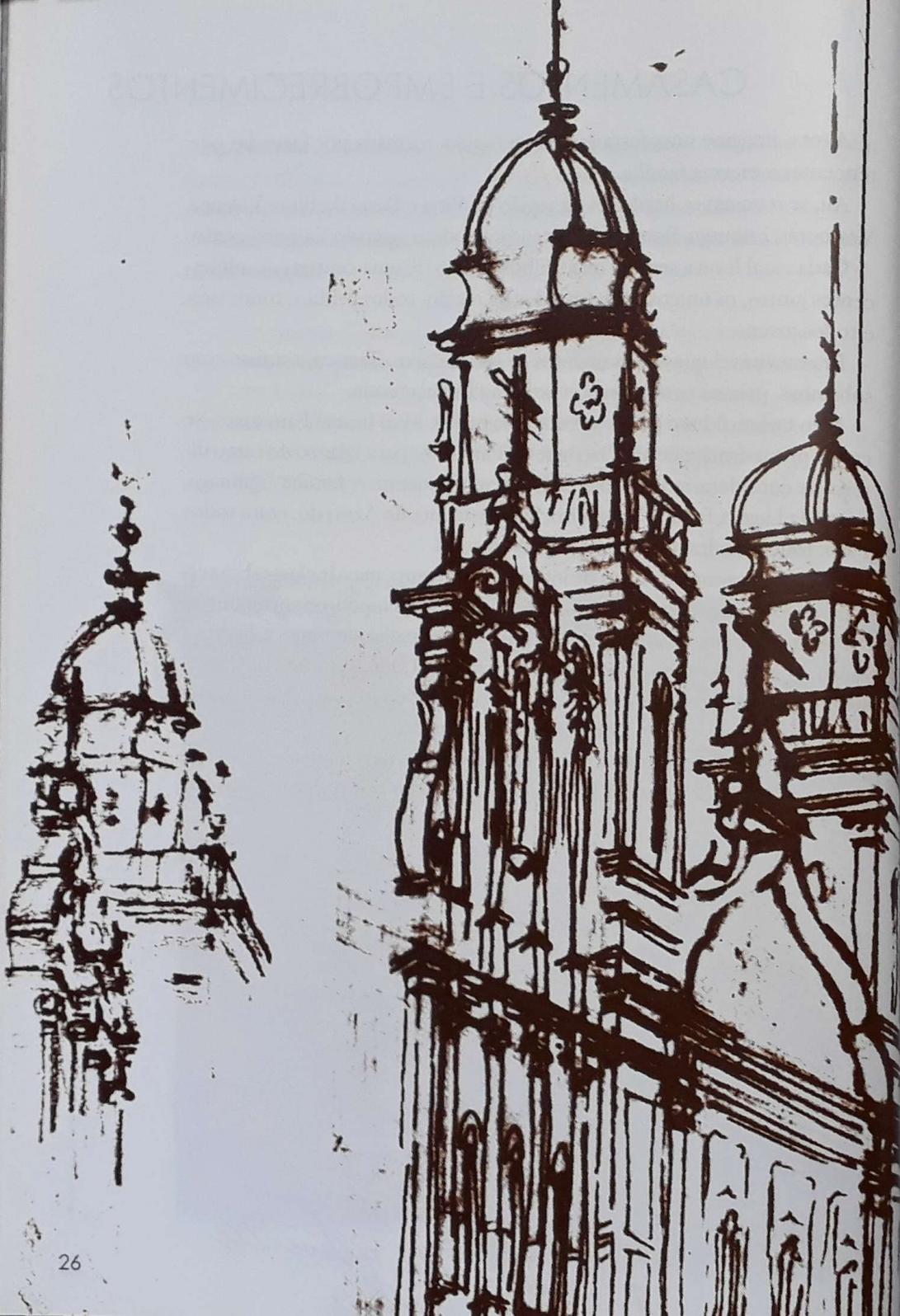
Meu tataravô Faro casou-se com uma prima. Meu bisavô Faro casou-se com a prima-irmã, que era Darrigue de Faro. Isso para falar só do ramo direto. Se considerarmos os colaterais, foi uma loucura. A família Aguinaga, a família Lage, a família Vergueiro, São Clemente de Azevedo, eram todos Faro, todos resultantes de casamentos entre si.

Não se tratavam de uniões de interesse financeiro, mas de classe. Em termos exclusivamente monetários, esses casamentos empobreciam a família.

O Brasil segue o modelo napoleônico de partilha de bens: a herança é igualmente dividida entre todos os filhos. Cada geração, portanto, recebia apenas cerca de um décimo da fortuna de seus pais. Não haviam recursos que resistissem a tamanho fracionamento.

Mas a decadência financeira da família não se deveu apenas aos casamentos. O final do século XIX foi duro para todos os produtores de café.

1 Bolo de noiva  
1 Tão de Leth  
50 Sandwiches  
1 Bolo inglês  
200 gm. de chá verde  
200 " " preto  
1 Queijo "Palmeira"  
2 Leteiz de groselle  
Pés riques



BARÃO DE SÃO CLEMENTE

JORGINA DARRIGUE DE FARO

Em 1885, os Faro precisaram hipotecar suas fazendas ao Banco do Brasil, incluindo seus mais de 800 escravos. Três anos mais tarde, com a abolição da escravatura, perderam a mão-de-obra e também as garantias do empréstimo.

Aos poucos, seus bens foram executados pelos credores. A Fazenda Aliança foi arrematada pelo Comendador José Joaquim de França Júnior em 1893. A Sant'Anna foi adquirida pela mesma família quatro anos mais tarde.

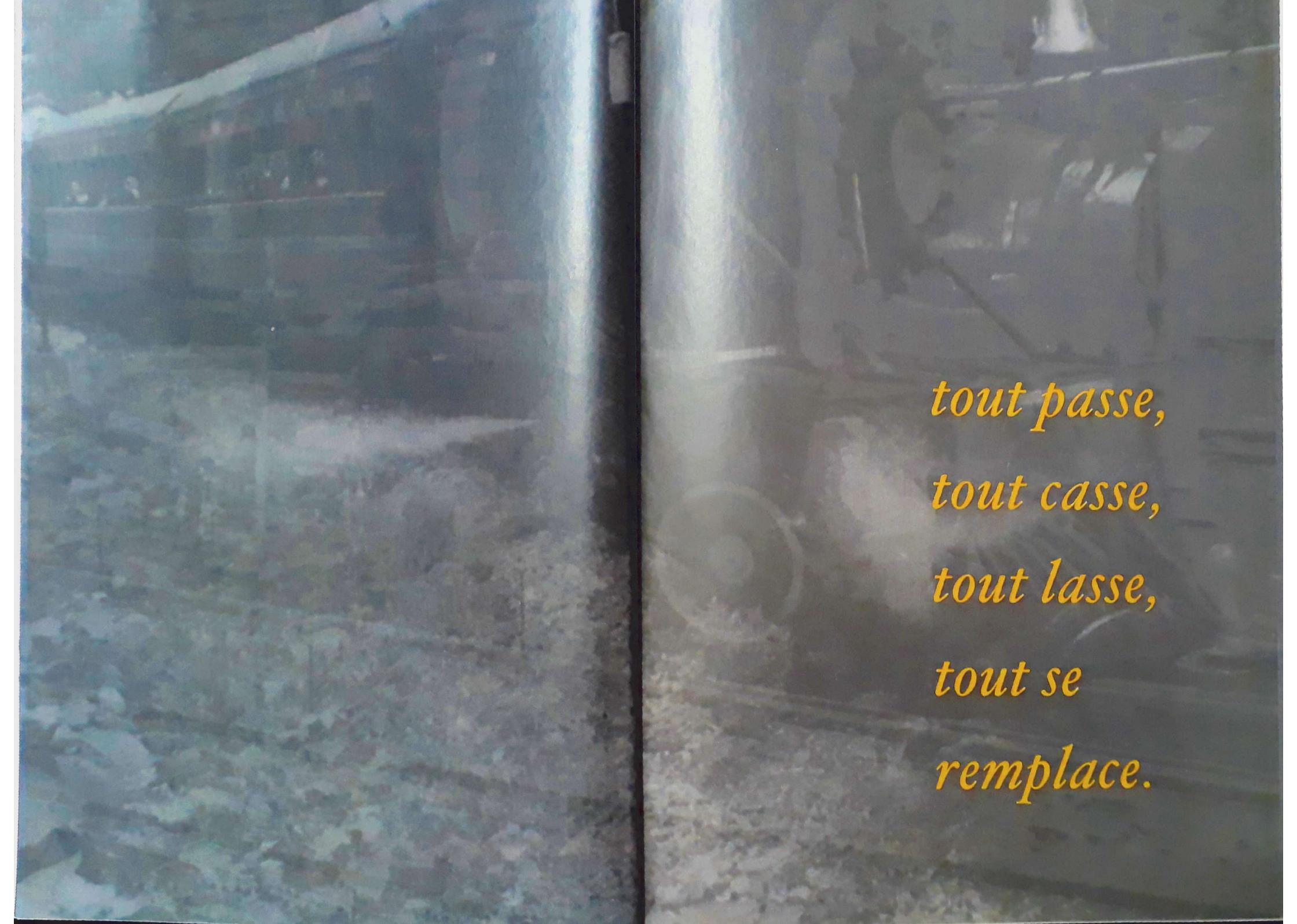
Com o passar do tempo, os Faro perderam a capacidade de investir nas terras remanescentes e dedicaram-se à educação de seus filhos. Tivemos médicos, engenheiros, farmacêuticos, advogados, políticos. Nossa maior riqueza deixou de vir da terra e passou a vir dos bancos escolares, dos estudos de línguas estrangeiras e da universidade.

## 2. OS FREDERICOS

Declaração de Eduardo Pacheco contra o Dec. 1143 de 13 de dezembro de 1894, onde o Governo do Império dá a **PROSECUCÃO DARRIQUE DE VARD** a Luiza de Castilho a concessão para a criação de 3 engenheiros centrais, nos municípios de Fátima, Valega e Valmouras.

Seguem-se muitas folhas do processo movido por Eduardo Pacheco em que se discute os

- 1) As Assembleias Provinciais têm competência para fazer concessão de engenheiros centrais;
- 2) Caso afirmativo, se podem fazer concessões de engenheiros centrais tendo competência regulativa para isso;
- 3) Se pode o Governo Geral conceder concessões de engenheiros centrais em lugares indicados, se não...



*tout passe,  
tout casse,  
tout lasse,  
tout se  
remplace.*

## FREDERICO, MEU BISAVÔ

Meus bisavós e tataravós são todos da mesma família. Por isso, escolhi contar o que aconteceu na virada do século XIX para o XX por meio de três Fredericos (Darrigue de Faro): meu bisavô, meu avô e meu pai.

Meu bisavô era filho de João de Faro, o terceiro Barão do Rio Bonito e sobrinho do Visconde do Rio Bonito.

João Pereira de Faro casou-se com uma prima, Francisca Romana Darrigue de Faro. Teve seis filhos, mas apenas um homem: Frederico. Só isso já bastaria para justificar os paparicos que recebeu desde o berço. A mãe, as avós, as irmãs, todas o mimavam demais.

Para agravar a situação, o menino era lindo. E ao contrário de tantas crianças que perdem o encanto juntamente com os dentes de leite, Frederico tornou-se um belo rapaz.

### MATERIAL RECOLHIDO NO ARQUIVO NACIONAL

Doc. 117 - A<sup>o</sup>

Dia 23 de dezembro de 1884

Reclamação de Eduardo Pacheco contra o Dec. 9343 de 16 de dezembro de 1884, onde o Governo do Império dá a FREDERICO DARRIGUE DE FARO e Luiz de Castilho a concessão para a criação de 3 engenhos centrais, nos municípios de Pirahy, Valença e Vagouras.

Seguem-se muitas folhas do processo movido por Eduardo Pacheco em que é discutido se:

- 1) As Assembléias Provinciais têm competência para fazer concessão de engenhos centrais;
- 2) Caso afirmativo, se podem fazê-lo em caráter exclusivo ou tendo competência cumulativa com o Governo Geral;
- 3) Se pode o Governo Geral conceder engenhos centrais para os lugares indicados, na mesma lei?

Ao completar o curso secundário, o pai o enviou à Europa para completar os estudos. E lá, a educação permissiva que tinha recebido começou a mostrar seus efeitos.

O rapaz frequentava mais as mesas de jogo e as casas de tolerância do que a universidade. Passou alguns anos em Paris nos braços das francesas e das polacas até que o pai mandou chamá-lo de volta para começar a vida séria.

Chegando aqui, foi recebido com festa pelas irmãs, àquela altura já casadas – e bem casadas. Uma era baronesa de São Clemente e outra condessa de Nova Friburgo. A primeira morava no Palácio do Catete, então chamado de Palácio Nova Friburgo. A segunda, onde é hoje o Country Clube de Nova Friburgo.

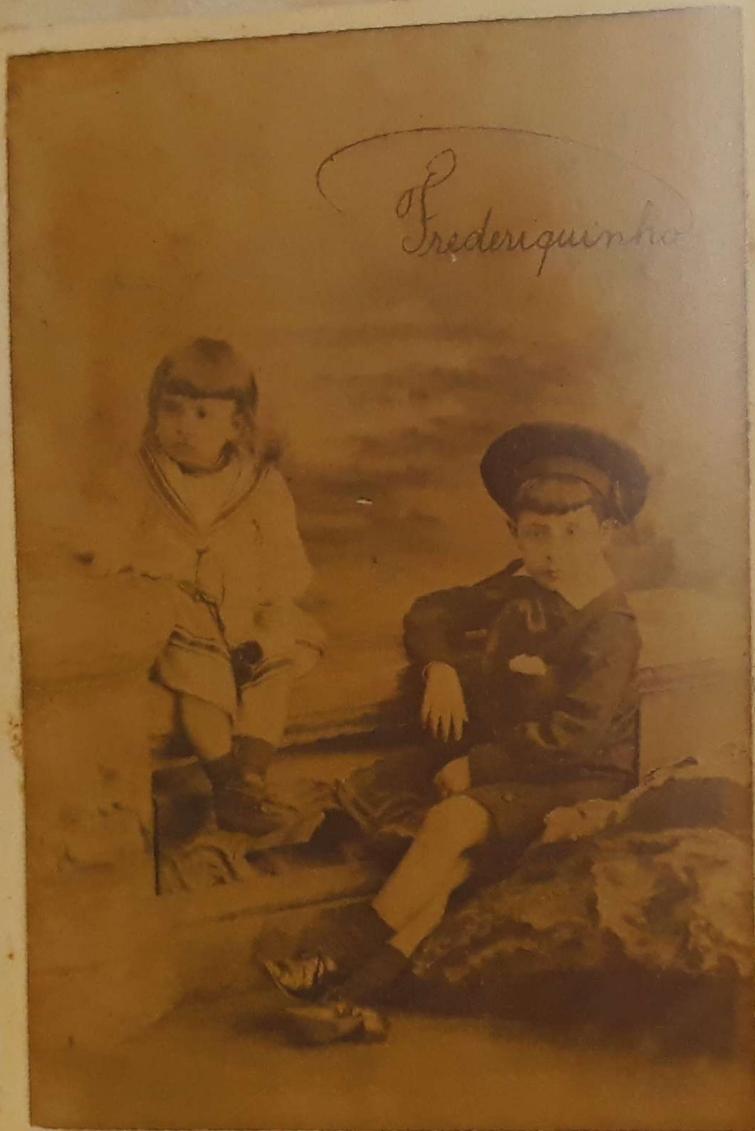


JOÃO PEREIRA DARRIGUE DE FARO

A minha boa amiga  
de muita amizade

0-10

Frederiquinho



PHOTOGRAPHIA



AMERICANA

OURIVES.38



INSLEY PACHECO

Rua dos Ourives 38

RIO DE JANEIRO

Simpático, desenvolto e bonito, Frederico fez sucesso nos salões. Apesar da mal-disfarçada fama de playboy, era muito disputado pelas moças casadoiras.

Resistiu a todas elas.

Seguindo a tradição familiar, acabou se casando com uma prima-irmã, neta do mesmo avô, chamada Rosalina de Faro.

Rosalina foi minha bisavó, lembrada como Vovó Badiche, apelido que ganharia algumas décadas mais tarde.

Meu bisavô Frederico morreu em 1894. Ainda era jovem, tinha apenas 34 anos. Deixou três filhos: Frederico, meu avô, Renato e uma filha que morreu tuberculosa aos 14 anos.



} II<sup>o</sup>

## FREDERICO, MEU AVÔ

Bonito como o primeiro Frederico, e ainda mais mimado por ter ficado órfão tão cedo, o segundo Frederico não se saiu melhor.

Teve educação ainda mais esmerada e dela aproveitou a mesma coisa que o pai: nada. Estudou na Áustria, foi colega dos príncipes herdeiros da família Habsburgo, poderia ter feito uma fantástica rede de relacionamentos. Mas trocou os estudos pelas mulheres e pelos cavalos.

Ao retornar ao Brasil, no entanto, teve uma surpresa. Ao perceber que sua fortuna estava se desfazendo, sua avó, a baronesa do Rio Bonito, decidiu distribuir a herança aos netos ainda em vida. Dessa maneira, muito jovem, meu avô já contava com um bom capital sem ter noção do quanto era necessário trabalhar para consegui-lo. Não precisou administrar fazendas, não precisou dedicar-se a nenhuma causa pública, não precisou demonstrar coragem em combates. Não precisou nem sequer estudar.

Frederico compensava a falta de educação formal com o dinheiro recebido e muito traquejo social. Falava inglês, francês e alemão, tinha o charme e a cultura típica dos bem-nascidos da época.

	2.000	
220.100	2.000	
2.000	3.000	
4.500	3.000	
3.500	25.000	
2.000	15.000	
2.000	12.500	
3.000	1.500	
3.000	39.700	
25.000		332.800

Morava em companhia de sua mãe, a vovó Badiche, em Botafogo. Não se sabe em quais circunstâncias, começou a prestar atenção a uma moça que morava na casa ao lado. Seu nome era Maria Eulália Pires de Sá, mas todos a chamavam de Zita.

Era uma bela moça. Gostava de pintura e tinha uma voz tão bonita que cantava no coro do Teatro Municipal. Ainda hoje, consigo imaginá-la a caminho da ópera, vestida de gala, sentada no bonde especialmente arrumado para a ocasião. Naquele tempo, durante a temporada das óperas, os bancos dos bondes eram forrados com longas capas brancas para não correr o risco de sujar os vestidos das moças.



Zita tinha nascido em 1883; Frederico, em 1886. Ela era três anos mais velha do que ele, uma diferença bem incomum para a época. Mas isso não impediu o namoro. Casaram-se em 1907, na chácara de Botafogo onde vivia a vovó Baronesa.

## O CASAMENTO DE FREDERICO

A festa marcou o ano 1907. Foi inesquecível. O enxoval da noiva veio todo de Paris. Zita entrou na chácara numa carruagem puxada por 12 cavalos brancos, tendo ao pescoço um magnífico colar de brilhantes que recebera de presente.

Se a pompa das festas fosse garantia de felicidade conjugal, os dois seriam felizes para sempre. Mas uma coisa não tem nada a ver com outra.

E os problemas não tardaram a aparecer.

O casal foi morar na casa de Botafogo com vovó Badiche. E nem poderia ser de outra maneira. Frederico não trabalhava, vivia do capital que recebera da avó baronesa.

Ao que a história indica, Zita não foi infeliz em companhia da sogra. Seus problemas eram com o marido mesmo. Mulherengo, acabou contaminando a esposa, grávida, com uma doença venérea.

Foi uma gravidez difícil e um parto mais difícil ainda, realizado por um tio médico e pelo avô dele, também médico, na casa da mãe de Zita, vovó Porfíria, como era hábito na época.

Por sorte, nasceu um menino saudável, que foi batizado de Frederico, como o pai e o avô. Mas foi o único. A doença a tornara estéril.

Três anos mais tarde, com a saúde ainda profundamente abalada, minha avó foi levada com o filho para Portugal. Precisava recuperar a saúde física e emocional. Para isso, era necessário afastar-se daquele marido tão feroso e desarticulado.

Inicialmente, a família viajou completa: Zita, o filho, a sogra e o marido. Mas as mulheres e o menino seguiram para Caldas Novas, uma cidade à beira-mar, próxima ao Porto. Frederico só viajara a título de acompanhá-las. Ficou em Lisboa, a pretexto de fazer negócios (que ninguém jamais soube quais eram).



*Frederico Darrigue de Faro*

ORGANISAR-SE  
BANQUETES  
E FORNECER-SE  
Tudo o necessário.  
PESSOAL  
+ 5 +  
Cozinheira Especialista  
Requisito Serviço  
DE MESA

CONFEITARIA E PADARIA

126 e 128 RUA DO OUVIDOR 126 e 128

CASA PASCHOAL

VINHOS FINOS, LICORES,  
Sorvetes, Gelados  
E XAROPES.  
Toda a sorte de  
PASTELARIA.  
Para lazes, casamentos,  
baptizados, festas, etc., etc.

Salão especial para banquetes  
O Mm. Ema. Sr. D. Paulo Freitas de Sá  
& CARVALHO & COMP.  
24 de Julho de 1907

Quantidade	Descrição	Valor
20	1 Bolo de noiva	30.000
	1 Tão de Lott	4.000
	50 Sandwiches	12.000
	1 Bolo ingles	4.000
	200 Grm. de chá verde	2.800
	200 " " preto	2.800
	1 Queijo "Palmeira"	5.500
	2 Leitões de griseille	5.000
	50 Paes ricos	5.000
	10 Kg. de gelo	2.000
	25 Leitões de chopp	2.000
	40 Charavilhas	25.000
	40 Empadas de galinha	16.000
	40 Caurarões	8.000
	40 Croquetes de galinha	8.000
	30 Pastéis de Chibita	3.000
	30 Pão IX	3.000
	30 Magdalenas	2.500
	25 Eclair	2.500
	500 Grm. de biscuitos faveas	2.500
	25 Walettes de chocolate	2.500
	1 Kg. de farinha patras	42.000
	100 biscoitos faveas	15.000
	1 Galão de Rhuo	12.500
	Carretos a R. Real Grandeza 70	1.500
		39.700

Recebi em 26 de Julho 1907  
Por boi valente  
Carvalho & Ribey  
300 REIS

## A PRIMEIRA SEPARAÇÃO DA FAMÍLIA

Zita e a sogra permaneceram cerca de um ano em Lisboa. Teriam ficado mais um pouco, a saúde de minha avó ainda não lhe permitia um retorno seguro, mas vovó Badiche morreu subitamente.

Não tinha mais jeito, era preciso voltar para o Brasil e tentar recomeçar a vida. E não foi nem um pouco fácil. O casal teve que sair da bela chácara de Botafogo e mudar-se para uma pequena casa de vila, vizinha à dos pais de Zita, na Rua Real Grandeza.

Na hora de fazer a mudança, mais uma má surpresa. Ao tirar seus pertences do guarda-móveis, Zita descobriu que tudo já tinha sido penhorado – e perdido – pelo marido. Os presentes que ganhara de casamento, as belas porcelanas, os cristais, as baixelas, nada mais existia.

Estava mais pobre do que quando se casara. E tinha um filho para criar. Por isso, aproveitando a boa educação formal que recebera, tornou-se professora com a ajuda de uma irmã solteira que trabalhava em um colégio em Botafogo.

Frederico, seu marido, continuava a dedicar-se a negócios que ninguém sabia muito bem quais eram. Só se viam seus efeitos, que chegavam sob forma de montanhas de dívidas.

Além dos negócios malsucedidos, jogava muito, apostava em cavalos e colecionava amantes.

Obediente à ordem moral da época, Zita suportava tudo, não se sabe se em silêncio. Mas nem mesmo a submissão ao marido resistiu ao último golpe.

Os pais de Zita não tinham muitas posses, mas eram pessoas formais, conservadoras, de educação esmerada, que prezavam o bom nome da família acima de tudo.

Certo dia, foram surpreendidos pela visita de um grupo de homens uniformizados de vermelho. Eram oficiais de justiça. Tinham ordem de lacrar a casa para evitar a saída dos móveis e objetos que viriam a ser leiloados para saldar as dívidas do genro: Frederico.

Ele havia, simplesmente, penhorado os bens dos sogros.

Nenhuma humilhação poderia ser maior do que aquela.

Finalmente, Zita tomou coragem, abandonou o marido e foi morar na casa da mãe, onde passou a habitar um pequeno porão. Por essa época, em torno de 1920, o menino Frederico, que viria a ser meu pai, já estava interno no Colégio Pedro II.

## MINHA AVÓ ME CONTOU

Muitos anos se passaram antes que Zita conseguisse falar desse período. Quando isso aconteceu, já era avó. Uma avó que cuidava dos netos enquanto os pais deles viajavam. Uma delas era eu, ouvinte atenta de suas histórias.

Era sempre à noite que ela me contava sua vida. Foi assim que eu soube que ela achava o marido um homem belíssimo – mas também fofoso. Para ela, criada em um ambiente religioso e extremamente repressivo, o início da vida de casada fora um choque. Ela não estava preparada para um marido tão fofoso. De certa maneira, foi bom que a doença a tivesse esterilizado porque assim teve apenas um filho para criar sozinha. Mas, na época, tudo fora um sofrimento imenso.

A mentalidade da época era dura para com as mulheres. Separada, minha avó se sentia socialmente rebaixada. Basta dizer que ela chegou a ter alguns pretendentes, mas evitou casar-se novamente por vergonha do filho.

Foi uma lutadora. Em vez de deixar-se abater, tornou-se excelente professora. Chegou a ser diretora de um colégio em Botafogo, durante o dia, enquanto dava aulas no antigo Instituto Federal à noite.

Foi por ela que eu soube do destino do meu avô. Continuou do mesmo jeito até o fim da vida, quando só lhe restava a educação européia. Tornou-se uma espécie de guia de turismo e negócios. Todo dia, ia para o cais receber os navios que chegavam. Levava os viajantes para passear, apresentava empresários e negociantes aos que tinham vindo a trabalho.

Chegou a conhecer minhas irmãs mais velhas, mas o nome dele era um verdadeiro tabu; ele não frequentava a família. Meu pai jamais pronunciou o nome do próprio pai.

Frederico, meu avô, morreu em 1939, num quarto de pensão, amasiado a uma mulata que, segundo minha avó, foi muito boa para ele.

## FREDERICO, MEU PAI } III<sup>o</sup>

Para falar de Frederico Darrigue de Faro filho, meu pai, vamos voltar um pouco na história, mas mudando o foco narrativo. Vamos apresentar os mesmos fatos, mas agora vistos pelos olhos de uma criança profundamente marcada pela vida.

E também vamos ver como os percalços da infância podem forjar o caráter de um homem, muito mais do que as facilidades.

Meu pai nasceu no dia 17 de abril de 1908. Foi um parto difícil, realizado numa sexta-feira da paixão. Por esse motivo, ganhou o apelido de Manuelzinho da Paixão.

Teve tudo para ser mais um Frederico mimado da linhagem. Foi o primeiro (e único) filho, o primeiro neto, o primeiro bisneto. Talvez a prolongada doença da mãe tenha evitado que ela o paparicasse demais, o que acabou sendo uma sorte.

O fato é que passava os dias em companhia dos primos, brincando nos jardins da avó baronesa.

Mesmo quando precisou se mudar para Portugal, em companhia da mãe doente e da avó, que ele adorava, não lhe pareceu que a vida tivesse piorado. Ficou fascinado com os vinhedos, os pomares, as frutas que até então desconhecia – como o figo, que passou a adorar.

E foram justamente essas frutas que marcaram a primeira grande tragédia de sua vida. A avó Badiche estava descascando figos para ele quando, subitamente, deixou que a cabeça tombasse para a frente. Estava morta. Ele tinha quatro anos e jamais conseguiu esquecer essa visão.



## É CADA RESPOSTA...

O fato de ser filho e neto único não tornou Frederico mimado, mas fez dele um menino precoce, desses que surpreendem os adultos com respostas rápidas e criativas.

No navio, de volta ao Brasil, resolveram mexer com ele e perguntaram como tomava leite. prontamente, ele respondeu que devia existir um tubo bem comprido, que vinha de Portugal, já que nunca tinha visto uma vaca à bordo.

Sua vivacidade foi a causa da segunda grande separação da família. Logo após perder a avó, Frederico separou-se dos pais para viver com os tios na fazenda de Bom Jardim. Naquela ocasião, os pais tinham ido morar em uma casa modesta, na vila de Botafogo, perto da casa dos avós maternos. Mas a família se encontrava em dificuldades financeiras e o avô não tinha o refinamento considerado necessário para cuidar da educação do neto.

A fazenda Bom Jardim pertencia à família Corrêa da Rocha. Julica, a tia de Frederico (e mais tarde, minha madrinha), era irmã da minha avó Zita. Recém-casada aos 17 anos, sem filhos, adotou o menino com muita afeição. Naquela época ela ainda não sabia, mas jamais teria filhos – e tornou-se mãe de coração de Frederico.

Julica e seu marido, Péricles, foram verdadeiros pais para o menino. Ele dormia no quarto do casal, era querido pelo velho Luiz Corrêa e por sua esposa, Geninha, por todos os empregados, pelas irmãs do padrinho. Sentia-se como um verdadeiro príncipe.

Foi a partir dessa época que ele passou a ser chamado de “Frederiquinho”, para diferenciar do nome do pai.

*Foi estes um das melhores dias que passei em Bom Jardim no período das minhas férias de 1923.*

TRECHO DO DIÁRIO DE FREDERICO ENQUANTO INTERNO NO PEDRO II

## DE VOLTA AO RIO

Ao retornar ao Rio, Frederiquinho foi matriculado no Colégio Rezendes, em Botafogo. Em seguida, foi para o São Bento.

Mas os problemas familiares prosseguiram, minha avó ainda morava com meu avô e o clima em casa era dos piores. A solução que se desenhava foi enviar o menino para o internato, o Colégio Pedro II.

Além de ser o melhor colégio, o Pedro II era a instituição responsável por conferir o certificado de conclusão do curso ginásial. O estudante podia cursar a escola que bem entendesse, até mesmo estudar com moças prendadas que faziam às vezes de professoras. Mas, na hora de conseguir o diploma oficial do curso ginásial, tinha que fazer as provas do Pedro II.

ABRIL 1923

Domingo 8

*Foi este o período das férias de 1923.*

*Foi este um dos melhores dias que passei em Bom Jardim no período das minhas férias de 1923.*

*Eu me imento na ilha saltando para Jardim a meia noite não mas satisfeito.*

*Foi o meu penúltimo dia de férias e talvez o das mais agradáveis. Eu preocupado com a minha partida e na minha entrada para o Internato.*

ABRIL 1923

Lunes 9

9	<i>Foi este o meu último dia de férias.</i>
9 ½	<i>Embarguei a minha demanda atrás o</i>
10	<i>do qual recorro até</i>
10 ½	<i>tão agradável.</i>
11	<i>Fiz uma viagem.</i>
11 ½	<i>Stena e trinta e dois</i>
12	<i>cinco abarrotado.</i>
12 ½	<i>e fui obrigado a ir</i>
1	<i>para de lá após</i>
3	<i>nas correntes de</i>
3 ½	<i>plataforma.</i>
4	<i>Cheguei a casa por</i>
4 ½	<i>de noite em companhia</i>
5	<i>de meu pai que me</i>
5 ½	<i>espera na estação</i>
6	
6 ½	
7	
7 ½	
8	

Por tudo isso, não era fácil conseguir uma vaga no colégio. O processo de seleção era muito rigoroso. Frederiquinho teve aulas particulares intensivas com minha tia Isaura, que era solteira e muito boa professora.

Passou em primeiro lugar, obteve uma bolsa de estudos que o isentava de pagar as taxas necessárias, mesmo em uma escola pública, e ganhou um problema. Só podia entrar no colégio quem já tivesse completado 12 anos.

Frederiquinho tinha apenas dez.

No entanto, para esses assuntos, o pai Frederico era muito bom. Pode-se dizer tudo a respeito dele, menos que não fosse um homem safo. Usou o prestígio da família para conseguir que um cartório fraudasse a data de nascimento do filho e resolveu assim, a seu modo, a questão.

*É isto que ninguém mais do que algumas  
idéias que passaram pela cabeça de  
um grande velho  
Frederico de Azevedo  
1923*

## AS NOITES CINZENTAS

O Pedro II era o melhor colégio do Rio de Janeiro.

Todos os professores eram catedráticos. O ensino incluía aulas de francês, inglês, grego, latim e alemão. Estar ali dentro era um privilégio para os poucos que conseguiam passar pelo rigoroso processo de seleção.

No entanto, crianças necessitam de muito mais do que boa formação acadêmica para serem felizes. Viver interno ali era muito triste.

O Rio de Janeiro já tinha eletricidade, mas nada que se compare com os dias de hoje. A iluminação era precária e sempre bruxuleante. Durante o dia, as imensas salas de aula eram escuras e austeras. À noite, os quartos e corredores variavam entre uma penumbra melancólica e a mais profunda escuridão.

Além disso, o regime disciplinar era extraordinariamente severo. Embora a palmatória já tivesse sido abolida como prática educacional, a escola era um lugar onde meninos aprendiam a calar a boca, ficar quietos, baixar a cabeça e obedecer sem questionar. Nada que um menino extraordinariamente vivo conseguisse fazer com facilidade.

Como resultado, Frederiquinho oscilava entre a melancolia e uma alegria selvagem, que fazia dele o que hoje se conhece como um pestinha. Botava fogo no banheiro, dava nós nas roupas dos outros, enfim, aprontava com vontade e galhardia. Frequentemente ficava de castigo e perdia as saídas.

No entanto, quando saía, o mundo normal lhe parecia uma festa. O pai ia buscá-lo e as festinhas, o cinema, até mesmo a casa, pareciam lugares muito especiais, cheios de luz e calor humano.

Nas férias, minha avó mandava um telegrama para a fazenda Bom Jardim:

*"o menino segue".*

Ele pegava o trem na Leopoldina, sozinho, e rumava para a fazenda, onde passava as férias inteiras.

Eram férias longas, não essas cortinhas que as crianças têm hoje em dia. As aulas terminavam no começo de dezembro e só reiniciavam depois da semana santa.

## O MUNDO SOLAR

A fazenda Bom Jardim ainda vivia do café. Mas tinha também uma casa comercial que era quase uma casa bancária. Além de mercadorias, oferecia serviços financeiros, guardava dinheiro, fazia empréstimos.

Frederiquinho amava tudo aquilo. Circulava pela estrada de ferro, acompanhava a cultura do café, ficava fascinado com a usina hidrelétrica que o padrinho tinha trazido para a região.

Foi ali que começou a se desenhar sua vocação para arquitetura, uma profissão que então não era oficialmente reconhecida. Mais tarde, já estudante na Escola de Belas-Artes, projetou todas as pequenas estações da Leopoldina. E acompanhou o padrinho, que viria a ser prefeito, vereador e deputado da região.

Aos 18 anos, o mundo já lhe parecia novamente claro e ensolarado.

Se havia uma coisa que ele conhecesse bem eram as viradas da vida. Nasceu em tempo de fausto, viveu os últimos anos dourados da família, voltou de Portugal para viver em uma casinha de vila e passou a adolescência dormindo em cima da mesa de sinuca da casa da avó. Mais tarde, construiria sua própria empresa.

Ele sempre me dizia:

*"Minha filha, na vida é muito fácil crescer, o difícil é a quebra de padrão, é você perder repentinamente a situação que tinha."*

Pessoalmente, acredito que o excesso apodrece. Os Fredericos que tiveram muito dinheiro e facilidades perderam a iniciativa. Meu pai teve que batalhar para crescer.

E cresceu.

Quando penso na vida dele, me vem à memória uma frase:

*"Tout passe,  
tout casse,  
tout lasse,  
tout se remplace".*

Tudo passa, tudo quebra, tudo se desgasta e no final, tudo se recompõe.







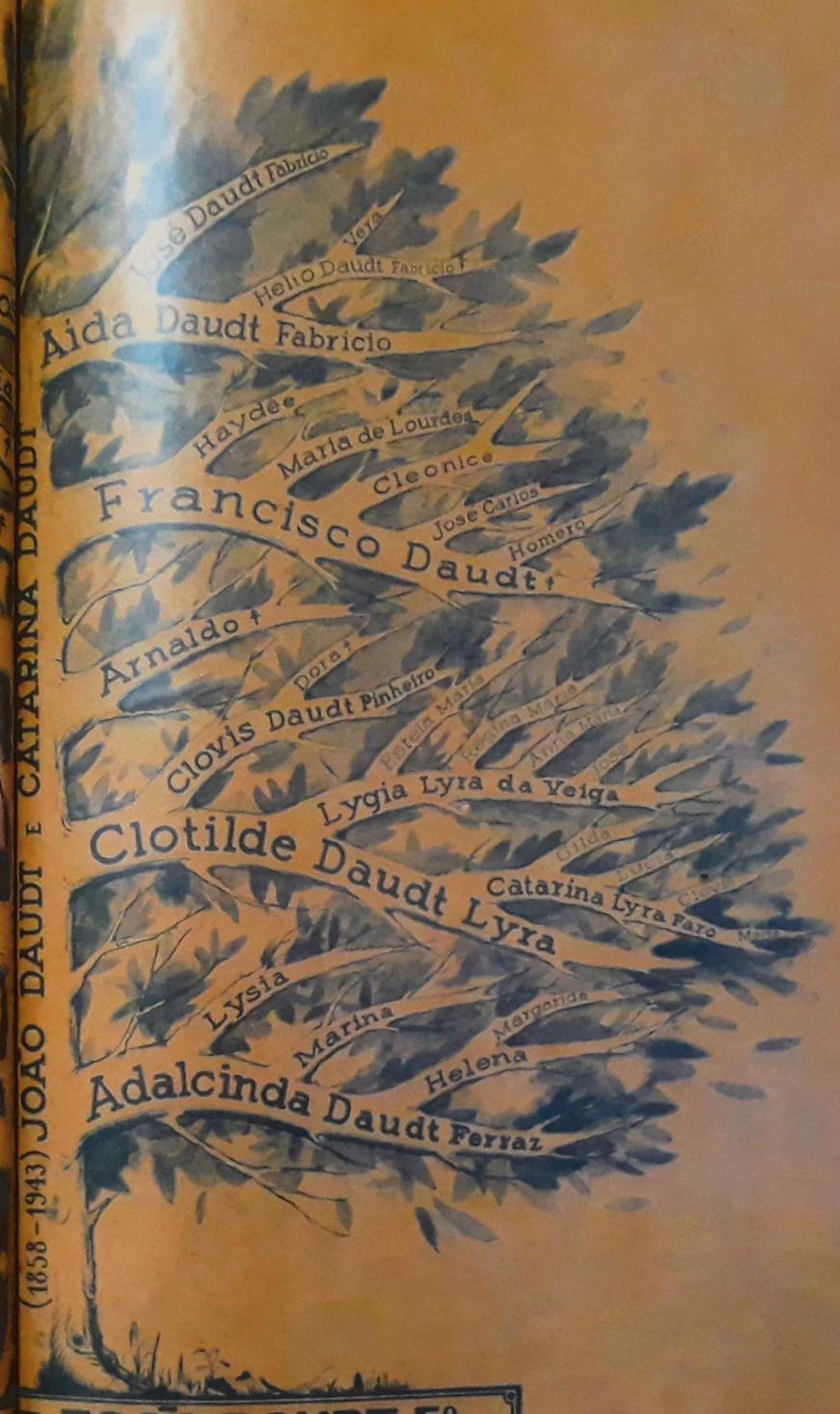
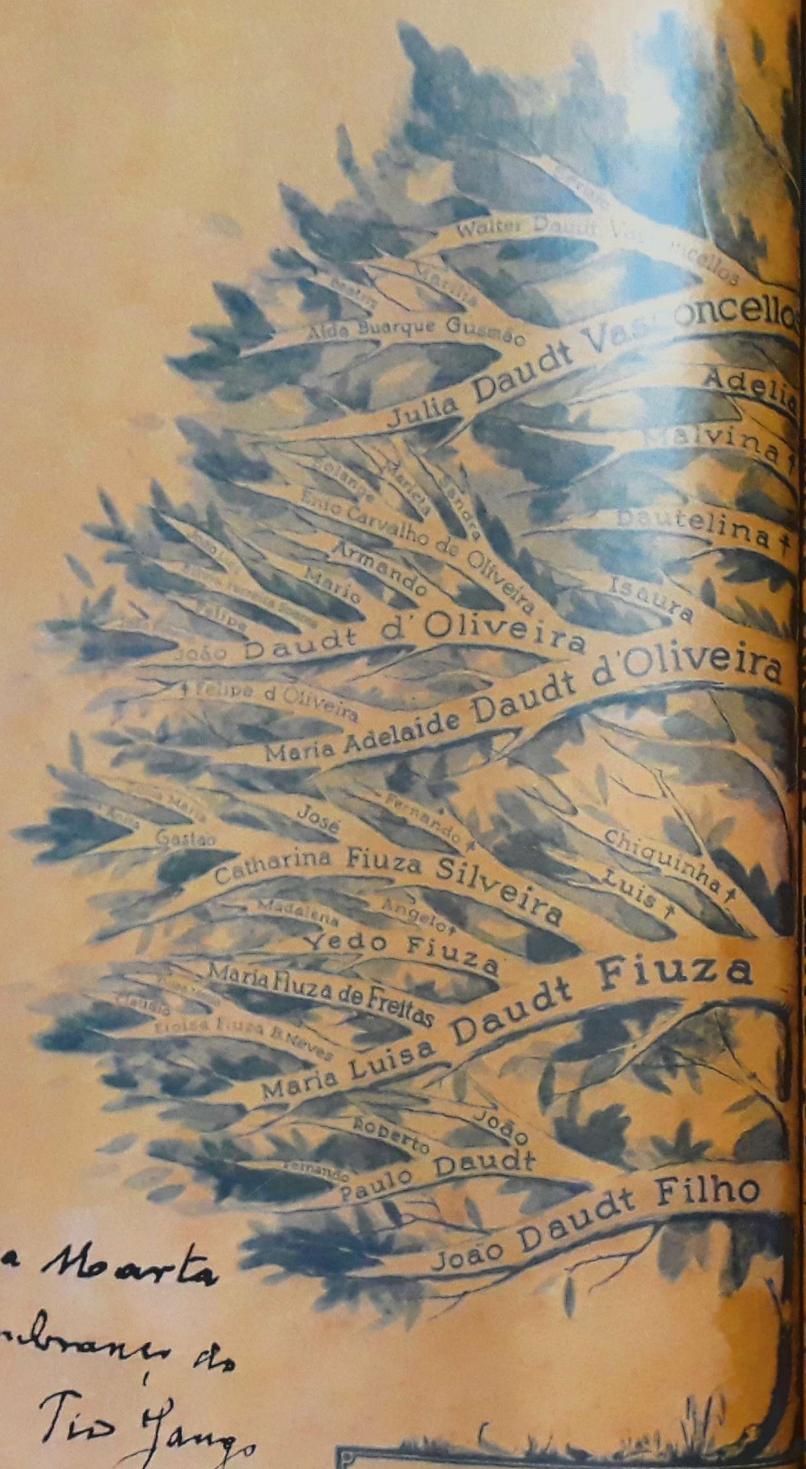
3.  
FAMÍLIA  
DAUDT

*Handwritten text in cursive script, likely a family history or genealogical record, located in the upper left quadrant of the photograph.*

*Handwritten text in cursive script, likely a family history or genealogical record, located in the upper right quadrant of the photograph.*

O Diretor Geral

Tura Moarta  
Lembranças do  
Tio Zango  
Abril 1944



(1858 - 1943) JOÃO DAUDI E CATARINA DAUDI

ORGANISADO POR JOÃO DAUDI Fº  
EM 1943

Os Daudt chegaram ao Brasil em 1824 com outras 126 famílias alemãs que se estabeleceram no Rio Grande do Sul.

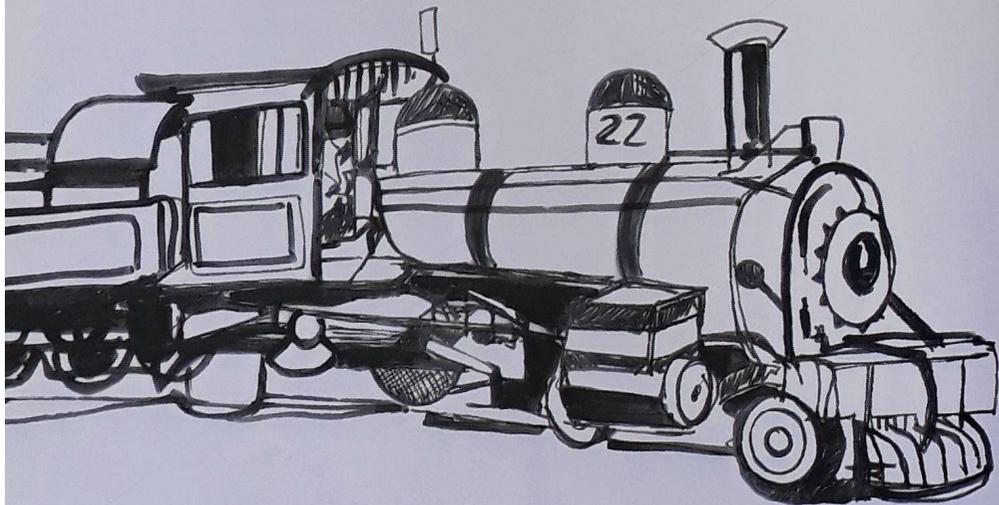
João Daudt, meu tetravô, já tinha 40 anos quando chegou. Antes, tinha sido soldado de Napoleão e condecorado como herói de guerra na batalha de Waterloo. Mas foi atraído pelas promessas de prosperidade que tantos imigrantes trouxeram para o país. Veio casado, com vários filhos e estabeleceu-se em São Leopoldo, a cerca de 100 quilômetros de Porto Alegre, em uma área equivalente a 100 hectares.

Em 1830, já instalado em São Leopoldo, teve mais um filho, batizado com o nome de João.

João era agricultor e criava porcos, bichos bom de tratar, que crescem rápido e se reproduzem com facilidade. Fazia salsichas e salames.

Além disso, era ferreiro e curtidor. Para tudo isso, não poderia estar em melhores terras. A região era própria para a pecuária. Foi ele que criou o primeiro curtume do estado que, hoje, é conhecido por sua pujante indústria calçadista.

Já adulto, João Filho aproveitou a expertise desenvolvida pela família e abriu um fábrica de embutidos, que administrou por algum tempo. Mas, como tantos rapazes de todos os tempos, queria ir para a capital.



## PORTO ALEGRE

Por essa época, uma tia-avó dele, que morava em Porto Alegre, ficara viúva. Seu marido construía os primeiros barcos a vapor que cruzavam o Rio Grande e ela precisava de alguém que a ajudasse nos negócios. João não titubeou. Foi morar com a tia-avó e passou os 15 anos seguintes navegando.

Não era um oficial de marinha, não tinha educação formal para tanto. Mas era o capitão dos vapores que faziam a cabotagem do Rio Grande, Porto Alegre, Pelotas, até Santa Maria da Boca do Monte.

Foi numa dessas viagens que veio a conhecer sua futura mulher, Catharinna Haeffner.

Mas, espere um pouco. Mais uma vez, precisamos puxar a corda do relógio para trás.

Em Santa Maria da Boca do Monte morava outra família de origem alemã. Erañ os Haeffner.

Pai Haeffner chegou ao Brasil em 1826, como mercenário contratado por D. Pedro I, e foi para a Bahia lutar pela independência do país.

## INDEPENDÊNCIA RELATIVA

Aqui cabe um parêntese que as aulas de História do Brasil da escola dificilmente mencionam.

Não. Não bastou que D. Pedro I bradasse Independência ou morte às margens do Ipiranga para que, magicamente, o Brasil se tornasse independente. A independência do país foi um processo longo e difícil, que saiu vitorioso graças a muitos fatores – e um deles foi a contratação de mercenários pelo rei.

Também não se pode esquecer a negociação feita pelo imperador com a Inglaterra. Segundo os termos combinados, Portugal reconheceria a independência do Brasil em troca do pagamento de uma dívida de 25 milhões de libras devidos à Inglaterra.



## UM HOMEM APAIXONADO

Finda a batalha pela independência, Haeffner estabeleceu-se em Santa Maria da Boca do Monte, no Rio Grande do Sul, onde já tinha parentes fixados e prósperos. Ali, o velho soldado montou um pequeno armazém.

Em uma das viagens do vapor, João Daudt conheceu a filha de Haeffner, Catharina, e casou-se com ela.

Após o casamento, minha bisavó bateu o pé. Não gostava de São Leopoldo, onde estava estabelecida a família de meu bisavô Daudt.

Imagino que João Daudt fosse muito apaixonado pela esposa, porque cedeu à sua vontade, abandonou a vida marítima e estabeleceu-se como comerciante de secos e molhados em Santa Maria da Boca do Monte, onde moravam seus sogros.

Mas tudo conspirava contra a acomodação.

A Guerra dos Farrapos (1835-1845) – também conhecida como Revolu-



ção Farroupilha - tornou a vida dos imigrantes menos belicosos impossível. Embora inicialmente não tivesse um caráter separatista, rapidamente evoluiu para isso.

Os gaúchos sempre foram muito apaixonados e extremistas. Isso pode ser visto ainda hoje. No futebol, dividem-se entre gremistas e colorados com um grau de comprometimento social que não se encontra em outros estados brasileiros. Imaginem então em tempo de guerra.

Eram os Farroupilhas contra os Imperiais. Mesmo quem não tinha nada a ver com a guerra pagava seu preço. Não havia espaço para a neutralidade. Foi um tempo de violência extrema, de saques e desordem que afetava imensamente os imigrantes que tinham se mudado para o país em busca de terra fértil, trabalho e prosperidade – e nada mais.

Enquanto o Duque de Caxias não conseguiu pacificar o confronto, o Rio Grande do Sul viveu tempos de terrível insegurança.

## SANTA MARIA DA BOCA DO MONTE

Para preservar a família, meu bisavô foi para os pampas. Só no fim da guerra retornou a Santa Maria.

Ali, em 1858, nasceu seu primogênito: João Daudt Filho. A ele seguiram-se outras nove crianças. Minha avó Clotilde, a antepenúltima a nascer, é de 1876.

Ao contrário do marido, um tipo grande, louro e com os olhos bem azuis, Catharina não era uma mulher bonita. Mas era refinada e culta. Tocava piano com esmero e sempre incutiu nos filhos o apreço pela cultura.

O primogênito teve, inicialmente em casa, uma ótima formação. Estudou piano e alemão. E, apesar de ser um filho adorado, foi enviado para o colégio interno dos jesuítas, em São Leopoldo.

Mais tarde, com muito esforço, foi enviado a Porto Alegre para concluir sua educação formal e fazer o curso preparatório para ingressar na faculdade.

## A QUITANDA DE EMPADINHAS

Naquele tempo, faculdades só existiam nas grandes cidades. Nem Porto Alegre tinha uma. Manter um filho estudando na capital era para gente rica, coisa que os Daudt estavam longe de ser.

Para que João Daudt Filho pudesse cursar a faculdade, minha bisavó Catharina, que era exímia cozinheira, montou uma pequena produção de empadinhas, croquetes e comidinhas em casa.

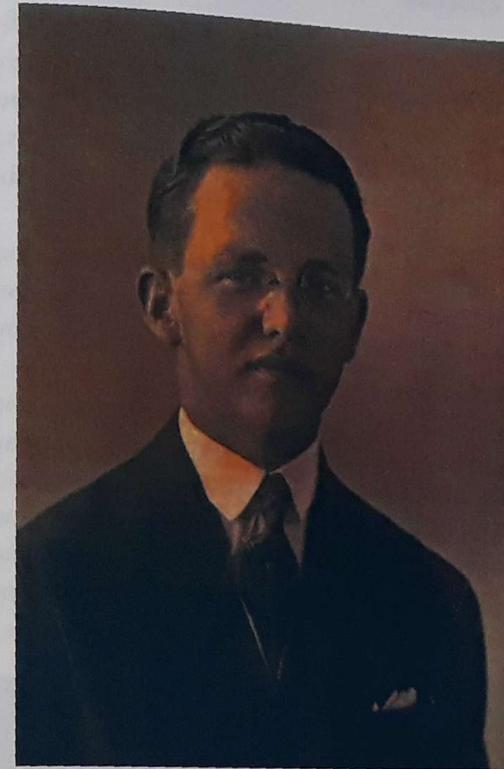
Ela e as filhas cozinhavam, os escravos domésticos saíam com grandes tabuleiros, chamados quitandas, e vendiam os salgados e geléias nas ruas.

A casa era cheia de mulheres. Maria Luiza, que eu chamava de vovó Bibi, Adélia, Aída, Lavínia, Clotilde e a mais moça que só conheço pelo apelido Cindinha, e ainda Adelaide.

Bibi era muito bonita e estava noiva de um importante político chamado Júlio de Castilhos – que tinha sido colega de meu tio João, apelidado em família de Jango.

O problema é que fazer quitandas era uma atividade malvista pelas classes mais abastadas. Ninguém olhava aquele esforço todo e achava bonito, ninguém admirava a tenacidade daquelas mulheres.

Só o que viam era a pobreza, a falta de um berço nobre.



Os comentários sobre as quitandas acabaram chegando aos ouvidos da mãe de Júlio de Castilhos, que exigiu o fim imediato do noivado.

Foi como um tapa na cara da família.

Tio Jango ficou com uma mágoa sem tamanho.

Toda a comunidade familiar trabalhava para o monte, que era como chamavam na época o dinheiro guardado em casa. E era o monte de que sustentava a faculdade de Farmácia de tio Jango. Medicina estava fora de cogitação. Eram seis anos de curso, contra os quatro de Farmácia. Dois anos a mais de despesas pesadas.

Quando a carta de rompimento de noivado chegou, Tio Jango estava terminando a faculdade.

Jamais perdoou o colega pela desfeita.

## O TREZE DE MAIO

Depois de formado, tio Jango retornou a Santa Maria da Boca do Monte e abriu sua farmácia. Rapidamente, o estabelecimento ganhou prestígio.

Naquela época, o farmacêutico era quase um médico. Fabricava fórmulas, fazia pequenos curativos, cuidava de ferimentos e visitava as famílias.

Com tino empresarial aguçado, tio Jango montou um laboratório que logo prosperou.

Em 1889, vovó Catharina não precisava mais fazer suas quitandas.

Além de empresário bem sucedido, tio Jango decidiu também investir em cultura, herança da formação materna. Juntamente com outros amigos, comprou um teatro.

Era o Treze de Maio que, como o próprio nome deixava bem claro, homenageava a abolição da escravatura. De uma igreja em demolição, compraram os bancos e o madeirame. E a cidade passou a ter um teatro de verdade. O prédio existe até hoje, mas atualmente é uma biblioteca pública.

Tio Jango foi um industrial bem sucedido. Mas era realmente feliz em seu teatro. Ali, era o diretor, o diretor musical e fazia pequenas peças.



## MAIS UM RAMAL DE ESTRADA DE FERRO NA FAMÍLIA

Nossa família sempre foi muito ligada às estradas de ferro. Sempre houve um momento na vida de cada um em que os trilhos tiveram importância fundamental.

No final do séc. XIX, estava sendo construído um grande ramal ferroviário, uma junção de várias estradas de ferro que ligariam Porto Alegre ao interior.

Um dos problemas das estradas de ferro brasileiras era a falta de padronização das bitolas. Como eram construções feitas pelos grandes usineiros, cada um fazia sua própria medida.

Por esse motivo, era necessário que houvessem locais para fazer o transbordo de uma composição para outra. E nesses locais, era preciso que se construíssem armazéns. A consequência era um grande incremento do comércio local.

Onde se construía uma estação de transbordo, chegava o progresso.

Tio Jango, sempre um homem de visão, doou terrenos em Santa Maria para que fosse construído o terminal ferroviário. Com isso, a cidade tornou-se parada obrigatória para as diversas linhas que cruzavam o estado.



## ATÉ NOIVO VEM NO TREM

Certa vez, um engenheiro da estrada de ferro chamado José Fernandes Pinheiro foi ao Treze de Maio assistir uma peça musical. Lá, conheceu Clotilde, irmã de tio Jango, exímia pianista que não perdia um musical.

Apaixonou-se por ela e em pouco tempo estavam casados. E o engenheiro passou a ser o tio Pinheiro.

## O LABORATÓRIO DE TIO JANGO

Tio Jango enriqueceu em Santa Maria. Sua farmácia não se limitava ao atendimento no balcão. Ele desenvolvia fórmulas originais em seu laboratório.

O primeiro remédio com patente registrada no Brasil, em 1894, um cicatrizante chamado Bora Borácica, é de autoria dele.

E a mesma organização doméstica que o tinha ajudado a se formar fez a riqueza da família.

Em vez das quitandas, o laboratório.

Tio Jango criava as fórmulas e as irmãs fabricavam os elixires, xaropes e outros produtos. Já se desenhava ali o perfil de patricarca. Ainda jovem, o próspero farmacêutico já era a referência de toda a família.

### INSTITUTO SANITARIO FEDERAL

LICENÇA PARA VENDA DE PREPARADOS MEDICINAIS

*Sanitarius Institut in hinc ita disposições da Regulamento que baixou com o Decreto n.º 1447 de 12 de Janeiro de 1894, concede ao Pharmaceutico*  
*João Daudt filho*  
*licença para preparar e expor à venda o preparado denominado*  
*"Bora-borácica" com a condição de modificar os prospectos apresentados e declarar*  
*elles e nos rotulos que o seu preparado é apenas*  
*Indicado no tratamento das feridas e ulcões, de al*  
*guns caxomas e das affecções parasitarias da pelle.*  
Hospital Federal, 6 de Novembro de 1894

## O JOVEM PAI

No final da década de 1890, o Sul era um caldeirão de paixões políticas. A república, a abolição da escravatura, nada ficava imune à agitação, ninguém conseguia manter-se neutro.

Nas pequenas cidades, o clima era ainda mais passional. Era difícil prosperar em meio à turbulência.

Tio Jango foi pego por tabela. Maria Adelaide, sua irmã, havia se casado com um juiz de paz pernambucado, chamado Felipe Alves de Oliveira, metido, como todos os homens, na política.

Certo dia, Maria Adelaide, grávida de seu terceiro filho, passeava com o marido na calçada quando o juiz foi baleado.

O tiro foi fatal. Chamado às pressas na farmácia, tio Jango pode apenas ouvir o último pedido do amigo: que cuidasse de seus filhos.

Assim, assumiu a paternidade de João e Isaura Daudt de Oliveira, e do bebê Felipe, que viria a nascer dali a dois meses.

## VINGANÇA

A dedicação de tio Jango às crianças foi tão completa que ele próprio só viria a casar-se aos 40 anos. Mas ainda estávamos longe disso.

Como eu disse antes, o tempo era de paixões. E tio Jango decidiu vingar a morte do cunhado. O mandante era um importante político local e decidiu não ficar de braços cruzados enquanto tio Jango tentava enquadrá-lo nas malhas da lei.

No fim, venceu o mais forte. Embora honrado, tio Jango foi perseguido, jurado de morte, chegou mesmo a ser preso.

Acabou precisando se exilar na fronteira com a Argentina até que a situação se acalmasse.

## COMEÇAR DO ZERO

Não havia mais clima para ele em Santa Maria. Vendeu o que tinha e mudou-se para Porto Alegre.

Ali, associou-se a outro farmacêutico e abriu seu laboratório na rua da Praia, até hoje um importante pólo comercial da cidade.

Foi preciso recomeçar do zero. Mas isso não o assustava. Além de competente, contava com um dom: era muito simpático.

Em apenas um ano, conseguiu trazer de Santa Maria sua irmã Adelaide com os três sobrinhos. Veio também Malvina, uma irmã solteirona, que passou a ajudá-lo a fabricar o Bora Borácica.

Tio Jango acreditava em novas idéias. Sabia que não bastava ter um bom produto se ninguém o conhecesse. Investiu fortemente em propaganda.

Além disso, transferiu o laboratório para um galpão, onde começou a testar novos produtos.

Associou-se a outro farmacêutico, dono da fórmula da Saúde da Mulher, um regulador menstrual de imenso sucesso.

Outro produto muito bem sucedido durante quase um século foi o xarope para tosse Bromil.



## A MOÇA NA CALÇADA

Certo dia de 1898, o já quarentão Jango estava caminhando pela rua quando viu uma moça à janela.

Era Haydée Simões Lopes, que passava uma temporada em casa dos avós, em Porto Alegre, porque sua mãe, viúva de Vicente Simões Lopes, havia contraído segundas núpcias.

Apaixonou-se perdidamente.

Casaram-se em alguns meses.

Por volta de 1903, decidiu expandir seus negócios. Mandou Francisco Daudt, seu irmão caçula, abrir uma farmácia e uma filial do laboratório no Rio de Janeiro. Despachar a mercadoria para a capital custava muito caro. Era melhor produzir diretamente ali.

Com a ajuda de José Lyra, um tio de Haydée, os negócios se expandiram com celeridade.

Em 1911 foi pai pela primeira vez. Paulo já nasceu filho de um homem rico.

Em 1912, decidiram se transferir de vez para o Rio de Janeiro. E aqui produziram remédios que passaram de gerações em gerações, como o Odol, Bromil, Malvona e tantos outros.

O laboratório ficou nas mãos da família até 1980, quando foi comprado por uma multinacional.





Alunos de aniversário na casa do Sr. Ganga

rua Alice 51, projeto e execução P.P. Voz e Leo L.

## A TRIBO

A vinda de tio Jango foi, obviamente, sucedida pela do resto da família. Ele era o chefe da tribo.

Vieram os pais dele, irmãs, sobrinhos. Era a grande família, sempre aglutinada em torno dele.

À medida que seus antigos sócios gaúchos foram morrendo, ele abriu nova sociedade, agora com os sobrinhos que havia criado como filhos: João e Felipe Daudt de Oliveira.

Para coroar seu sucesso, comprou uma bela propriedade na rua Marechal Pires Ferreira, no Cosme Velho. De um lado, passou a morar Felipe Daudt de Oliveira, sua mãe, Adelaide e a irmã solteira, Isaurinha.

Na casa ao lado, instalou-se João Daudt de Oliveira.

Ali casou-se, ali viu sua primeira mulher morrer de parto, ali viu seu filho, Ênio, ser criado por sua mãe Adelaide e sua tia Isaurinha.

João, então, casou-se com uma moça belíssima, que chamávamos de vovó Tetéia, e teve mais quatro filhos.

## UM BOM OBSERVADOR

Quando meu pai conheceu minha mãe, em 1932, passou a conviver com todas as irmãs Daudt.

Foi dele a observação que melhor definiu tio Jango.

Notou que as pessoas se referiram a ele como o provedor da família. Era sempre assim: tio Jango comprou o enxoval de fulana, tio Jango custeou o tratamento para sicrana, tio Jango pagou os estudos de um outro.

No entanto, toda história vinha acompanhada por um toque de decepção. Pagou o enxoval? Ah, mas podia ter dado mais ... Custeou o médico? Ah, mas também podia ter ajudado na recuperação.

Era o problema dos ricos. Por mais que ajudassem, sempre parecia pouco.

Essa postura estava tão introjetada na família que foi preciso que chegasse alguém de fora, como meu pai, para alertar.

Papai dizia:

*"Coitado do tio Jango, um homem que deu tanto e ficou com a fama de ter dado tão pouco".*

Mas o fato é que ele teve uma vida próspera e feliz. Morreu aos 90 anos, em 1948, na casa que construiu, com projeto de meu pai, na rua Alice.

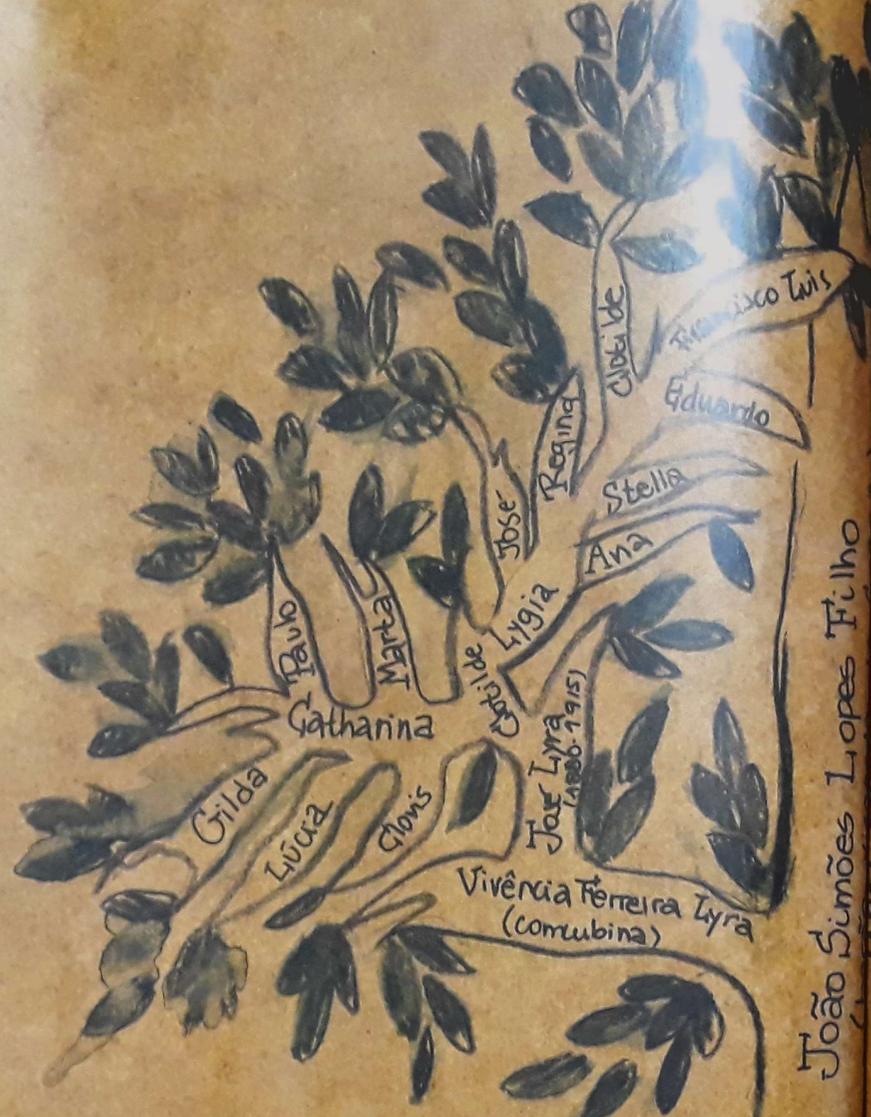


*Reiço de aniversário morte do tio Jango*

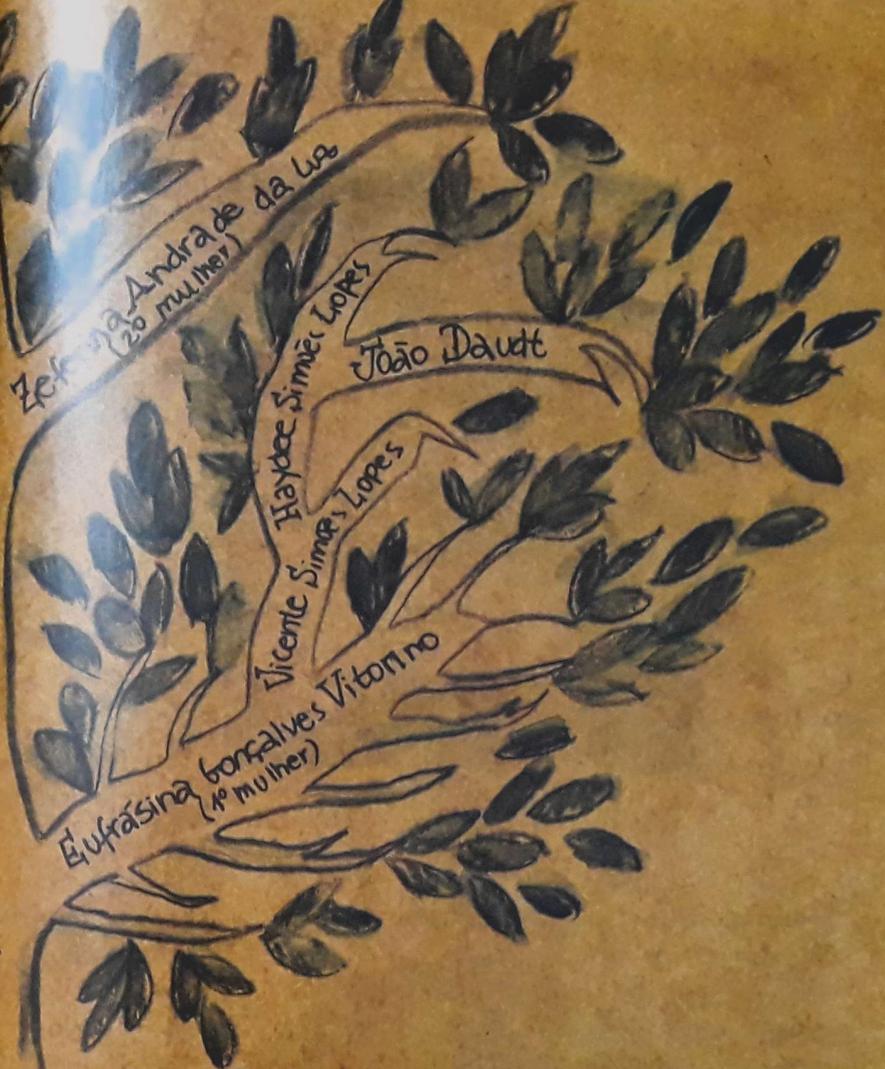
4.

FAMÍLIA  
SIMÕES  
LOPES

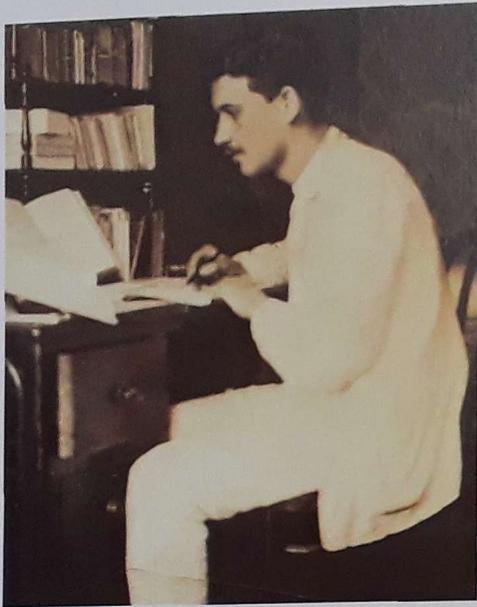
Mais je ne suis belle  
parce de sincère  
artificielles semissent  
pubère, elles se firent  
font faites pour  
le homme un cha  
secret à tout ce que  
pas de la pais  
contain  
succesment  
je ne suis on ne  
formis les plus souve  
je ne suis a une de  
succesment le secret  
des vois intes, je devie  
alors un souffle de la  
Mais je suis au  
transparence en glais  
d'inspire et je laisse  
je ne suis non plus de



João Simões Lopes Filho  
 (1814-1815)



Obs. João Simões Lopes teve 32 filhos.



JOSÉ LYRA

Meu avô José Lyra, pai de minha mãe, vem do ramo gaúcho da família. Na verdade, vem dos Simões Lopes, mas ele nasceu “do outro lado dos lençóis”, como diziam à época a respeito dos filhos ilegítimos. O pai do meu bisavô é o Visconde da Graça, João Simões Lopes, nascido em Pelotas. O pai dele veio de Portugal. Enriqueceu aqui com a vinda de D. João VI fazendo comércio entre Montevideú, Rio Grande do Sul, Pelotas, Rio de Janeiro e Europa.

Meu bisavô, João Simões Lopes, nasceu em Pelotas, em 1817, onde seu pai havia recebido grandes sesmarias.

Casou-se três vezes.

Dois casamentos foram legais. Um não.

E justamente esse foi com minha bisavó Vicencia Ferreira Lyra.

Teve doze filhos do primeiro casamento, dez do segundo e mais dez com minha bisavó.

A organização familiar criada por ele criou certo escândalo na sociedade da época. Afinal, era um visconde, chefe de partido conservador, grande comerciante, estancieiro. Mas nada convencional.

Enquanto estava casado com a segunda mulher, mantinha, na mesma rua, três casa abaixo, minha bisavó como amante.

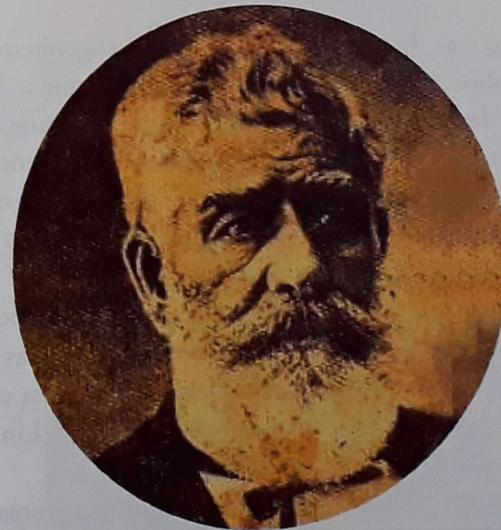
Vicencia Ferreira Lyra nasceu em Fortaleza, em 1856, e parece que teve o primeiro filho com meu bisavô aos 15 anos de idade. É provável que o pai dela tenha sido um pequeno comerciante seduzido pelo prestígio do visconde para permitir que a filha se tornasse, nas palavras da época, “uma amante teúda e manteúda”.

Ao mesmo tempo que sua segunda mulher dava à luz um filho, quase na mesma semana, nascia um outro filho da amante.

No entanto, ao que tudo indica, tal arranjo não causava discórdias. Meu avô contava que as duas famílias frequentavam a mesma igreja. A mulher oficial ficava de um lado, minha bisavó com sua prole do outro.

João Simões Lopes faleceu em 1893. E, por incrível que pareça, minha bisavó casou-se novamente e ainda teve três filhos.

Meu avô, José Lyra, é o sexto filho de Vicencia Ferreira com o Visconde da Graça.



VISCONDE DA GRAÇA



JOÃO SALUSTIANO LYRA

## UM HERÓI

Um dos meus tios, João Salustiano Lyra, foi engenheiro e oficial do exército. Sua dedicação aos estudos era tão intensa que a Academia Militar o enviou à Alemanha para especializar-se em mensuração de terras.

De volta ao Brasil, trabalhou por quatro anos com o general Rondon.

Acabou tendo morte heróica ao salvar um companheiro que se afogava em um dos afluentes do Amazonas. Conseguiu levar o amigo até a margem mas ele próprio foi carregado pela correnteza.

Contam que, pouco antes de ser definitivamente tragado pelas águas, ainda conseguiu atirar para a margem seu caderno com as últimas mensurações.

Deixou três filhos. Um deles, Heitor Lyra, veio a morar em um prédio que foi construído por meu pai na rua Professora Estelita Lins. Foi o único parente que conheci do lado do meu avô José Lyra.

Dizem que José era um homem bonito, muito conversador, bom de papo. Meu tio Jango o conheceu quando trabalhava na companhia de gás de Porto Alegre, onde fora um dos diretores.

## A ALMA DO NEGÓCIO

E ele era muito competente no trabalho. Quando tio Jango resolveu abrir a filial de seu laboratório no Rio de Janeiro, além de mandar o irmão mais moço, Francisco, contratou também meu avô José Lyra para fazer a divulgação dos produtos.



A atividade da propaganda ainda era incipiente. Mas meu avô tinha faro para o negócio.

Como era muito bonito e jogava sinuca muito bem, ele ia para as cidades pequenas e organizava um campeonato de luta ou de bilhar, o que fosse mais comum na área. Aproveitava os campeonatos para divulgar os produtos do laboratório.

Começou a criar folhetos, almanaques, calendários. E fazia tudo com tamanha competência que tio Jango financiou um curso de propaganda para ele nos Estados Unidos.

Meu avô morreu bem moço, aos 35 anos. E mesmo assim deixou sua marca.

O primeiro anúncio luminoso colorido do Rio de Janeiro, com três imagens simulando movimento, foi feito por ele. Ficava exposto no Edifício Avenida Central, no antigo tabuleiro da baiana, onde existia o Hotel Avenida.

Fez um sucesso tremendo.

Em 1908 houve uma grande Exposição Nacional no Rio de Janeiro. Meu avô achou que era uma boa oportunidade para fazer uma propaganda específica dos produtos da Daudt.

Criou uma promoção sensacional. Mandou fazer uma vela de cera gigante, de dois metros de altura e colocou-a, acesa, numa vitrine, em um dos principais estandes da Exposição.

Quem adivinhasse o dia em que a chama se apagaria, ganharia um prêmio de cinco contos de réis, que era na época uma quantia bem gorda.

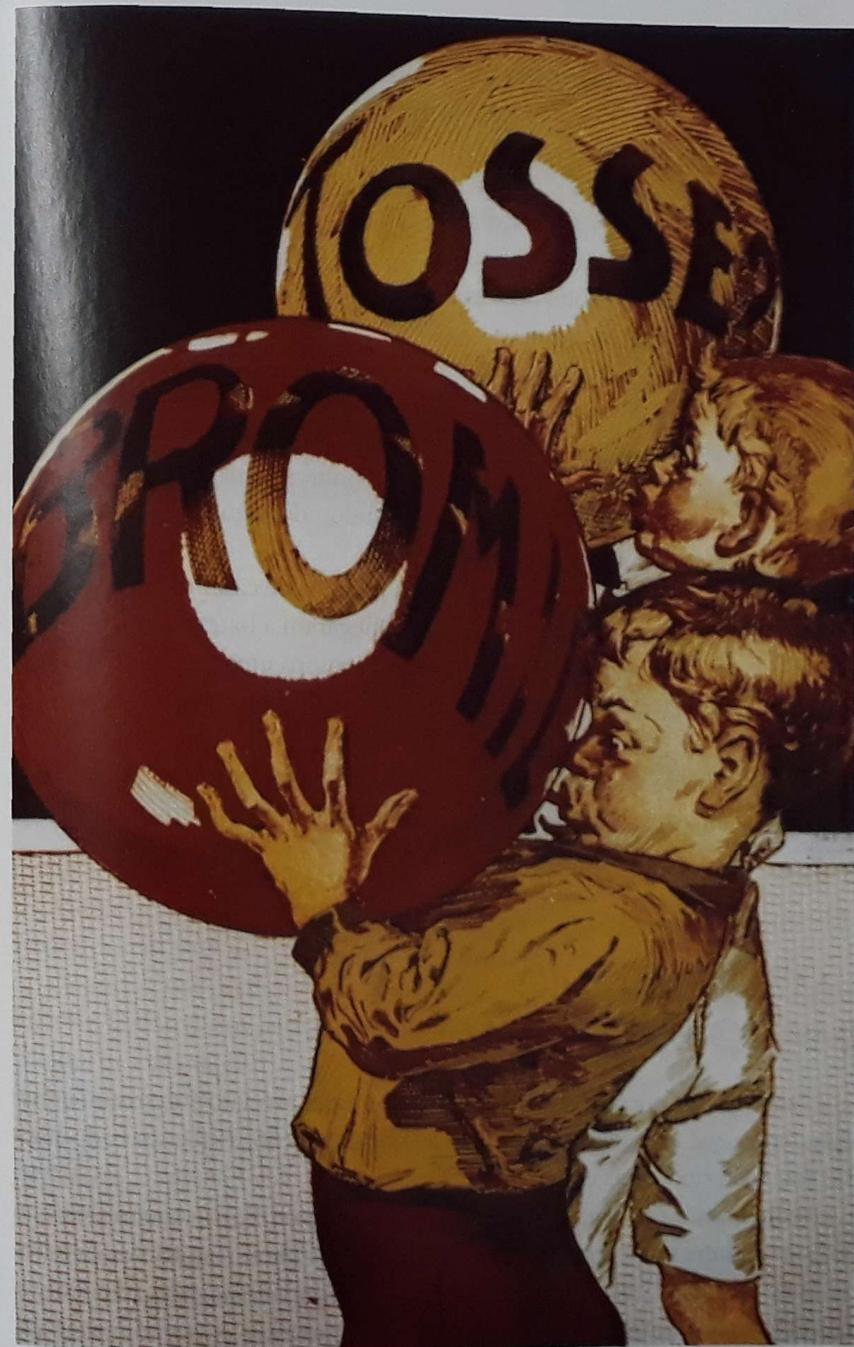
A vela ficou acesa durante mais de dois meses e gerou uma movimentação tremenda. Surgiram concursos paralelos, bolsas de apostas. E o nome Daudt foi divulgado no Brasil inteiro.

A ideia foi tão boa que o tio Jango resolveu promover outro concurso, dessa vez em Porto Alegre.

Prometeu prêmios para as mil crianças que criassem quadrinhas sobre o xarope Bromil. Montou um palanque para que elas se apresentassem.

A quadrinha vencedora dizia assim:

*O Jorge conta ao Juquinha como esse Bromil é doce  
e como com ele curou-se da coqueluche que tinha.  
E o mais pequenino, o Gil, já conseguiu aprender,  
três nomes que anda a aprender: mamãe, papai e Bromil.*



## ANEMIA PERNICIOSA

Por essa época, minha avó Clotilde já estava morando no Rio.

Ela tinha sido casada em primeiras núpcias com um engenheiro civil, o tio Pinheiro. Mas foi muito infeliz porque adorava o marido, que adoeceu logo depois do nascimento de meu tio Clóvis Daudt Pinheiro.

Ele contrariou leucemia, na época chamada de anemia perniciosa.

Os médicos aconselharam mudança de clima e eles foram para Cruz Alta.

Lá, ela conheceu o pai do Êrico Veríssimo, que era farmacêutico, e foi boníssimo para ela. Quando meu avô tinha as grandes crises, de madrugada, ela batia na porta da farmácia.

Mas a mudança de ares não surtiu efeito e retornaram a Santa Maria com meu tio, que devia ter uns oito ou nove meses.

E no mesmo lugar onde ela casou, meu tio Pinheiro faleceu.

Ficou viúva aos 21 anos. E ela era muito bonita, tanto que causava ciúme nas duas irmãs solteiras: Adélia, que cuidou do meu tio Felipe, e a tia Malvina, que nunca se casou.

Minha avó contava que recebeu vários pedidos de casamento, mas sempre os recusava por causa das irmãs, que chegaram a bater nela.

Numa constelação familiar, a viúva era sempre uma ameaça. Era uma mulher que já havia tido vida sexual ativa, e sempre havia uma sombra de suspeita de que pudesse pular a cerca.

Como Clotilde não tinha recursos, voltou a morar na casa dos pais, que ainda estavam vivos. E foi mais controlada do que seria caso estivesse solteira.

## UM PATRIMÔNIO CHAMADO EDUCAÇÃO

Como tantas outras pessoas da família, minha avó Clotilde tinha consciência de que a riqueza da família viria da educação. E fez de tudo para formar meu tio Clóvis engenheiro.

Assim que ele cresceu um pouco, ela mudou-se para Porto Alegre para que fizesse os exames preparatórios. Mais tarde, acompanhou-o ao Rio de Janeiro.

Já no Rio, sua situação financeira tornou-se ainda mais delicada. Estava com 38 anos, era uma mulher bonita, e começou a ser cortejada por José Lyra, um homem cinco anos mais jovem que ela.



LYGIA E CATHARINA

Foi tia Haydèe, casada com tio Jango, quem serviu de cupido na articulação do casamento dos dois. Ela fazia a maior propaganda do tio, dizia que ele era promissor, inteligente, seria bom para o Clóvis, iria protegê-la.

Minha avó aceitou.

Mas meu tio Clóvis, que tinha 17 anos, ficou tão revoltado que chegou a sair de casa.

Ainda bem que a birra do filho não impediu seu casamento, que foi realizado em 1912.

Quando José Lyra voltou dos Estados Unidos, montou para ela uma casa linda como um palacete na rua Paissandu. Mandou virem móveis das melhores lojas da Europa, cristais, pratarias.

Pouco depois, nascia minha tia Lygia, filha de um casamento que tinha tudo para ser feliz. Mas, quando minha avó engravidou de minha mãe, José Lyra adoeceu.

Assim como tio Pinheiro, morreu de leucemia, um mês depois do nascimento de minha mãe Catharina.

Minha avó Clotilde teve uma vida muito difícil. Mas tio Jango foi extremamente correto. Até morrer, ela recebeu uma pensão com a qual educou as duas filhas.



JOSÉ DAUDT FABRICIO E CLOVIS DAUDT PINHEIRO



CLOVIS DAUDT PINHEIRO

## RUA PAULO DE FRONTIN

Com a morte do meu avô, minha avó Clotilde achou por bem entregar a casa e alugar outra, mais simples, na rua Paulo de Frontin, onde já moravam quase todas as irmãs: tia Cindinha, que tinha três filhas, Lísia, Marina e Helena; tia Adélia, Dedéia, que era solteira, a tia Aída e o marido.

Com restante do dinheiro da venda da casa, comprou duas outras, para alugar, em Santa Teresa, na rua Santa Cristina.

Era uma pessoa muito equilibrada e conseguiu educar muito bem as filhas.

Minha tia Lygia foi sempre muito bonita, morena de tipo brejeiro, saudável, alegre. Minha mãe, não sei se porque já nasceu órfã, era mais franzina, alourada, gaga e sempre teve uma saúde mais frágil.



CATHARINA



STUDIO TRIANON



Era um patinho feio.

Na primeira infância delas, meu tio Clóvis ainda era solteiro e morava com a mãe. Assim que ele se formou, se empregou, abriu uma firma de construção de estradas e rodagens, trabalhou muito e progrediu rapidamente. Só se casou aos 30 anos, e teve a satisfação de levar a mulher para a casa que construiu com seus próprios recursos, na Marechal Pires Ferreira. Era uma moça muito bonita, de Nova Friburgo, Maria José, nós a chamávamos de tia Mary.

Minha mãe sempre deu a impressão de ter tido uma infância triste. Nunca falou de passeios, viagens. Minha avó dizia que primeiro precisava enfeitar as filhas para dentro, dar uma formação moral e cultural. Só depois as enfeitaria por fora, na medida do possível.

Tia Lygia estudou, inicialmente, no externato do Colégio Sacré Coeur, na rua Cândido Mendes. Mais tarde, foi transferida para internato do Alto da Boa Vista

Minha avó não tinha recursos para manter duas filhas em colégios internos. Era muito caro.

Como minha mãe era mais frágil, foi matriculada em uma escola pública próxima de casa, a Tico-Tico.

## O VIOLINO GUARDADO

Minha avó fazia questão de que a filha tivesse educação musical e desde cedo minha mãe aprendeu a tocar violino. Fez o curso completo na Escola de Música.

Quando estava noiva do meu pai, um dia perguntou a ele:

*- Você gosta, Faro, de violino?*

E ele respondeu:

*- Eu gosto, se você gostar.*

*- Então não gosto.*

Ela fechou o violino e nunca mais tocou, para desgosto de minha avó.

# L'ENFANT DU TICO TICO

Minha tia estudava no Sacré Coeur e enviava cartas para mamãe. Era praxe as meninas colocarem embaixo da assinatura "E.S.C.- enfant du Sacré Coeur". Minha mãe, que estudava na escola Tico Tico, achou muito bonito aquilo e, quando mandava as cartas para a irmã, colocava "Catharina Daudt Lyra" e botava ESC também. Minha tia falou:

"você não pode botar E.S.C., você não é enfant du Sacré Coeur.  
Você tem que botar E.T.T, Escola Tico Tico".



ESCOLA TICO TICO

la paix reconfortante.  
Il a expérimenté ses forces, il  
les a retrouvés.  
Est-ce l'océan ou le cœur de l'homme?  
Catharina

Je réside au fond des vallées,  
je demeure au fond des  
bois, mais je viens de  
bien plus loin encore,  
des lointaines régions où  
ne sont jamais arrivées  
les fumées grises des  
machines modernes.  
Je sais exprimer, les plus  
nobles sentiments, et voir

Mais je ne suis telle que  
parce de sincère; les fleurs  
artificielles semissent ma  
jubilée, elles ne furent  
jamais faites pour moi.  
Le homme un charme  
secret à tout ce que je touche  
car je garde la paix qui  
illumine et embrasse dé-  
licieusement.

quelquefois on me revêt des  
formes les plus souples,  
je ressemble à une mélodie  
murmurée tendrement par  
des voix célestes, je deviens  
alors un souffle de fraîcheur.

Minha mãe ficou triste.

Mais tarde, quando ela concluiu o que seria o clássico, minha avó conseguiu recursos e a matriculou no Sacré Coeur.

Como era muito inteligente, em apenas três meses já escrevia e falava francês correntemente. Minha mãe ficou felicíssima, ali fez grandes amigas para a vida inteira.

E se sentiu resgatada.

Finalmente, pode ter sua assinatura arrematada com E.S.C.

la paix reconfortante.  
Il a expérimenté ses forces, il  
les a retrouvés.

Est-ce l'océan ou le cœur de l'homme?

Catharina

Je réside au fond des vallées,  
je demeure au fond des  
bois, mais je viens de  
bien plus loin encore,  
des lointaines régions où  
ne sont jamais arrivées  
les fumées grises des  
machines modernes.

Je sais exprimer, les plus  
nobles sentiments, et voir

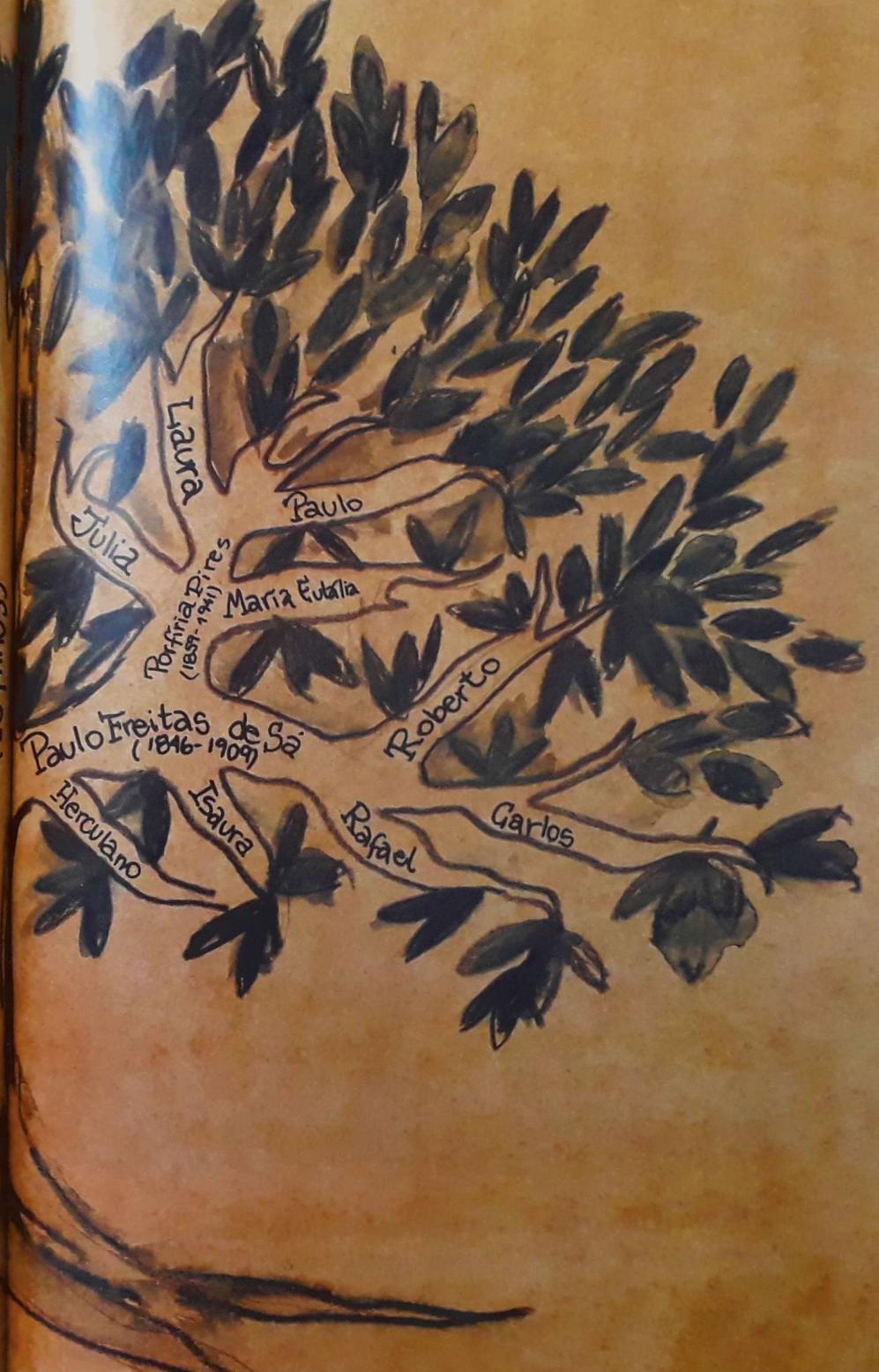
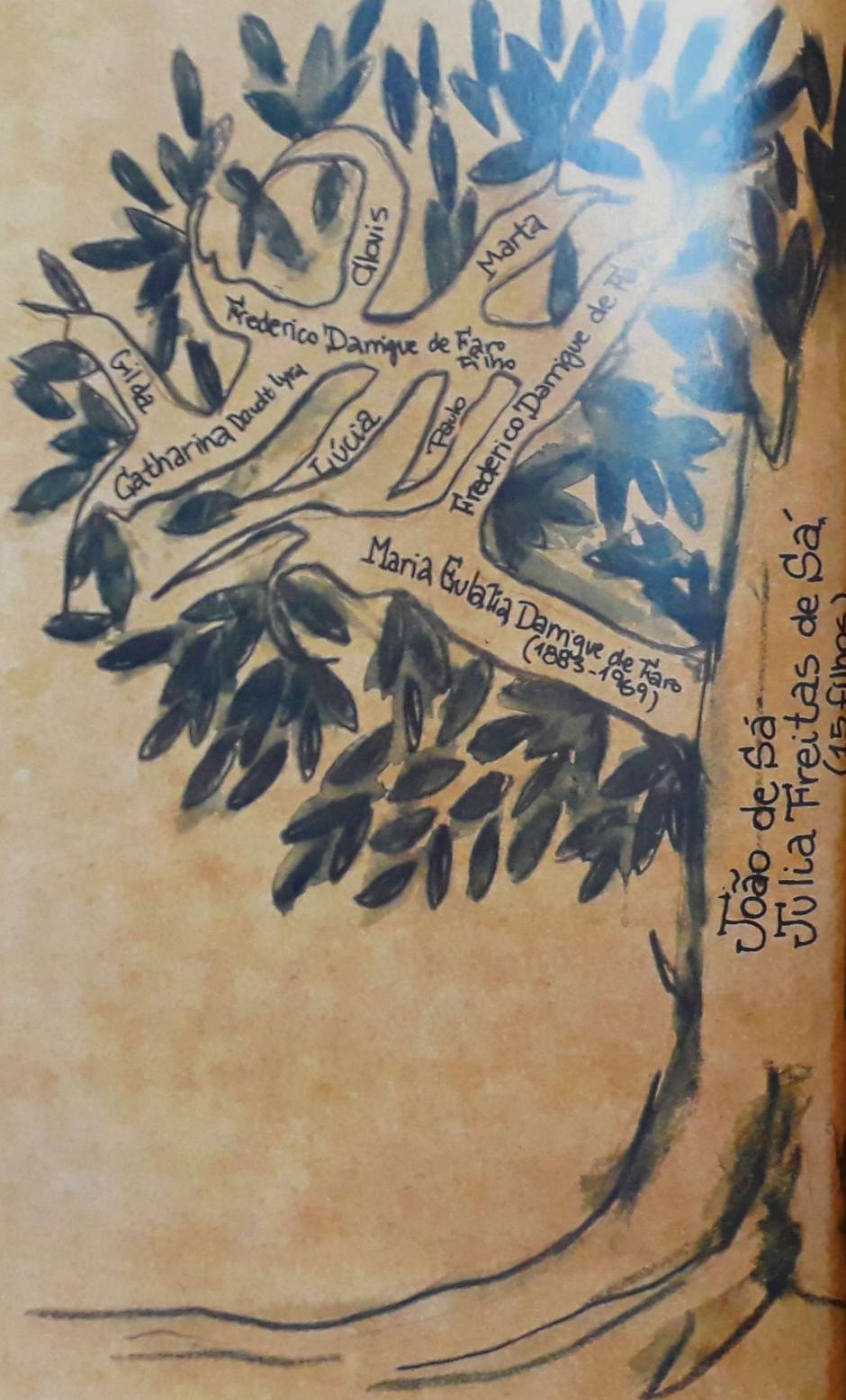


CATHARINA

de tua Mãe  
que me fudez  
bonças  
de que te obreass  
e se ta tivesses com  
la de todo  
Mãe  
longue  
Jornal  
de  
ve a  
muitos



**5.**  
**FAMÍLIA**  
**FREITAS**  
**DE SÁ**



O rio Paraíba nasce em São Paulo, faz fronteira com São Paulo e Minas Gerais e, depois de uma curva, deságua em Campos.

Toda a história da família está, de alguma maneira, ligada a esse rio. Quer do lado mais próximo a São Paulo, quer do lado de Minas e Campos.

Os Freitas eram fazendeiros da região de Itaocara.

Os pais do meu bisavô, Paulo Freitas, chegaram a ter quinze filhos. A mãe era de uma família muito rica, Brandão, e acabou ligada aos Corrêa da Rocha.

Minha trisavó casou-se com João de Sá, fazendeiro relativamente modesto.

*Oferecido e dedicado  
a meu pai e amigo.  
A Dires,*



Tiveram 15 filhos e ela ficou viúva. Ainda assim, investiu o pouco patrimônio que lhe restara na educação dos filhos e conseguiu formar dois médicos e dois engenheiros.

Um dos irmãos de minha bisavó, Brandão de Freitas, foi um médico e



fazendeiro muito rico. Era conhecido como Dr. Freitas. Possuía fazendas enormes quase na fronteira de Minas, em Porto do Cunha, Leopoldina. Entre elas, a Bem Posta existe até hoje.

Como não teve filhos, ajudou a irmã na educação dos sobrinhos.

## O BEIJA-MÃO

Meu bisavô Paulo Freitas de Sá e os outros sobrinhos passavam as férias na casa desse tio rico. Na época, isso era uma obrigação devida a quem lhes financiava os estudos. O tio sentia-se ofendido se não lhe prestassem o “beija-mão”.

Meu outro bisavô, Costa Pires, foi colega de turma do Dr. Freitas na faculdade de medicina.

Casou-se com uma moça apelidada de Sinhá Moça e estabeleceu-se em Magé, um centro comercial florescente, onde esperava ter boa clientela.

Gostava de política. Tentou ser vereador mas não teve sorte. A clientela também não lhe chegava com facilidade.

Era uma vida difícil.

Teve dois filhos: uma menina, que viria a ser minha bisavó Porfíria, e um menino chamado Arthur. Como a mãe já tinha o apelido de Sinhá Moça, Porfíria ganhou, no berço, o apelido de Sinhá Velha.

Quando minha bisavó tinha apenas quatro anos, Sinhá Moça morreu no parto de Arthur.

Ao saber do destino do colega, o Dr. Freitas sugeriu que ele se mudasse para uma cidade chamada Amparo, quase na divisa com São Paulo, para trabalhar como médico de partido, que era o médico dos escravos.

A região ainda era coberta por grandes fazendas de café movidas por mão-de-obra escrava. E precisava de um médico que cuidasse da saúde dos negros.

Seguindo o molde da época, Costa Pires enviou os filhos para a casa de parentes e mudou-se levando apenas Sinhá Velha e uma tia solteirona.

Em Amparo, diariamente, montava no seu burrico e visitava fazenda por fazenda. Almoçava com os fazendeiros, barões, viscondes e depois percorria as senzalas.

A escravatura foi um sistema ruim, mas sua história foi muito distorcida. De modo geral, os escravos eram muito bem tratados porque valiam uma fortuna. Havia a preocupação de mantê-los saudáveis, bem alimentados e bem vestidos.

Meu avô Costa Pires foi testemunho disso.

Foi ele quem fez a primeira cesárea bem sucedida na província do Rio de Janeiro. A criança viveu, ele costurou a barriga da mãe e ela não morreu, como costumava acontecer.



## TIA LUCINDA BRANDÃO DE FREITAS

Tia Lucinda era a mulher do Dr. Freitas. Como não podia ter filhos, adotava todas as crianças das redondezas. Minha bisavó contava que ela estava sempre com um molequinho no colo.

Lucinda gostava especialmente de minha bisavó Porfíria, a menina que carregava o apelido de Sinhá Velha. Sempre pedia para que a trouxessem para passar uns tempos em sua companhia.

Nesse meio tempo, foi fechada uma importante escola alemã de Nova Friburgo, o Colégio Freeze, deixando desempregados excelentes professores.

Cristóvão Freitas, irmão do Dr. Freitas, era um deles. Homem de cultura renascentista, falava diversas línguas, conhecia literatura, pintura e ciências. Mesmo assim, teve que pedir abrigo na casa do irmão.

Tia Lucinda achou que seria um desperdício deixar Cristóvão entediarse com a vida rural e decidiu abrir uma pequena escola para alfabetizar as crianças das redondezas.

Sinhá Velha estava com sete anos. Era uma menina entristecida pela vida, mas muito inteligente. E adorava tia Lucinda. Quando soube da escola, convenceu o pai a deixá-la morar na fazenda Bem Posta.

Ali, recebeu excelente educação formal, além de aulas de canto e piano. Morou na Bem Posta até se casar.



SINHÁ VELHA



## O CASAMENTO DE SINHÁ VELHA

Um dos sobrinhos que ia rotineiramente à Bem Posta para beijar a mão do Dr. Freitas era o jovem Paulo Freitas de Sá.

Quando se hospedava na fazenda, o jovem era obrigado a assistir às aulas de Cristóvão Freitas. Como era costume na época, o professor punia qualquer erro com fortes golpes de palmatória na mão do aluno.

E Paulo sempre apanhava, para consternação de Sinhá Velha.

Da simpatia da menina pelo aluno relapso nasceu um afeto que, anos mais tarde, pavimentaria o caminho para um sólido casamento.

Quando Sinhá Velha já era moça feita, o Dr. Freitas contraiu uma tuberculose. Naquele tempo, ainda não existia penicilina. O único tratamento receitado aos doentes era procurar um “bom clima”.

E ela partiu com o pai, Dr. Freitas e tia Lucinda para uma temporada na Europa. Moraram na Suíça, no Sul da França e em Paris.

Um ano mais tarde, senão curado, pelo menos restabelecido, o Dr. Freitas retornou à fazenda. E Paulo Freitas, seu sobrinho, já formado em engenharia, pediu a mão de Sinhá Velha em casamento. Nenhum dos dois importou-se com o fato de que ele era 15 anos mais velho que a noiva.

Tia Lucinda e Dr. Freitas não economizaram no enxoval do sobrinho e da menina criada por eles. Ela teve seus lençóis de linho, suas louças e seus cristais.

Paulo Freitas tinha começado a trabalhar em São Paulo na construção da estrada oeste do estado. Depois, tornou-se sócio da estrada de ferro do noroeste de Minas.

Quando se casou com minha bisavó, tinha sido designado para fazer a ligação da cidade de Pirai a São João de Almeida. Por isso, o casal começou a vida em uma cidade próxima chamada Barroso, em Minas Gerais.



### SÃO JOÃO DEL-REY

O céu envolve o casario antigo  
um deslumbramento.  
Nas ruelas toscas  
casas de beira sobrebeira e bica,  
fazem o contorno do beiral ingênuo.  
A igreja luminosa  
no sol a pino  
abriga a todas.  
Em seu adro barroco  
Estão os Passos  
do Senhor da Paixão.  
Moradas de sobrados  
e meias águas  
parecem namorados,  
no destino romântico  
acarinhados  
sob o manto do Carmo.



## NADA COMPRA A DIGNIDADE

Foi um começo de vida difícil.

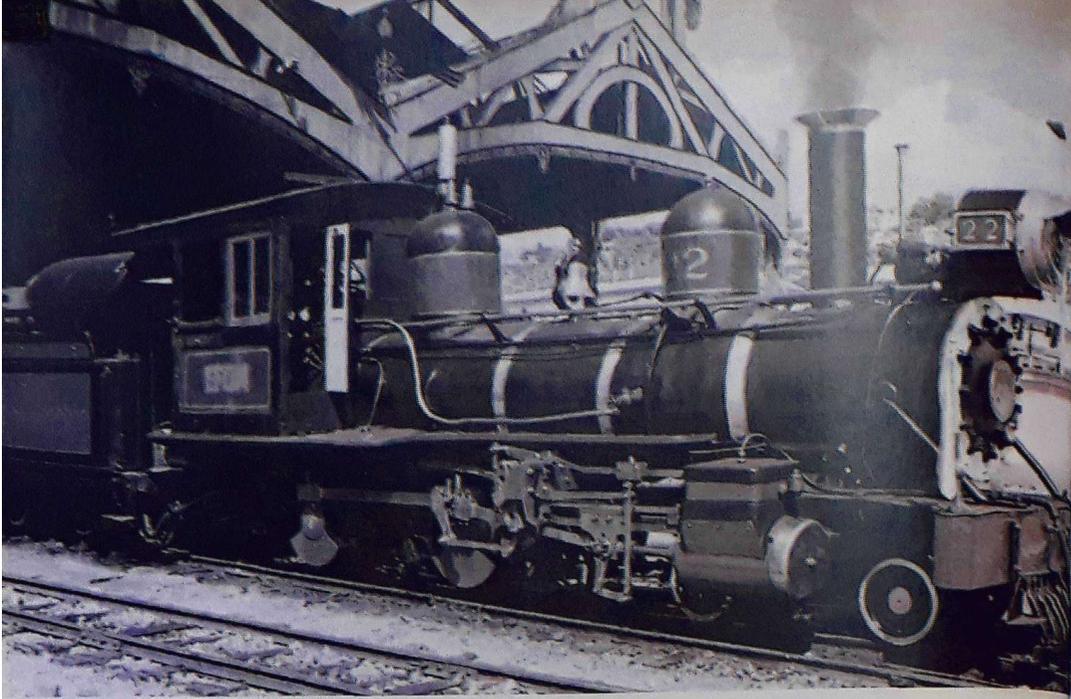
Os dois primeiros filhos nasceram na fazenda Bem Posta porque Barroso não tinha recursos sequer para providenciar uma parteira de confiança: Paulo, que viria a se tornar almirante; e Maria Eulália, minha avó Zita.

Mais tarde, quando a estrada progrediu, foram morar em São João Del Rey, onde realmente se estabeleceram.

Ali, meu bisavô chegou a ser vereador e prefeito.



TAVARES SOBRINHO SUCCESSORES DE CARNEIRO & GASPAR



Como engenheiro, facilitou a chegada de água potável, rede de esgoto e iluminação a gás à cidade. Construiu a estrada de ferro que até hoje funciona em pequeno trecho entre Tiradentes e São João Del Rey.

E era um homem com profundo senso ético.

Na qualidade de acionista, soube que a companhia Estrada de Ferro Noroeste de Minas estava prestes a falir. Todas as suas economias estavam no banco. E lá ficaram.

Ele julgou que não seria justo retirar o dinheiro sem avisar a seus funcionários.

E assim perdeu sua fortuna.

50 ANOS DE  
FUNDAMENTO  
COMMEMORATIVO DO  
ANIVERSÁRIO DA  
PRIMEIRA  
ORDEM

TRIBUNA SANJOANENSE

São João del Rei, 28 de março de 1995

## Engenheiro Dr. Paulo Freitas de Sá Benemérito de São João del Rei

Sebastião de Oliveira Cintra  
Sócio Honorário do Rotary  
Clube de São João del Rei

O engenheiro Dr. Paulo Freitas de Sá nasceu a 25-01-1816 na Fazenda do 'Ancestral', município de Itaocara, Estado do Rio de Janeiro, filho de João de Sá e de Julieta Bernarda Vieira Freitas de Sá. A 29-04-1880 casou com D<sup>ca</sup> Portifera da Costa Pires, nascida a 13-08-1859 na cidade de Pires, Estado do Rio de Janeiro. São os filhos do casal: 1) Almirante Paulo de Sá, engenheiro naval, que deu os diversos meios no exterior;

2) Engenheiro Dr. Paulo Freitas de Sá, como Prof. da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Fundão). Trabalha na Universidade Norte Fluminense, na cidade de Campos - RJ, na qualidade de Coordenador de importante curso sobre fabricação de Diamante Sintético, conforme técnica desenvolvida por cientistas russos. Casou três vezes. A 1<sup>a</sup> esposa D<sup>ca</sup> Rita Juarez Rosa Neves Monteiro deu-lhe a filha Cláudia, que nasceu nos Estados Unidos. Cursa faculdade: Comunicação. A 2<sup>a</sup> esposa D<sup>ca</sup> Sônia Guardia teve o filho Felipe, que estuda no Granbery. Ambos residem em Juiz de Fora. Em 3<sup>a</sup> nupcias uniu-se à engenheira química Dra. Suzana Diaz. 3) Dr. Márcio Neves Monteiro, engenheiro Mecânico, que se casou com D<sup>ca</sup> Eliana

em um importante cargo de 1<sup>o</sup> engenheiro nos serviços de reconhecimento, exploração e construção da Estrada de Ferro Oeste de Minas (Antônio Carlos), trabalhos executados de 1878 a 1881. Seria ingratidão que os sanjoanenses olvidássemos o nome do grande engenheiro Dr. Paulo Freitas de Sá. Depois do nosso homenagem passou a exercer cargos administrativos, também muito importantes, prestando relevância serviços à famosa ferrovia. Depois nobilitado o cargo de Diretor da Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas, onde trabalhou até meados de 1900. No exercício de cargo de Inspetor de tráfego cooperou decisivamente para o encaminhamento e solução de vários problemas da citada fer-

rovias de água potável à cidade, inaugurado a 19 de março de 1888.

No dia 4 de julho de 1888 a Câmara Municipal, convocada pelo Presidente Dr. Paulo Freitas de Sá, escolheu para sanjoanense o benemérito desta cidade Dr. Paulo Freitas de Sá, então Barão de Santos, para a Presidência da Província de Minas.

A 18 de novembro de 1888 foi eleito para a Câmara Municipal de São João del Rei, sob a Presidência de Paulo Freitas de Sá, presentes os senhores José Juvêncio Neves, Agostinho Mullet, João Rodrigues de Sá, Joaquim Francisco de Sá, e outros.

S. João del Rei, 14 de Agosto de 1888.

Meu querido filho.

Acabo de receber uma carta de tua Mãe que contém duas linhas tuas em que me pedes te perdoar e a minha bênção. Não commetteste falta tão grande que te obrigasse a pedir-me perdão, e se a tivesse commettido eu te perdoaria de todo o coração pela promessa que fizeste a tua Mãe de nunca mais a aborrecer.

Estou contentíssimo, por que dei que aquilo que promettes cumprir.

Teus irmãos e tua Madrinhã e teu Pai drinho estão bons. Amanhã, que é domingo, irei jantar com elles.

Escreve a tua Mãe que amanhã responde. Vi a carta della. Lá-cho um beijo e recebi muitos dos teus irmãos e a bênção que pediste e que te dou de todo o meu coração.

Seu pai  
Paulo.

## O RECOMEÇO

Em torno de 1905, com o que sobrou do rescaldo, conseguiu comprar uma casa na rua Real Grandeza, no Rio de Janeiro.

Mudou-se para cá como diretor da estrada de ferro Central do Brasil.

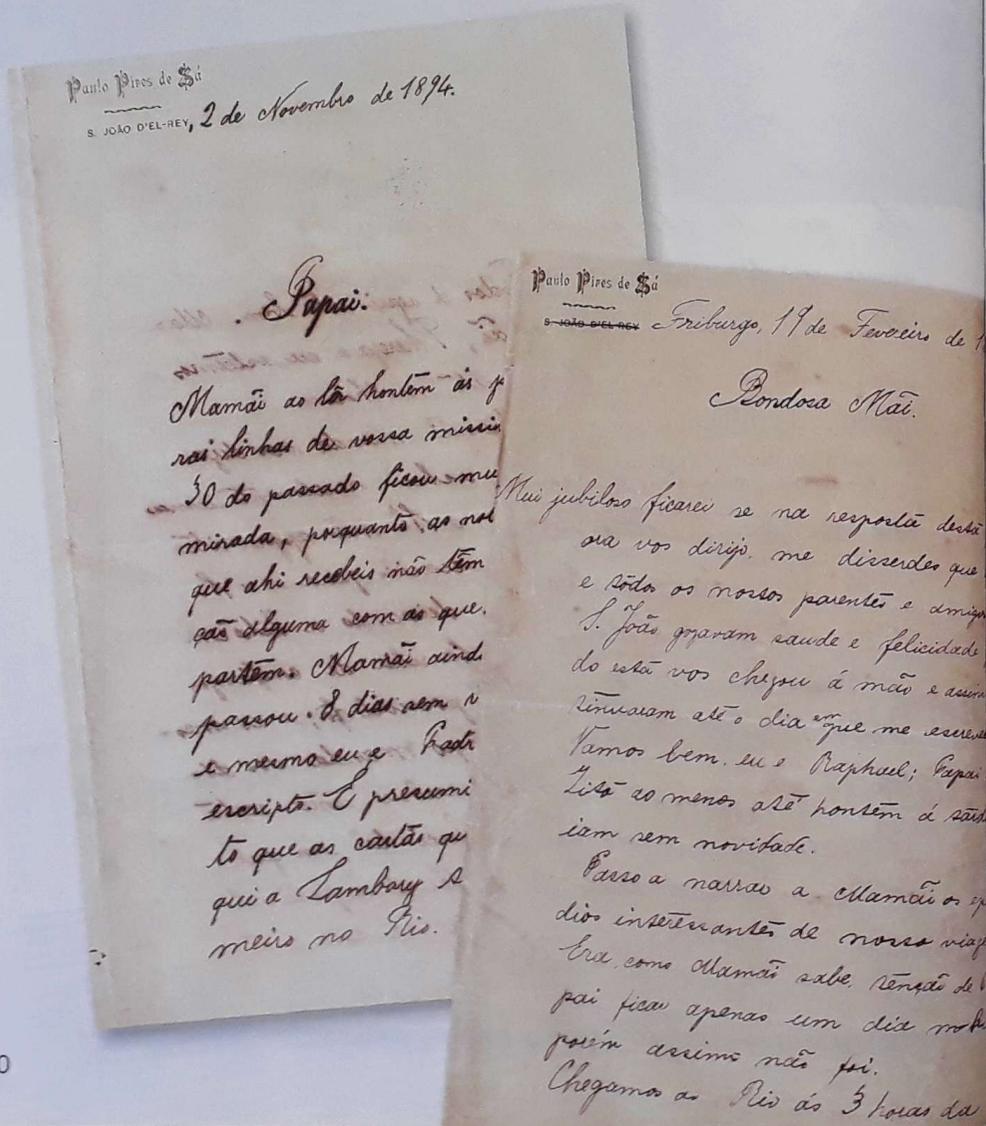
Mesmo com um cargo de prestígio, passou por um período difícil. Tio Arthur, irmão de minha bisavó suicidou-se, deixando oito filhos. Cinco foram para a casa de minha bisavó, para se somarem aos nove que ela já criava.

Meu bisavô Paulo ficou muito amargurado. E acabou morrendo, em 1909, deixando Sinhá Velha viúva, com 17 crianças, entre filhos e sobrinhos, para cuidar.

Tio Paulo já estava com 21 anos mas pouco podia ajudar porque, como oficial da Marinha, estava morando na Inglaterra. Minha avó Zita já tinha se casado em 1907. E os outros foram distribuídos por internatos.

Era o jeito.

Era assim que as coisas funcionavam naquela época.



Protocolada  
21-2-99

Paulo Pires de Sá, natural de Seruía - Goras, fido legítimo de  
Paulo Freitas de Sá e de S. Dorinda Pires de Sá, com 17 annos de idade  
a esta escola, e também os de Geometria Analytica e Calculo Diferencial, Comi  
ceptura, Algebra, Mechanica Geral, Electricidade, Acustica, Optica e seu  
graphico, fundados na Escola Naval, usamos esse, cujos attestados applicaria em  
sem requirem os matricula n'essa escola, quando os voutages que de 1898  
art. 3º do decreto n.º 516, de 5 de novembro  
Por ser de justiça



## VÓ SINHÁ

Minha avó Sinhá Velha ainda viveu até 1941 ou 42.

Morou na casa da Real Grandeza acompanhada pelos filhos que permaneceram solteiros: tia Isaura, tia Laurinha, tio Herculano e tio Rafael.

Esse último tinha um gênio difícil e bebia muito. Para a classe média empobrecida da época, tudo que restava era a educação e a postura moral e ética. Esse tipo de comportamento não cabia na família.

Sinhá Velha não admitia desvios. Tio Rafael foi expulso de casa e acabou morrendo na miséria, em um quarto de pensão.

Tio Roberto se formou em advocacia, Carlos Alberto foi médico. Tia Isaura fundou uma escola e Tia Laurinha tornou-se funcionária pública, assim como tio Herculano. De modo geral, apesar de toda dificuldade, ela conseguiu organizar a família.

No entanto, todos tiveram que engolir uma situação que não estava prevista.

Tio Paulo tinha feito uma carreira exemplar na Marinha. Estudou na Inglaterra, foi para Itália acompanhar a construção do primeiro submarino que chegou ao Brasil – e veio comandado por ele.

Era o orgulho da família. Morou na Europa por mais de dez anos e casou-se por lá com uma italiana, a tia Zaíra.

Sua chegada causou forte comoção. A família inteira foi aos cais recebê-lo. E foi um choque ver sair do navio o filho pródigo, oficial graduado da Marinha, acompanhado de uma mulher e um menino de oito anos chamado Léo.

Mais tarde teve duas filhas, Maria e Lucinda.

## VÓ ZITA

Como minha mãe permanecia longos períodos fora de casa para recuperar sua saúde, sempre tão frágil, eu passava bons tempos com vovó Zita.

Eu dormia em seu quarto e ouvia suas histórias que, muitas vezes, me chocavam. Ela falava da vida com uma naturalidade à qual eu não estava acostumada.

Falava de menstruação, que era tabu na época, de sexualidade. Fazia pequenas confidências que me deixavam embaraçada.

Contava que meu avô era muito ardente, que a procurava a qualquer hora do dia, e que ela ficava desesperada com aquilo.

Às vezes, eu tinha vergonha da franqueza com que ela expunha seus sentimentos, coisa tão rara em nossa família, criada em padrões muito rígidos.

Mas, outras vezes, era ela quem me trazia uma palavra fundamental.

Foi assim quando eu comecei a namorar meu marido.

Ela riu e confessou:

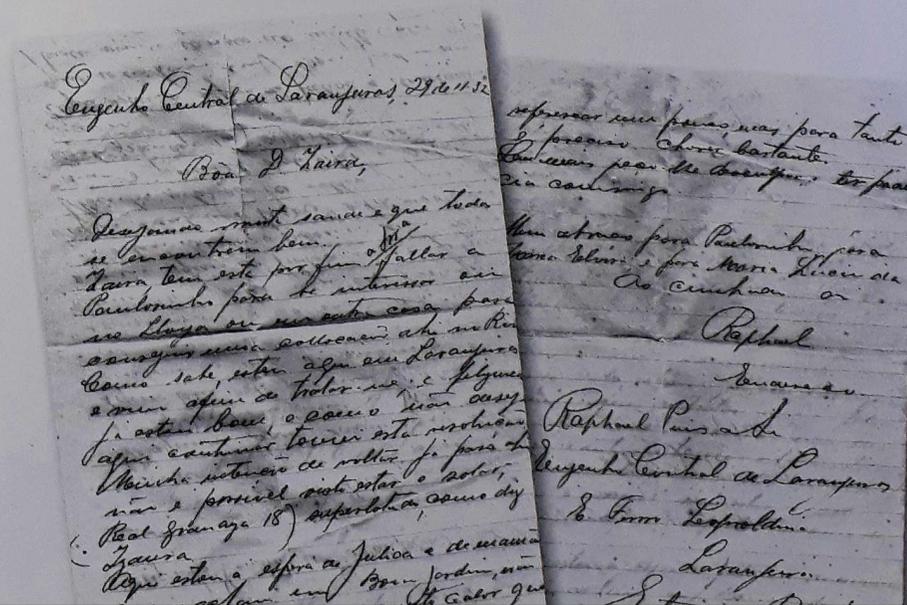
*- Ah, minha filha, mas segurar a mão de um homem é tão bom.*

*Eu tinha até vergonha do seu pai, que era um bebê, ver aquilo ...*

Veja bem que sutileza tinha o erotismo daquele tempo.

Era um tempo de minúcias, de fortes emoções provocadas por um simples toque de mãos.

Mas era também uma lembrança do papel dos filhos na união do casal.



Com o Sr. Conselheiro Doutor Director da Escola  
Polytechnica.

Rua 29 de Abril 1883.

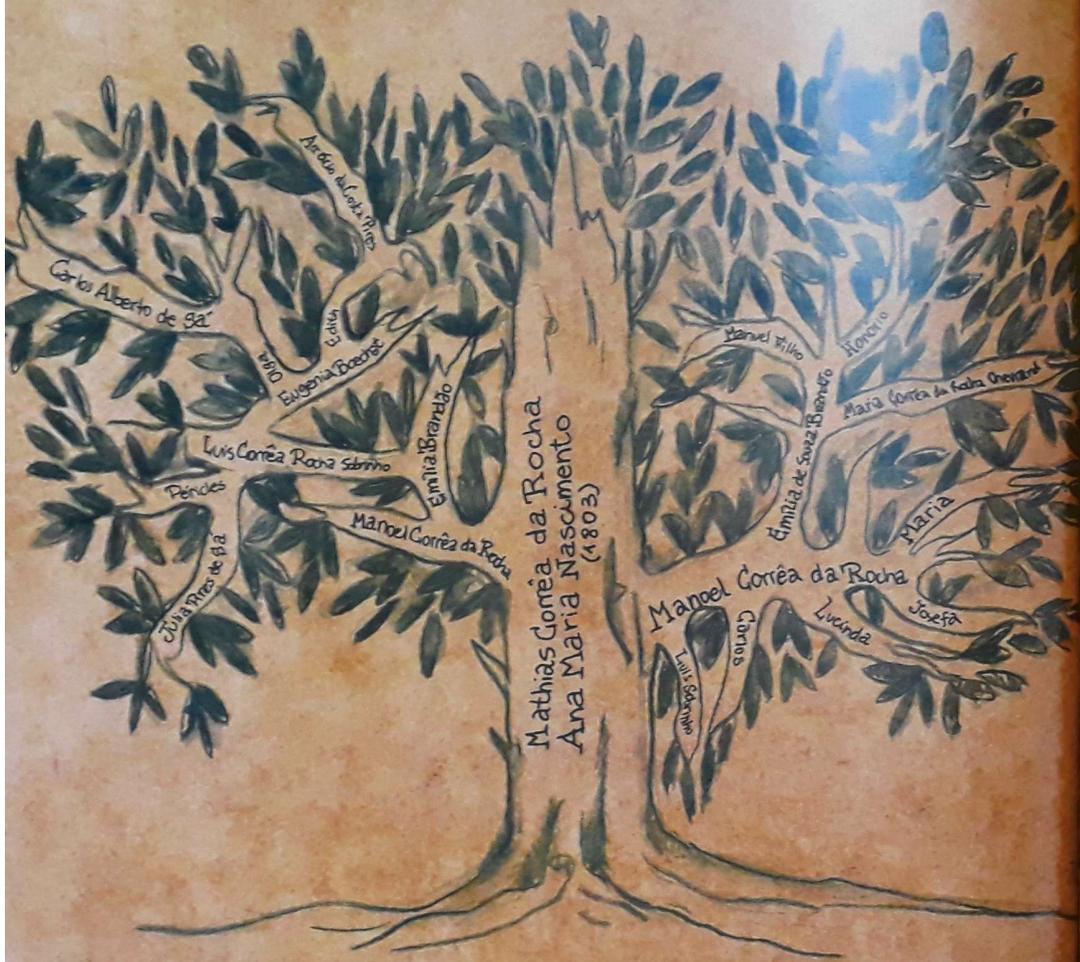
Ilustre Sr. Director da Escola Polytechnica  
que mande admitte o como ouvinte  
nas aulas do primeiro curso do curso  
geral d'esta Escola.

E. R. M.

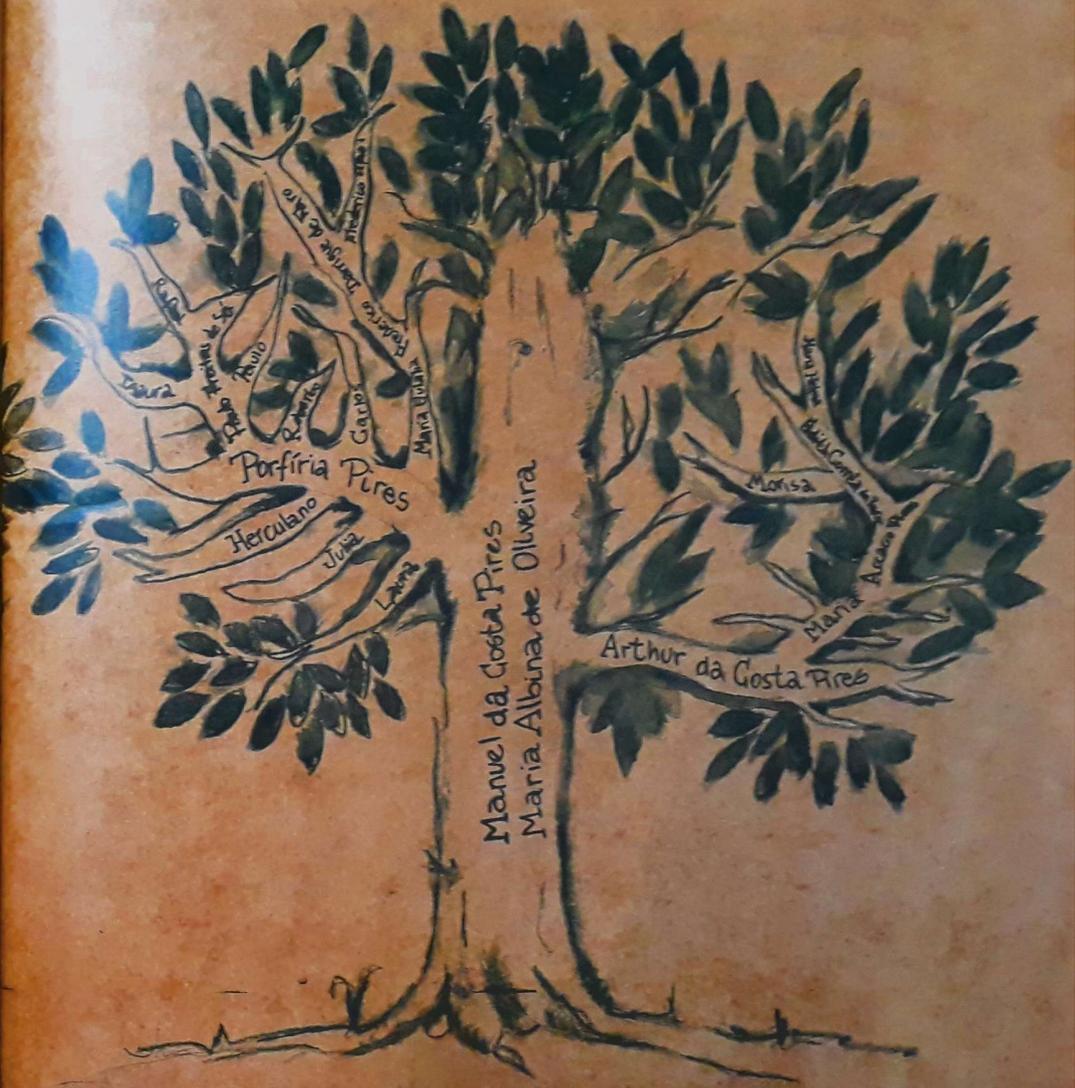
Rio de Janeiro de Maio de 1883.

Rua 29 de Abril

# 6. CORRÊA DA ROCHA



Obs. Pêndes e Júlia não tiveram filhos, mas três sobrinhos casaram entre si; Frederico Darrigue de Faro Filho casou-se com Catharina Daudt Lyra, Luís Pires de Sá casou-se com Cleonice Daudt e Carlos Augusto Pires de Sá casou-se com Haydee Daudt.



Obs. Uma família com uma pequena descendência devido aos poucos casamentos, quatro solteiras, uma sem filhas e os outros com uma prole muito pequena.

## O ELO DE LIGAÇÃO

Há uma família que faz a ligação entre todas as outras – a Corrêa da Rocha. Só por isso, já seria importante dedicar uma parte deste livro a ela.

Mas há outro motivo, mais íntimo e emocional. É a família dos meus padrinhos, praticamente pais adotivos de meu pai. Para a história da minha geração, eles são como nossos avós.

Generosos, queridíssimos, representam uma parte importante da minha formação.



*Luiz Corrêa da Rocha Sobrinho*

## ESSA TERRA, NOSSA TERRA

O agricultor Matias Corrêa da Rocha chegou ao Brasil em 1798, originário dos Açores, atraído pelas oportunidades oferecidas pelo país.

Inicialmente, instalou-se em Santa Marta e Rezende, mas logo soube das terras novas que estavam sendo desbravadas na região de Friburgo e pleiteou uma sesmaria.

O Brasil já foi visto como o lugar ideal para quem desejava progredir. A política das sesmarias distribuía generosas porções de terra a quem se dispusesse a ocupá-las de maneira produtiva.

Matias recebeu uma enorme porção de terra, com dez milhões de metros quadrados, numa região chamada Santa Bárbara. Mudou-se com a família e começou o plantio com a criação de gado e agricultura de subsistência: milho, cana, mandioca.

Pouco depois, pleiteou outra sesmaria, localizada em uma região mais baixa, próxima ao Rio Grande, um rio que passa nessa região.

Ganhou uma vasta porção de mata virgem e batizou sua fazenda de Soledad, local onde, em torno de 1850, começaria uma próspera plantação de café.

Um dos filhos de Matias, Manuel Corrêa da Rocha, é quem se ocupa da Soledad. Casado com uma fazendeira riquíssima, Emília Brandão Correa da Rocha, Manuel teve 13 filhos. Emília trazia consigo 15 fazendas. Sua irmã, Lucinda Brandão Freitas, era dona de uma grande fazenda, a Bem Posta. E três de seus irmãos eram barões.

Entre os filhos de Manuel e Emília, um interessa especialmente à nossa história. É o coronel Luiz Corrêa da Rocha, que virá a ser pai de um dos ídolos da minha infância, meu padrinho Péricles.

Ex. mo Sr. Conselheiro Doutor e Director da Escola  
 Polytechnica  
 Rio de Janeiro 1883.  
 Luiz Corrêa da Rocha sobrinho requer  
 V. Sa. que mande admittel-lo como ouvinte  
 nas aulas do primeiro anno do curso  
 geral d'essa Escola.

E. R. M.

Rio de Janeiro, 29 de Maio de 1883

Luiz Corrêa da Rocha Sobr.

## O HOMEM QUE LIBERTOU SEUS ESCRAVOS

Luiz Corrêa da Rocha foi um homem extraordinário. Casado com Eugênia Boechat, de família suíço-alemã típica da região de Friburgo, teve quatro filhos: meu padrinho Pércles, Olga, Edith e Odete.

A ousadia de Luiz manifestou-se cedo. Criado na Soledad, destoava do ambiente rural por suas tendências progressistas. Queria ser engenheiro e com esse objetivo veio estudar na capital.

A morte do velho Manuel, em 1874, obrigou-o a mudar de planos. Ape-

Ex. mo Sr. Conselheiro Director da Escola  
 Polytechnica  
 Comp. pes. Rio, 17 de Outubro de 1883.  
 A. C. L. M.  
 Supp. pede que Luiz Corrêa da Rocha sobrinho devendo já  
 cumprir os exames a fim de obter o título de agror-  
 nomista, venha a ser admittido como ouvinte nas  
 aulas do primeiro anno do curso geral da  
 Escola Polytechnica.  
 Luiz Corrêa da Rocha Sobr.  
 Secretario da Escola Polytechnica  
 17 de Outubro de 1883.  
 E. R. M.  
 1883. Outubro. Roma.  
 Luiz Corrêa da Rocha Sobr.  
 L. D.

sar dos numerosos irmãos capazes de administrar a Soledad, Emília bateu pé. Queria Luiz à frente dos negócios da família.

Ao chegar, contando com o apoio inabalável da mãe, Luiz revolucionou o modo de produção da fazenda. Para começar, libertou os escravos, e isso foi muito antes da abolição oficial, que só viria em 1888. Em seu lugar, importou colonos portugueses e italianos. Queria trabalhar com lavradores pagos. Em suas experiências, chegou até a trazer colonos chineses.



## ○ EMPRESÁRIO COMPLETO

Sob a gestão de Luiz, a Soledad progrediu rapidamente. Ele não era apenas um fazendeiro, mas um homem com a visão completa do negócio. Logo, assumiu o encargo de comprador atacadista de todos os fazendeiros da região. Além de cuidar da própria produção, passou a ser o intermediário dos produtos da região.

Mas não lhe bastava plantar e vender. Queria fechar o circuito completo do café. E, para isso, era necessário mudar a sede da fazenda.

Pela primeira vez, a mãe deu contra.

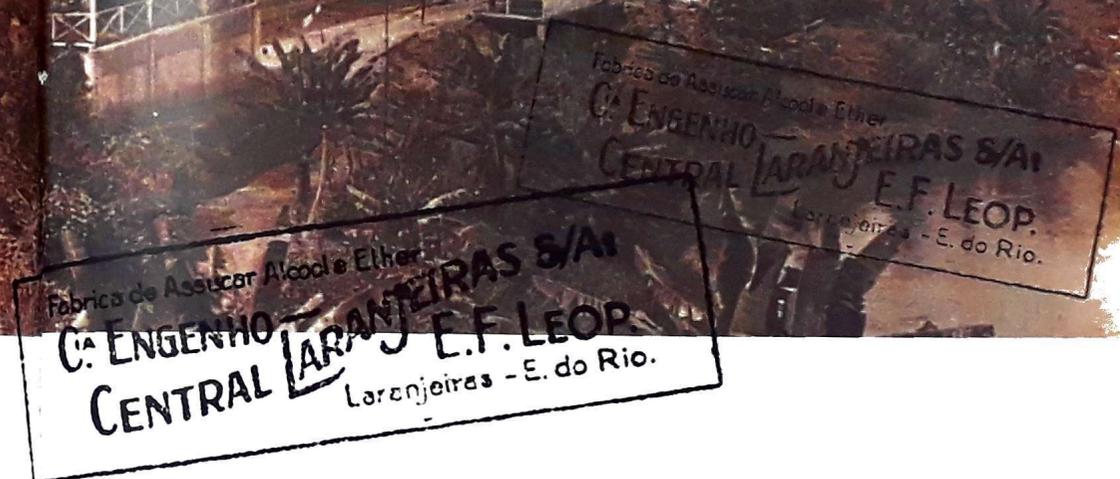
E ele teimou.

Construiu uma sede belíssima, que existe até hoje, ao lado do Rio Grande, perto do pequeno município de Bom Jardim.

A nova sede era um complexo perfeito. Agora, a família plantava, secava, beneficiava e produzia o pó do café. Luiz fechou todo o circuito.

A inquietude era sua marca registrada.

Em 1906, comprou dos ingleses uma usina de açúcar em leilão.



Não chegou a cuidar pessoalmente do negócio, deixando nas mãos de um administrador, mas adquiriu o direito de possuir uma usina. Ficava na região de Itaocara, chamava-se Usina Rio Negro e, posteriormente, tornou-se o Engenho Central Laranjeiras.

Perto de 1912, já com a ajuda do filho, Péricles, instalou uma pequena usina hidrelétrica na Soledad para ter energia para a moagem e a fortificação do café. Com isso, fundou a Companhia Agrícola Industrial Luiz Corrêa da Rocha, resultado de sua moderna visão dos negócios.

Mais tarde, abriu a primeira grande agência Ford no interior do estado. Vendia tratores, caminhões e automóveis e funcionava na sede da fazenda. Chegou a ter trinta mecânicos morando em suas dependências. A imensa oficina representava a Ford em toda a região: Friburgo, Cantagalo, Cordeiro e Itaocara. E, como não costumava deixar seus negócios isolados, abriu também um posto de gasolina. Enfim, foi um empresário completo.

## VIDA POLÍTICA

Como a maior parte dos grandes empresários de seu tempo, Luiz Corrêa da Rocha também dedicou-se à vida pública.

Não se tratava de vaidade.

A projeção política costumava ser o coroamento de uma trajetória que combinava sucesso nos negócios a uma sincera preocupação com o desenvolvimento regional.

Grande produtor, casado, com filhos, ligado ao partido republicano fluminense, Luiz Corrêa do Rocha tornou-se vereador, uma função ligeiramente diferente da de hoje. Bom Jardim tinha se emancipado de Cantagalo em 1892, na grande leva de novos municípios criados logo após a proclamação da república. Mas esses novos municípios só vieram a ter prefeitos a partir de 1922, na época de Epitácio Pessoa. Até então, os pequenos concentravam os poderes legislativo, executivo e judiciário na Câmara de Vereadores.

## PÉRICLES

Mas já avançamos demais no tempo e quero mesmo é falar de Péricles Corrêa da Rocha, meu padrinho, uma das pessoas mais importantes da minha vida. Vamos puxar o relógio para trás e encontrá-lo em 1888, no momento de seu nascimento, na Fazenda Soledad.

A moderna sede projetada por seu pai ainda não estava pronta. Era começo de vida para o coronel Luiz e Eugênia. E o menino, primogênito, além de primeiro neto, parecia apontar para um futuro feliz.

Péricles foi uma criança extraordinariamente bonita. Mas um detalhe preocupava a família. Ele não falava. Era vivo, risonho, tinha um olhar inteligente e respondia bem aos estímulos.

Mas nada o tirava de um estado de completo mutismo.

Meu marido, que é neurologista, diz que isso é muito comum em crianças superprotegidas. São tão cercadas de cuidados que não sentem necessidade de falar. Por outro lado, quando começam, não balbuciam, falam direto e corretamente.

Foi o que aconteceu com Péricles. Aos quatro anos e meio pronunciou suas primeiras palavras com toda a clareza, como se aquilo jamais tivesse sido um problema para ele.



Como inteligência jamais lhe faltara, estudou nos melhores colégios de Friburgo. Já rapazinho, obedeceu à vontade do pai, que queria formá-lo bacharel, e seguiu para São Paulo, onde ficava a primeira faculdade de Direito do país.

## A GANDAIA

Ao chegar à capital paulista, Péricles foi vítima do mal que acometia tantos rapazes que se viam longe do olhar paterno: a atração pela gandaia.

Era irresistível. No interior, todos se conhecem, todos os lugares já foram vistos e revistos, o que quer que se faça é observado e comentado, sempre tem alguém por perto para denunciar pequenos deslizes.

São Paulo ainda não era a metrópole que viria a se tornar mais tarde. Ainda assim, era mil vezes maior e mais diversificada do que Bom Jardim. Andar por suas ruas dava uma indescritível sensação de liberdade.

Rico, bonito, como Péricles resistiria às bebedeiras com os amigos, às farras com mulheres, aos jogos?

A resposta é simples: não foi ele quem resistiu, foi seu pai que percebeu a tempo o que ocorria, cortou a mesada do filho e o trouxe de volta ao Rio.

Agora, Péricles estudaria no Rio de Janeiro, mais perto da vista paterna. E moraria na casa do administrador de seus armazéns no Porto, homem de confiança do coronel Luiz Corrêa.

## OS TRÊS JACARÉS JUNTOS

Em Bom Jardim, havia um médico chamado João de Sá, que vinha a ser irmão do meu bisavô, Paulo Freitas de Sá.

João de Sá morava num bonito chalé, próximo à fazenda de Luiz Corrêa e ao lado da pequena Santa Casa local. Seus sobrinhos – Carlos Alberto Pires de Sá e Acácio Pires – cursavam a faculdade de medicina e passavam as férias com o tio.

A aproximação entre os rapazes e Péricles foi natural. Eram jovens, alegres, estudavam no Rio de Janeiro e passavam férias no mesmo lugar.

Quando estava na capital, meu padrinho saía da faculdade de Direito e ia esperar os amigos na faculdade de Medicina, que funcionava na rua Santa Luzia, ao lado da Santa Casa da Misericórdia.

O único detalhe que poderia tolher o brilho da amizade era a diferença de condição financeira existente entre eles. Meu padrinho era rico. Mas Acácio, cujo pai havia se suicidado, morava de favor na casa de um tio. E Carlos Alberto também não nadava em dinheiro.

Péricles resolveu a questão com sua conhecida habilidade. Queria ir às boates, aos cabarés, ao Jockey, ao cinema. Para não constranger os amigos, pedia para que lhe fizessem companhia.

*“Não posso ficar desguarnecido”, explicava.*

E o trio caía na farra.

Nas férias, iam todos para Bom Jardim. Os primos ficavam em casa de João de Sá e meu padrinho na fazenda. A amizade era tão grande que eram chamados “os três jacarés juntos”.

Com os passeios e a camaradagem, não tardou para que os rapazes comessem a frequentar a casa da fazenda e a sair também com as irmãs do meu padrinho.

Logo, Carlos Alberto estava namorando Olga, a mais velha. E Acácio iniciou um namoro com a outra irmã, Edith. Alguns anos mais tarde, estavam todos casados.

A eles, juntou-se ainda outro amigo, também médico, Godofredo Brandão, que casou-se com a terceira irmã, Odete.

E assim, o trio passou a fazer parte da mesma família.

De amigos inseparáveis, tornaram-se a cunhados.





LUIZ E MARIA DE LOURDES PIRES DE SÁ

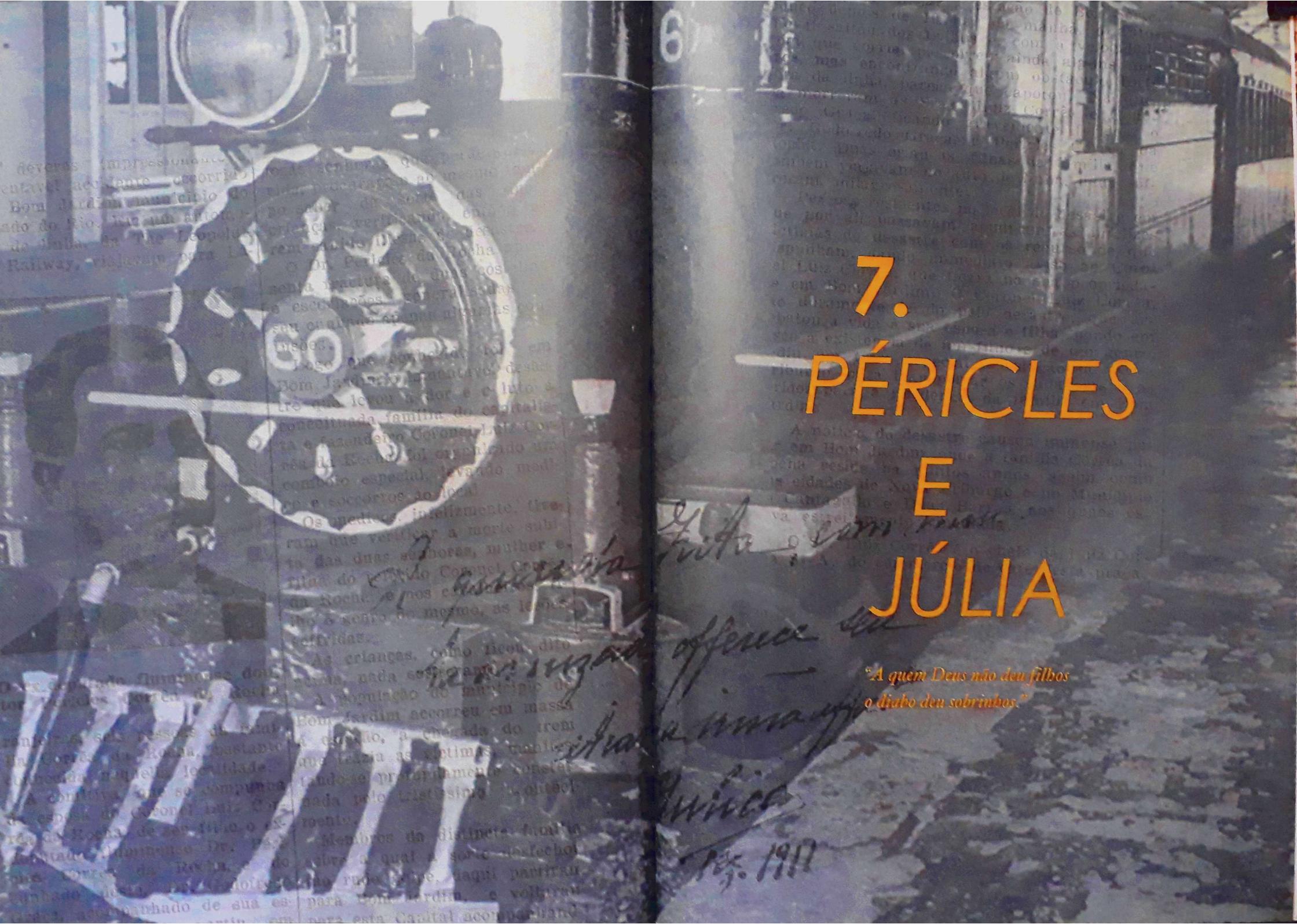


Bom Jacome - 26-5-40.

Frederiquinho

Recebi a sua cartinha atenciosa  
na x caixinha que agradeço, te  
na esta um pedacinho de minha afec-  
ma em agradecimento a você.  
Com grande estima

Mãe Bonny



6

# 7. PÉRICLES E JÚLIA

*"A quem Deus não deu filhos  
o diabo deu sobrinhos."*

reveras impressionante  
entavel acorrer  
Bom Jardim município do  
do Rio. Mas um acidente  
da linha da The Leopoldo  
Railway, viajaram para

que se sentiam que a  
Bom Jardim município do  
do Rio. Mas um acidente  
da linha da The Leopoldo  
Railway, viajaram para

que se sentiam que a  
Bom Jardim município do  
do Rio. Mas um acidente  
da linha da The Leopoldo  
Railway, viajaram para

que se sentiam que a  
Bom Jardim município do  
do Rio. Mas um acidente  
da linha da The Leopoldo  
Railway, viajaram para

que se sentiam que a  
Bom Jardim município do  
do Rio. Mas um acidente  
da linha da The Leopoldo  
Railway, viajaram para

que se sentiam que a  
Bom Jardim município do  
do Rio. Mas um acidente  
da linha da The Leopoldo  
Railway, viajaram para

*Elita e com...*

*offence...*

*itva...*

*twice*

*1911*

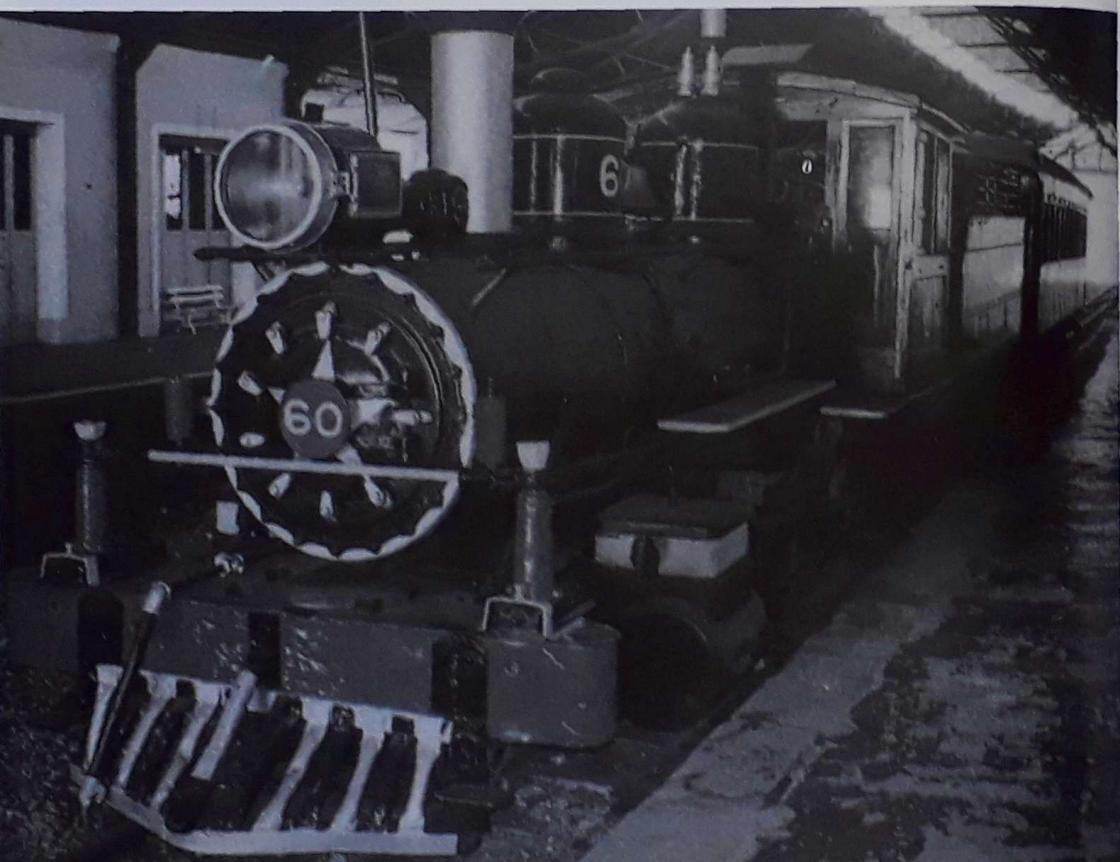
## O ENCONTRO

Por artes do destino, os primos Pires de Sá casaram-se com as irmãs de Péricles. E, mais tarde, ele veio a casar-se com uma Pires de Sá. Foi assim.

Alfredo, o tio de Acácio, tinha um irmão, Paulo Freitas de Sá, que além de ser pai de Carlos Alberto, tinha também três meninas: Isaura, Júlia e Laura. Numa das ocasiões em que se encontravam todos juntos, Acácio, Carlos Alberto e meu padrinho Péricles acompanharam Paulo Freitas de Sá à Central do Brasil para receber Júlia, sua filha, que vinha do internato, em São João del Rey.

Assim que saiu do trem, cheia de entusiasmo, alegre como um passarinho que sai da gaiola, Júlia atirou-se nos braços do pai. E o fez com tal ímpeto que derrubou seu chapéu.

Péricles ficou admirado com a vivacidade da menina, que tinha apenas 13 anos. Pegou o chapéu, entregou-o ao dono, e apaixonou-se perdidamente pela mocinha que saltitava à sua frente.



Logo depois, Isaura foi passar férias em Bom Jardim, na casa de seu tio, o médico João de Sá. Lá, iniciou uma amizade com Olga – o que viria a facilitar imensamente o namoro de seu irmão.

Mas no ano seguinte, uma tragédia abateu-se sobre a família. Paulo Pires de Sá morreu subitamente, deixando Carlos Alberto e as três meninas órfãs.

Péricles acompanhou o enterro, fez a tradicional visita de pésames à família e convidou as meninas a passarem um tempo na fazenda para esparecer.

Laura e Isaura concordaram.

Júlia não.

Preferia ficar ao lado da mãe, Porfíria, a quem era muito ligada.

O interesse de Péricles pela menina era evidente, mas ela mal prestava atenção em sua presença.



Júlia tinha apenas 14 anos. E Péricles era tido como noivo ou quase noivo de uma prima. Além disso, entre eles havia oito anos de diferença o que, nessa idade, é um verdadeiro abismo geracional.

Para completar, a menina o julgava um pouco casmurro.

Foi preciso que se passasse mais um ano para que Júlia concordasse em visitar a fazenda – e mesmo assim a contragosto.

## JÚLIA E O AMOR

Em janeiro de 1910, Júlia chegou à fazenda em Bom Jardim com suas irmãs. E detestou tudo o que viu.

Na época, a fazenda ainda não tinha luz elétrica. Os cômodos eram imensos, mal iluminados por velas ou lamparinas de querosene. Tudo era grande demais, silencioso demais e escuro demais.

O salão, onde se poderia até patinar de tão amplo, lhe dava angústia.

Em vez de se distrair, Júlia ficou deprimida com o ambiente rural. Queria voltar logo para o Rio.

Foi demovida da idéia por Isaura, que mostrou o quão indelicado seria partir às pressas. Afinal, estavam sendo muito bem tratadas, principalmente por D. Geninha, que não poupava esforços para ver as meninas alegres.

Poucos dias mais tarde, chegaram os rapazes. Péricles, Carlos Alberto e Acácio movimentaram a fazenda com passeios a cavalo, jogos de cartas, quebra-cabeças de mil peças trazidos da Europa.

Com eles, a casa continuava escura, mas não faltava mais diversão.

Péricles não saía de perto de Júlia. Um dia, perguntou se ela queria namorar. A menina levou um susto. Mas ele era muito bonito, tinha olhos verdes luminosos, um charme todo especial e ela ficou encantada por merecer a atenção de alguém tão mais velho do que ela.

Quem não gostou da idéia foi Isaura, que ficou enciumada. Julgava que a corte deveria ser para ela, que tinha a idade mais próxima à de Péricles. Mas tudo isso se diluiu quando as irmãs voltaram ao Rio.

Júlia esqueceu rapidamente do episódio das férias. Era muito menina, ainda não compreendia direito o que era um namoro. Mas o mesmo não aconteceu com Péricles.

Persistente, enviou uma carta formal a minha bisavó, Porfíria, mãe de Júlia, pedindo licença para frequentar a casa na qualidade de namorado de Júlia.

Para surpresa de todos, D. Porfíria respondeu:

*“De jeito nenhum. Júlia está muito nova, ainda está estudando.*

*Se quiser alguma coisa com ela, volte a se apresentar daqui a dois anos”.*

Péricles não contava com uma resposta tão franca e ficou ofendido.

Era o melhor partido da região, formado em Direito, filho de um grande fazendeiro industrial, com amplas relações na vida pública. Achava que merecia mais consideração.

Só mais tarde, quando sua irmã Olga, já noiva de Carlos Alberto, começou a se hospedar na casa da futura sogra, Porfíria cedeu.





## TEIMOSIA AMOROSA

Em seu primeiro dia como namorado oficial, Péricles apareceu todo arrumado, de terno novo, colete, sapatos de verniz e buquê de flores na mão.

A partir dali, toda quinta-feira era recebido para jantar. Um antigo escravo da fazenda Bem Posta, que havia aprendido a cozinhar na Casa Pascoal, um dos maiores restaurantes da capital, preparava as refeições.

As divergências entre Péricles e minha bisavó, no entanto, estavam longe de terminar.

Ele queria marcar logo o noivado.

Porfíria achava que Júlia era jovem demais.

E os dois eram teimosos. Bem teimosos.

Um dia, ele exasperou-se:

*"O que a senhora quer que eu faça? Que ponha fraque, cartola e faça um pedido formal de casamento a sua filha?"*

E ela respondeu:

*"Não precisa nem de fraque e nem de cartola. Mas ela é nova demais para casar."*

Péricles ignorou as objeções da futura sogra. Na visita seguinte, trouxe um broche de brilhantes com a data do noivado inscrita:

*16 de outubro de 1911.*

Por trás da teimosia de Porfíria havia um motivo bem concreto. Ela conhecia bem a vida em fazenda e sabia que Júlia não se acostumaria àquilo com facilidade.

Mas não houve quem detivesse Péricles. Tanto insistiu que acabou marcando o casamento.

Foi em 1 de maio de 1912, no dia em que Júlia completou 17 anos.

## AS CAIXAS MÁGICAS DO ENXOVAL

O enxoval de Júlia veio todo de Paris, como o de minha avó Zita. Porfíria tinha estado duas vezes na capital francesa e ainda possuía os catálogos das grandes lojas. Era assim que se faziam as compras naqueles tempos, sem internet, sem telefone, sem nada.

Eram pesados catálogos, com os produtos minuciosamente descritos. A encomenda vinha embalada em grandes caixas de madeira.

Perto da data do casamento, elas começaram a chegar. Entre gritinhos e risadas excitadas, as meninas viam sair maravilhas de dentro dos baús: lençóis bordados, toalhas de mesa, até mesmo o vestido de noiva, leques e sombrinhas.

Tenho poucas informações a respeito da cerimônia de casamento. Não sei se foi realizada em casa, na fazenda, ou em alguma capela.

O que sei é que Júlia ainda tinha uma babá chamada Josefina. E que, por ordens de minha bisavó, a babá acompanhou a menina desde a noite de núpcias.

A lua de mel foi passada em um palacete no Alto da Boa Vista. Logo após, o casal seguiu para a fazenda Bom Jardim, onde Júlia viveu durante 20 anos em companhia dos sogros e das cunhadas.

Naquele tempo, isso era muito comum, principalmente nas áreas rurais. Essa história de “quem casa quer casa” é bem mais recente.

Os casais eram incorporados à família dos pais, os filhos iam nascendo, os mais velhos morriam, e a vida seguia.



## ATÉ OS DIAS CLAROS PODEM SER DIFÍCEIS

A olhos desavisados, a resistência de Porfíria ao casamento poderia parecer implicância.

Não era.

Minha bisavó conhecia bem as dificuldades da vida rural – a começar pela convivência com uma família estranha sob o mesmo teto. Conhecia também a delicadeza da filha, uma menina de 17 anos, educada, carinhosa, acostumada a receber atenções que só famílias pequenas conseguem dar.

Não foi por outro motivo que despachou Josefina, a babá, para fazer companhia à filha. Bem sabia o que a esperava.

Júlia, por seu turno, enfrentou as dificuldades em silêncio. Evitava chorar e escondia os problemas da mãe. Não tinha sido por falta de aviso que se encontrava naquela situação.

E a vida era muito mais difícil do que ela poderia imaginar nos tempos em que julgava que o maior problema da fazenda era a falta de iluminação.

Esse problema, aliás, foi solucionado por Péricles, que desejava sinceramente a felicidade da esposa. Quando ela chegou à fazenda, recém-casada, encontrou seu quarto, a sala de jantar, a sala de banho e o quarto dos sogros iluminados a gás de acetileno. E para se distrair, ganhou do marido a assinatura de uma revista semanal, além de todos os romances que queria ler.

Mas a casa não era de Júlia. Além dos sogros, e das moças da família, ali moravam também Vó Clemência, mãe de Dona Geninha, e Vovó Emília, mãe do velho Luiz Corrêa.

E, mais do que uma residência, era o epicentro da vida empresarial do sogro.

O almoço, sempre servido entre nove e dez da manhã, reunia não apenas toda a família como também os comerciantes da região. As mulheres, sentadas de um lado, em silêncio. Os homens do outro, tratando de negócios.

Mesmo entre as mulheres, nem sempre o relacionamento era fácil. Olga era amigável, mas não era fácil lidar com Edith.

Para piorar, Péricles era um marido devotado, mas já trabalhava com o pai, acabara de abrir seu primeiro escritório de advocacia e começava a entrar para a política. Pouco tempo restava para dar atenção à esposa.

Mesmo com todo o amor do marido, sentia-se só.

Sorte ter a companhia da babá – uma presença acolhedora em meio ao difícil começo da vida conjugal.

## APRENDIZADOS

Júlia poderia ter tirado algum prazer das visitas que as famílias da região faziam à recém-casada. Mas descobriu que tinha um problema: não sabia conversar.

Não tinha filhos, não entendia nada de colheitas, nem de criação de gado, obras de caridade, nada. As pessoas chegavam, ela conversava alguns minutos e logo estava muda, olhando para os próprios pés enquanto um silêncio incômodo preenchia o vazio da sala.

Aprender a arte da conversação tornou-se um desafio para ela.

Não sabia tocar piano, nem cantar, atividades que sempre animavam a vida social. E intuía que sua falta de jeito poderia ser tomada com descortesia.

Como lia muito, percebeu que bastava não se dobrar à timidez. E logo viu que tinha grande talento para conduzir conversas interessantes. Alguns anos mais tarde, podia orgulhar-se de conseguir desenvolver um assunto com qualquer pessoa que chegasse à sua casa.

Era uma forma de demonstrar hospitalidade, muito apreciada à época – e até hoje considerada sinal de civilidade e sofisticação.

## UMA CRIANÇA PARA ALEGRAZ OS DIAS

Júlia ainda não tinha completado um ano de casada quando meu pai retornou de Portugal e foi morar na fazenda.

Frederico era uma criança viva e inteligente, com um jeito português de falar que lhe dava uma graça especial.

O coronel Luiz Corrêa e Dona Geninha tratavam meu pai como se fosse neto. O menino tinha todas as regalias. E Júlia encantou-se com a possibilidade de cuidar da criança, que dormia em seu quarto, como se fosse realmente seu filho.

A chegada do pequeno Frederico foi benéfica para Júlia em mais de um aspecto. Além de dar a ela um motivo para ocupar-se, preparou-a para a inevitável partida das irmãs de Péricles, que se casariam nos anos seguintes.

Primeiro foi Olga, a cunhada de quem mais gostava. Casou-se em 1914, com Carlos Alberto e foi morar em Belo Horizonte.

A cidade ainda não era a capital mineira – então, Ouro Preto. Era uma cidade nova, planejada e cheia de oportunidades.



Carlos Alberto decidiu iniciar lá sua vida profissional e não se arrependeu. Fez uma carreira brilhante como ginecologista, prosperou, foi um dos fundadores do primeiro hospital da cidade e teve a satisfação de dar à mulher uma casa própria.

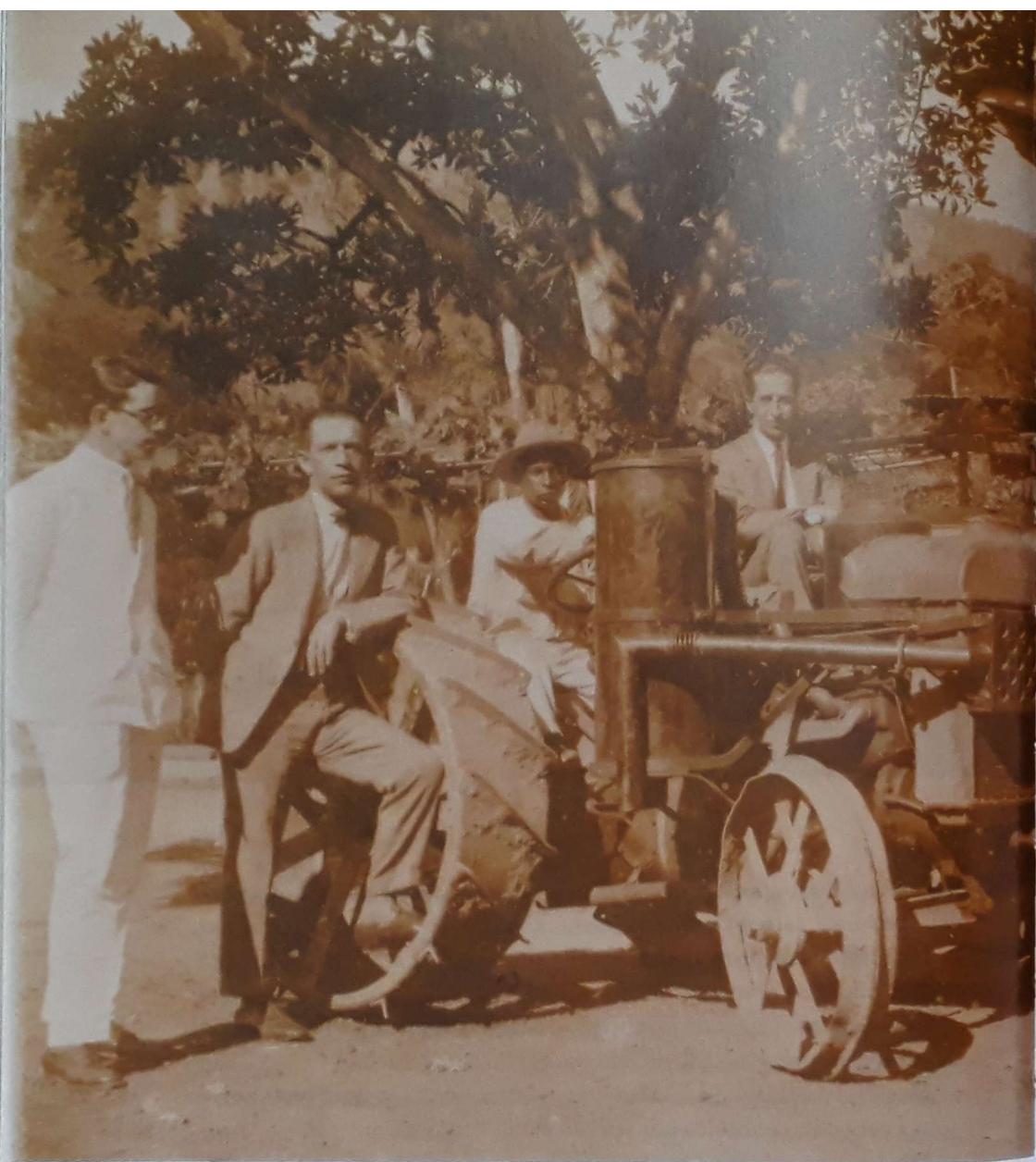
Em seguida foi a vez de Edith, que casou-se com Acácio, primo-irmão de Júlia, e foi morar no Rio de Janeiro.

Mas essa partida, Júlia não lamentou. Nunca tinha se dado muito bem com a cunhada, conhecida por seu temperamento forte.

Finalmente, em 1922, Odete casou-se com o também médico Godofredo e mudou-se para o Rio de Janeiro.

Era assim que acontecia naquela época. Ter uma casa só para si era privilégio de poucas mulheres. E a sorte não era ditada apenas pela situação financeira, mas pelos compromissos familiares assumidos pelos filhos homens.

Era o caso de Péricles que, desde o casamento, estava cada vez mais envolvido com os negócios da família. Foi por essa época que o coronel Luiz



Corrêa abriu, em Bom Jardim, a primeira agência da Ford.

Como em tudo o que o velho coronel se metia, a agência não era um empreendimento isolado. Foi acompanhada pela oficina mecânica e pelo primeiro posto de gasolina da região. Era o preço a ser pago pelo pioneirismo.



Quem quisesse estar à frente do seu tempo precisava criar as condições necessárias.

E isso implicava em trabalho.

Em muito trabalho.

## TIO FONFON

O lado bom da paixão de Péricles pelo trabalho era que seu pioneirismo trazia novidades para dentro de casa.

Assim, Júlia foi a primeira mulher da família cujo marido possuía um automóvel particular. Todo mundo andava em carros puxados a cavalo, mesmo os mais ricos.

A novidade foi tão espantosa que, quando o carro chegou, em 1912, mereceu um longo artigo no jornal local.

A baratinha esportiva, sem teto, foi o primeiro automóvel a chegar ao interior do Estado do Rio de Janeiro.

Qualquer passeio era um acontecimento. Júlia se vestia especialmente para a ocasião. Botava seu chapéu cheio de laços e o casal saía sacolejando pelas ruas de barro de Bom Jardim.

Se o passeio fosse noturno, ainda era mais divertido, porque as pessoas mais simples saíam correndo ao ver o carro andando sozinho.

Achavam que era assombração.

De qualquer maneira, um passeio desses não era simples. Era comum que fosse precedido pelo pessoal da fazenda, que ia na frente para arrumar a estrada e tapar os piores buracos.



## RELAÇÕES DELICADAS

A relação de meu pai com os Corrêa da Rocha foi dessas que nada consegue abalar. Ele conseguiu passar pelas crises familiares sem se indispor com ninguém, uma vez que estava ligado a todos por fortes laços afetivos.

Foi assim com a chegada do primeiro neto legítimo do coronel: Luiz Pires de Sá, filho de Olga e Carlos Alberto.

Logo ficou claro que o menino não era normal. Hoje, com o avanço da medicina, não haveria problema em diagnosticar seu problema: Luiz tinha transtorno bipolar. Mas na época, ninguém sabia disso. Só estava evidente que o menino tão esperado não alcançava as expectativas da família.

Por outro lado, meu pai, que não era parente direto, era mais inteligente, mais esperto, mais simpático. Então, sempre que Luizinho ia para a fazenda, o coronel solicitava a presença de meu pai. Esperava que desse bom exemplo ao primo.

Era assim que os transtornos emocionais eram compreendidos naquela época. Nem é preciso dizer que sem nenhum efeito positivo, claro.

Mas nada foi tão duro e delicado quanto o terrível acidente que, em 1932, vitimou Dona Geninha e sua filha Odete. Os fatos que o sucederam provocaram uma profunda desestabilização na família.

*parceira com o Vitor  
- 1º carro*

## TRAGÉDIAS

Não é possível explicar os motivos da tragédia sem ampliar o foco da questão e falar dos graves problemas de transporte que assolavam a região.

Hoje, está em todos os livros de história do Brasil a frase emblemática de Washington Luiz:

*Governar é abrir estradas.*

A economia do país vivia atolada em um sistema rodoviário muito precário. Para transportar qualquer coisa – máquinas, caminhões, mercados – era preciso utilizar as estradas de ferro.

Era o problema do trajeto de Bom Jardim até o Engenho Central. De carro, a viagem era extremamente penosa. E meu padrinho Péricles precisava fazer esse caminho muitas vezes.

Ocorre que a companhia do velho Luiz Corrêa era um dos maiores usuários da estrada de ferro da Leopoldina – que atravessava todo o Norte fluminense e seguia até o Espírito Santo. Por conta disso – e pelo grande prestígio de que a família desfrutava –, em 1931 meu padrinho fez uma coisa completamente irregular.

Cansado de comer poeira em estradas precárias, pegou um carro de luxo, tirou suas rodas e as substituiu por rodas de trem. Assim, em sua pequena locomotiva, passou a fazer, em apenas duas horas e meia, o trajeto entre Bom Jardim e o Engenho Central.

Ele conhecia bem os horários dos trens, e só circulava nos intervalos das viagens. Ainda assim, os engenheiros o aconselharam a botar na frente do carro uma espécie de escova para limpar os trilhos – o que foi feito.

Orgulhoso da ideia engenhosa, convidou a mãe, a irmã mais nova, seu marido Godofredo e os dois filhos do casal para um passeio.

Ninguém na família esqueceu o mês de abril do ano 1932.

Durante o passeio, o limpa-trilhos soltou-se e fez o carro capotar. Estavam próximos a uma das fazendas que pertenciam à família Darrigue de Faro, minha tia-avó, e o socorro não tardou.

Meu padrinho e Godofredo estavam muito machucados e foram atendidos em primeiro lugar.

Aparentemente, Dona Geninha e Odete estavam bem.

As duas ficaram sentadas, esperando sua vez de serem socorridas.

E esse foi o grande erro.

## Impressionante desastre no interior fluminense

### O automóvel de linha capotou, morrendo duas senhoras e ficando outras gravemente feridas

É de notória impressão o lamentável acidente ocorrido em Bom Jardim, município do Estado do Rio. Em um automóvel de linha, da The Leopoldina Railway, viajavam para La-



O ex-deputado fluminense doutor Péricles Corrêa da Rocha

ranjeiras, seis pessoas da família Corrêa da Rocha, bastante conhecida naquela localidade.

A comitiva que se compunha da esposa do Coronel Luiz Corrêa da Rocha, de seu filho o ex-deputado fluminense Dr. Péricles Corrêa da Rocha, e do cunhado deste, Dr. Godofredo Graça, acompanhado de sua esposa e dois filhos, partiu em automóvel particular com destino a uma usina de propriedade do Coronel Corrêa da Rocha, situada em Laranjeiras.

Desistiu de tomar parte nesse passeio o chefe da família, Coronel Luiz Corrêa da Rocha.

A viagem corria regularmente, quando, por volta das 10 horas e 30 minutos, depois de haver os excursionistas deixado Santa Rita, no aproximado de Boa Sorte, o automóvel de linha, saltando dos trilhos, com grande impulso, capotou a uma distância de cerca de vinte metros.

Com extraordinária dificuldade, em meio da confusão do momento, foram procuradas as pessoas da comitiva, reconhecendo-se, então, que as duas senhoras, progenitora e irmã do Dr. Péricles da Rocha, estavam mortas. Enquanto esse cavalheiro e seu cunhado, com o auxílio de prestímas pessoas que chegavam, iam cuidando de colocar,

à distância, os corpos das duas tonas senhoras que perderam vida, procuravam ao mesmo tempo saber da sorte das crianças, verificando, então, serem salvas graças ao socorro de Dr. Péricles da Rocha a gentia fratura de uma costela e escoriações generalizadas seu cunhado apenas algumas torções.

Logo que conhecido foi Bom Jardim o lamentável tre que levou a dor e o conceito família do caso ocorreu de nos referir ao desastre e fazendeiro Coronel Laranjeira da Rocha, foi organizado no Estado do Rio de Janeiro, comboio especial, levando aquela estação e a de Laranjeira e socorros ao local, onde tombou um automóvel de Os médicos, infelizmente Coronel Luiz Corrêa da Rocha, que se ram que verificar a existência de uma das referidas senhoras.

Também parte no veículo Mineiro da Rocha, e nos cavalheiros e do gênero de mesmo gênero e de sofridas. Rocha e sua esposa, nada sofreram tendo as crianças, como as fraturas da população do município e feridas.

A população do município e feridas. Bom Jardim ocorreu o caso em a estação, a chegada do desastre que trazia as vítimas, e o desastre, tendo-se profundamente afetando a população do município e feridas.

Membros da distinta família sobre a qual a sorte desfecho tão rude golpe, daqui partiram para Bom Jardim, e voltaram para esta Capital acompanhando os corpos das Sras. Corrêa da Rocha e Godofredo Graça, que chegaram à estação Barão Mauá, às 15 horas de ontem, realizando o sepultamento em ambas no cemitério de S. João Baptista, com grande acompanhamento de pessoas das famílias da família entada.

O ex-deputado fluminense Péricles Corrêa da Rocha é casado com D. Julia de Sá Rocha irmã do Dr. Roberto Pires de advogado e funcionário do Ministério da Justiça, estando famílias Corrêa da Rocha e res de Sá intimamente ligados por laços de parentesco.

O Dr. Carlos Alberto Pires Sá, médico, irmão de D. Juli Sá Rocha, é casado com irmã do Dr. Péricles, e outra irmã deste, D. Edith, é casada com Dr. Accácio da Costa F. higienista, chefe de serviço Departamento Nacional de do Publico, dos par

## MORTOS E DOIS FERIDOS

### Informações recebidas de Bom Jardim



## UM DESASTRE NO INTERIOR FLUMINENSE

### DOIS MORTOS E DOIS FERIDOS

Informações recebidas de Bom Jardim.

Trouxeram-nos a notícia de um desastre ocorrido entre esta estação da Leopoldina Railway e a de Boa Sorte, em consequência do qual morreram a esposa do Coronel Luiz Corrêa da Rocha, conceituado fazendeiro e industrial naquela zona, e uma sua filha casada com o Sr. Godofredo Graças, ficando feridos este cavalheiro e o Dr. Péricles Corrêa da Rocha, advogado e filho daquele industrial.

Tendo resolvido uma visita à usina de Laranjeiras, de propriedade do Coronel Luiz Corrêa, sua família tomou um automóvel de linha, de propriedade do referido fazendeiro, partindo de Bom Jardim pela manhã.

Antes de chegar à estação de Boa Sorte, pouco depois de 10 hs. da manhã, o automóvel saltou dos trilhos e, com a velocidade com que corria, percorreu ainda alguns metros, mas encontrando algum obstáculo forte fora da linha, parou que capotou. Na ocasião morreram as Sras. Luiz Corrêa e Godofredo Graça, ficando gravemente feridos, o Dr. Godofredo Graça, e Péricles Corrêa da Rocha. Duas crianças, filhas da família, que também viajavam no auto de linha, nada sofreram, milagrosamente.

Pessoas residentes no local do desastre em que por ali passavam acudiram as infelizes vítimas do desastre com o recurso de que dispunham, dando imediato aviso ao Coronel Luiz Corrêa, que ficara na sua propriedade em Bom Jardim. O Coronel Luiz Corrêa, tão duramente ferido pelo desastre, que arrebentou a vida à sua esposa e filha, pondo em risco a existência de um filho e de um genro, pediu um trem especial à estação de Nova Friburgo para transportar os cadáveres e os feridos para a residência da família em Bom Jardim.

A notícia do desastre causou imenso pesar em Bom Jardim, onde a família Corrêa da Rocha reside há muitos anos, assim como nas cidades de Nova Friburgo e no Município de Cantagalo e Duas Barras, aos quais estava estreitamente vinculada.

O Sr. Luiz Corrêa é o chefe da Luiz Corrêa S. A. do commercio de café desta praça.

Enquanto, por fora, seus corpos aparentavam normalidade, por dentro uma hemorragia interna consumia suas últimas horas de vida. Morreram pouco depois, para desespero da família. Duas Barras, aos quais estava estreitamente vinculada.

O Sr. Luiz Corrêa é o chefe da Luiz Corrêa S. A. do commercio de café desta praça.

## A RUPTURA

Luiz Corrêa da Rocha era um homem de visão, mas muito autoritário. Fazia questão de controlar tudo. Coronel da Guarda Nacional, era um homem de hábitos antigos, tinha capangas...

E acreditava que era dono de todos os bens da família.

Com a morte de Dona Geninha, em 1932, houve uma tímida tentativa de partilha entre os filhos. Mas isso não emancipou Péricles que, adulto, advogado e braço direito do pai, ainda precisava pedir dinheiro para suas despesas.

Um salário fixo, que lhe permitisse planejar seu próprio orçamento era uma antiga reivindicação. Aos quase 40 anos, ainda era tratado como um adolescente.

Sempre tinha sido assim.

Jamais faltou coisa alguma aos filhos. Mas era preciso pedir ao pai.

Precisava estudar no Rio de Janeiro? Precisava passar férias fora? Precisava comprar um enxoval? Comprar um carro? Um presente para a esposa?

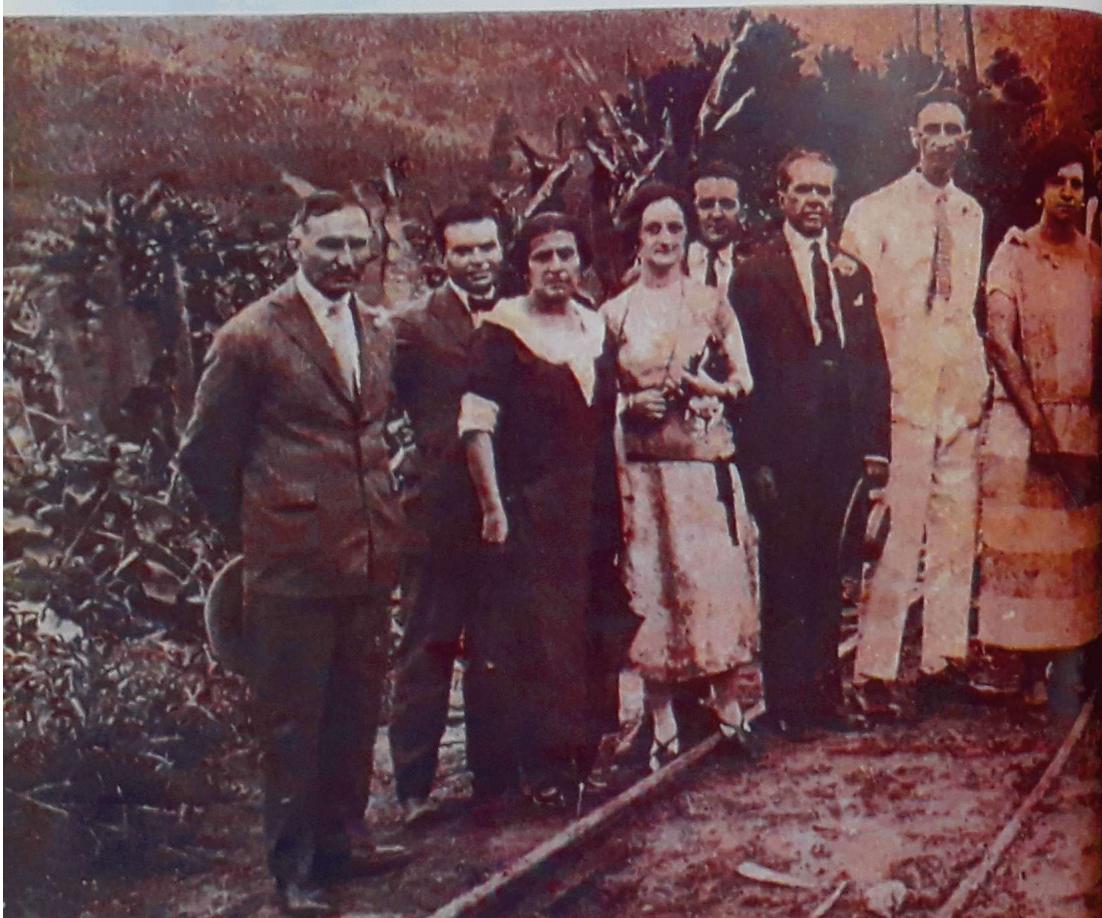
O dinheiro ficava no "monte", uma pilha de cédulas em poder do velho Luiz Corrêa. E dali só saía passando por suas mãos – e autorização. Embora pudesse ser generosamente doado, o dinheiro era do Coronel, e só dele.

Para desgosto de Péricles, a partilha de 1932 não amenizou a situação.

Tenso e angustiado com a morte da mãe e da irmã, emocionalmente arrasado, Péricles não suportou a idéia de continuar a depender do pai. O que poderia ter sido uma discussão simples entre pai e filho rapidamente evoluiu para um rompimento.

Péricles pegou a mulher e mudou-se para o Engenho Central.

Pelos próximos 15 anos, pai e filho não trocariam palavra.



## O GENERAL PERSHING "FAZENDEIRO"



### PARÊNTESES

Aqui, preciso fazer um parênteses, até porque não vou voltar a falar longamente do coronel Luiz Corrêa.

Seu autoritarismo era conhecido. Fazia parte de sua formação e de seu tempo.

Mas não se pode esquecer que ele era extremamente generoso.

Na época do declínio do café, os filhos dos colonos ficaram à míngua. Para evitar um surto de mendicância infantil, ele construiu um internato para 150 meninos e começou a plantar laranja para fabricar um vinho chamado "Lágrima de Nossa Senhora". A renda do vinho financiava a escola e mantinha as crianças, que recebiam roupa, comida, educação e trabalho nos laranjais e na fábrica. O lucro da venda era enviado aos pais.

Quando, anos mais tarde, Amaral Peixoto, interventor do Estado, mandou fechar o educandário, alegando exploração do trabalho infantil, houve uma verdadeira comoção na cidade de Bom Jardim. Ali, a escola era considerada uma instituição modelo.

Ele também fundou e financiou uma escola agrícola no município de São Miguel. Essa instituição durou até uns vinte anos atrás, depois foi transformada num CIEP, e ainda existe até hoje, batizada com o nome dele.





sô conhece em Bom  
d'ahi a sua serie  
sivos aos antigos

Naturalmente  
no qual o Sr. Dr.  
do do Dr. Pôricleo

O Sr. Dr. ...  
como alguem disse  
de maior bravura  
tã sendo entoada  
cruz foi para Chri  
nou-se o symbolo  
Sr. Bandeira, q  
seus amigos, ma  
rias, bem apre  
muitas vezes

Diz que  
ral; não é ver

Si maior  
cas unanimes  
nasson deixan

O Sr. ...  
gratuito, que  
surrar as fal  
cioso extine

Acha q  
sentirá que  
dos por nu  
com o Chri

Jornal "O Liberal" - 03 de dezembro

Matéria: "Bandeira Prisão"

Pelo que o Sr. Bandeira esc  
o título "Bom-Jardim, Aliança Liberal, Revolução"  
sô conhece em Bom Jardim, o seu amigo Dr. Pôricleo da Rocha  
d'ahi a sua serie de dogmas a esse Sr., emitindo conceitos  
sivos aos antigos oppoicionistas.

Naturalmente trata-se de um caso psychico de alta su  
no qual o Sr. Dr. Bandeira, sente-se irresistivelmente ai  
do do Dr. Pôricleo "otimamente".

O Sr. Dr. Bandeira, effectivamente era revolucionã  
como alguem disse: "revolucionário no papel de jornaes";  
de maior bravura que praticou foi o de sua BEMDITA PRIS  
tã sendo entoada em prosa e verso, repetidamente por si  
cruz foi para Christo um instrumento aviltante, no ente  
nou-se o symbolo de uma religião, o mesmo se verifican  
quant a sua prisão que tanto o fez soff

... Rocha, ex-prefeito municipal. Chegada ao conhecimen  
nhada de outros informes  
... em Nicthe  
... a eliminação do

## OUTRAS VERSÕES

Ao longo de minha vida ouvi várias versões para a mudança repentina do meu padrinho para o Engenho Central. Hoje, acredito que a iniciativa tenha resultado de uma mistura de diversos fatores.

Um dos ingredientes que, provavelmente, pesou em sua decisão foi sua desilusão com a política.

Desde 1922, quando tornou-se o primeiro prefeito eleito de Bom Jardim, meu padrinho estava envolvido na vida pública.

Quando deixou a prefeitura, em 1925, foi eleito deputado estadual pelo município de Bom Jardim. Ele era do Partido Republicano Fluminense, um dos grande partidos da época, opositor do Partido Republicano do Rio de Janeiro, liderado por Nilo Peçanha.

As lutas políticas eram violentísimas. Ele tinha capangas, empastelava jornais, invadia fazendas de inimigos. Eram duas grandes facções, a família dele, Corrêa da Rocha, contra a família Hertal.

Ele permaneceu na situação até mais ou menos 1930, quando novamente foi eleito prefeito de Bom Jardim. Quando houve a Revolução do Getúlio, o partido dele apoiou o Washington Luiz e o Júlio Prestes. Prestes venceu a eleição, a revolução da Aliança Liberal, comandada por Vargas, levou ao golpe de outubro de 30 e meu padrinho foi preso juntamente com um grande amigo dele, Bandeira.

Ele foi para a "geladeira". Ficou três dias, praticamente sem comida e sem trocar de roupa.

Como não havia nenhuma acusação formal contra ele, foi liberado e retornou a Bom Jardim.

Mas a partir daí, desistiu da política.

Quando brigou com o pai não tinha mais grandes ligações com o lugar. Pelo menos, nenhuma ligação forte o bastante para impedir que ele construísse sua vida em outro lugar.

Jornal "O LIBERAL"  
Dia 19 de abril de 1931 - Anno I - Nº 21

Matéria: "Um complot para o assassinio de um Excheefe politico - Denuncia feita a Policia do Distrito Federal. O Paulo da Ladeira. Outras notas

Em dias de semana que finda, correu a noticia an Nicthe roy, que no Município de Bom Jardim, tramava-se a eliminação do Dr. Pôricleo Rocha, ex-prefeito municipal. Chegada ao conhecimento do Sr. Dr. Plínio Casado, semelhante noticia, acompanhada de outros informes, como fozao já ter sido o facto levado conhecimento do Sr. Dr. Plínio Casado.

## É A ECONOMIA ...

Um dos estopins da revolução de 30 foi a grande crise econômica de 1929, com consequências diretas sobre as exportações do café.

Do dia para a noite, fazendeiros viram-se empobrecidos. Getúlio comprava a produção por um valor muito reduzido e depois queimava tudo para manter os preços baixos.

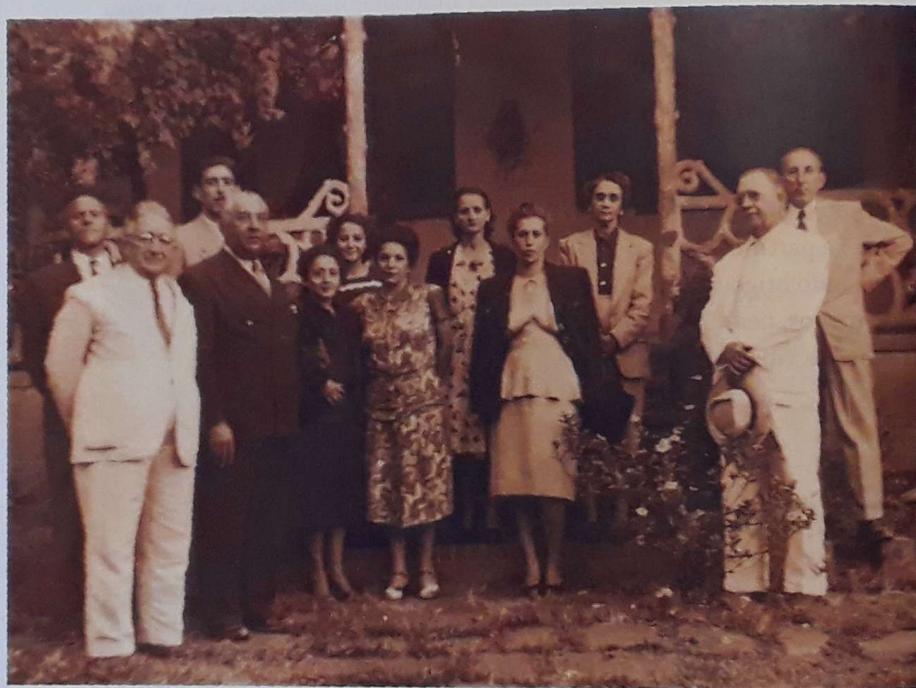
A região de Bom Jardim empobreceu.

Por outro lado, a agroindústria açucareira mantinha seu vigor.

Por tudo isso, acredito que a mudança de meu padrinho e minha madrinha para o Engenho Central se deveu mais a uma conjunção de fatores do que a uma simples briga familiar.

A briga existiu, sem dúvida. E meu padrinho, de fato, rompeu relações com o pai.

Esse fato pode ter precipitado a mudança do casal para o Engenho Central. Mas talvez de uma forma ou outra eles tivessem acabado se mudando.



## BARRO VERMELHO

Vinte anos antes, quando Júlia chegara a Bom Jardim, tivera a sensação de um exílio. Mas nada se comparava à mudança apressada para o Engenho Central.

É verdade que a sede da fazenda em Bom Jardim era escura, que não era sua e tinha um movimento anormal para uma casa de família. Mas era servida por um belo pomar, um rio próximo, uma cidadezinha ao lado e um clima agradável, semelhante ao de Petrópolis.

Além disso, depois de 20 anos, já estava habituada ao movimento da velha sede.

Agora, tinha 37 anos e mudara-se repentinamente para um lugar inóspito. Ninguém a consultou, ninguém perguntou a ela se gostaria de viver ali.

Nem sede havia, apenas uma casinha modesta, um chalé com sala e dois quartos. Não tinha pomar, nem sequer vegetação. Só barro, muito barro vermelho, para sujar os sapatos, empoeirar a casa, entranhar no cabelo.

E o calor, um calor sufocante, típico das fazendas de plantação de cana. Desolada, Júlia olhou para o canal que se estendia ao longe.

A partir dali, seria aquela sua paisagem.

## CARINHO E TRABALHO

Alguns fatores foram fundamentais para a transformação do canavial a que se resumia o Engenho Central no gigantesco complexo empresarial que floresceria no século XX.

O principal foi o amor que unia Júlia e Péricles.

Meus padrinhos sempre foram muito afetuosos um com o outro.

O apoio de Júlia foi fundamental para a superação do trauma que representou o desastre e a ruptura de Péricles com o pai. E ela era tão carinhosa que conseguiu fazer isso sem magoar nenhum dos dois.

Jamais deixou que a comunicação entre pai e filho se interrompesse. Se não queriam falar um com o outro, paciência, mas podiam falar com ela. Sempre visitava o sogro, que agora morava sozinho, providenciava boas governantas para sua casa, ia pessoalmente ver se tudo estava bem organizado e se ele estava bem cuidado.

Péricles, por seu lado, fazia de tudo para amenizar o sofrimento da esposa diante de sua infertilidade. Desde o início, assumiu a responsabilidade pelo problema, atribuindo-o a uma caxumba contraída na infância. Era idéia corrente na época que a doença podia provocar esterilidade nos homens.

Só muitos anos mais tarde, ao operar uma apendicite, Júlia ouviu do médico a afirmação de que tinha o “útero infantil”. Hoje em desuso, o termo indica um útero não completamente desenvolvido, incapaz de levar uma gestação adiante.

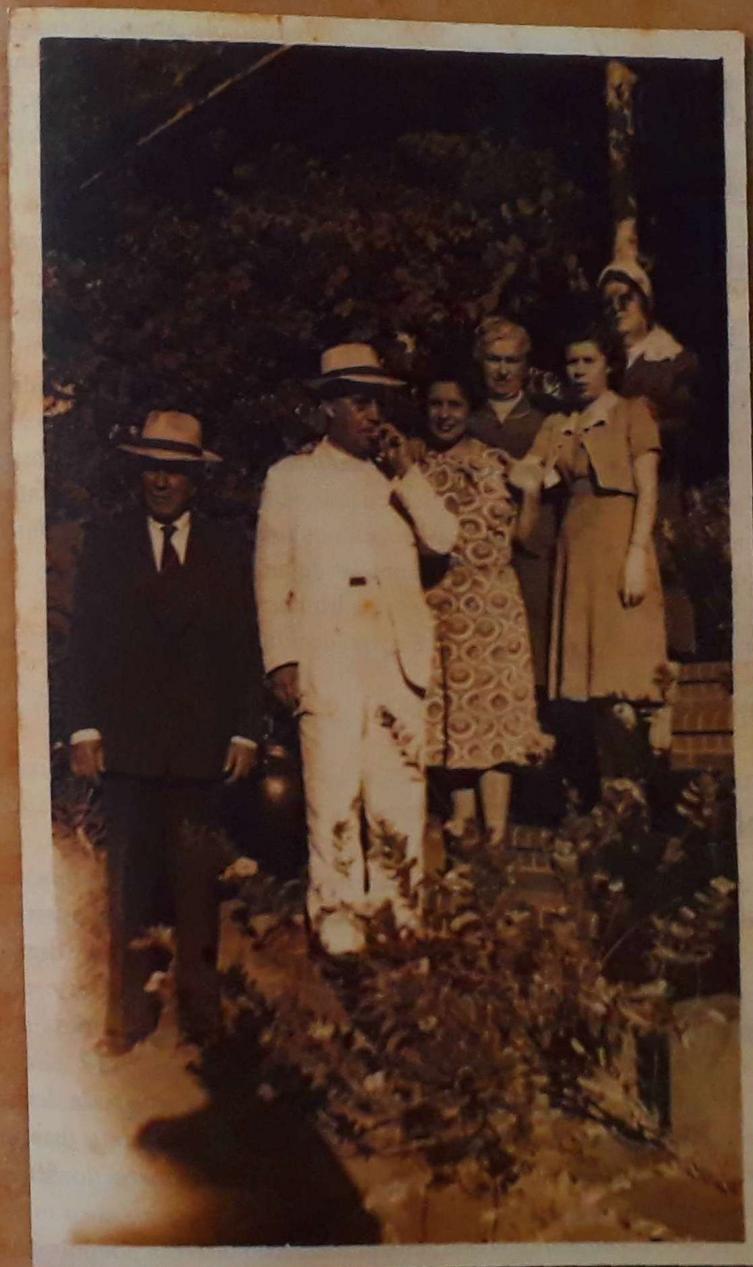
Sem filhos, o casal permaneceu unido por seu companheirismo.

## VALORES DURÁVEIS

Nem só de amor vive um casamento. E Júlia e Péricles partilhavam valores muito sólidos.

Naquela época, o café ainda fazia fortunas. E os barões costumavam exibi-las com pompa. Tapetes vindos da Pérsia, imensos lustres de cristal, muita prataria e porcelanas preciosas, além da própria decoração refinada dos casarões, eram a marca do período.

No entanto, Luiz Corrêa havia se casado com dona Geninha, uma moça cuja origem mesclava traços alemães e suíços e que não partilhava da ânsia de ostentação do baronato do café.



CHALÉ

A sede da fazenda em Bom Jardim era ampla, arejada e hospitaleira. Mas a louça, o mobiliário, roupas e utensílios não tinham luxo nenhum. Eram boas peças, feitas para durar, não para luzir.

A mesma regra se aplicava à comida, sempre muito bem feita, mas sem extravagâncias.

Bom Jardim era um lugar de austeridade e trabalho.

Foram esses os valores que o casal levou para o Engenho Central. Antes de botar o engenho em funcionamento, Péricles decidiu estudar a fundo a produção do açúcar. Foi para a Argentina, visitou usinas no Nordeste e trouxe técnicos especialistas do exterior.

Júlia o acompanhou nas viagens. E voltou muito impressionada com o que viu em Pernambuco.

Lá, as sedes das fazendas eram repletas de luxo, com salas ostensivamente decoradas com pratarias, cristais, cortinas de seda e estofados adomados. Em contraposição, os colonos viviam maltrapilhos em palhoças que nem sequer podiam ser chamadas de moradias.

Aquele contraste deixou meus padrinhos chocados.

Voltaram para o Engenho Central decididos a fazer tudo diferente.

## UM NOVO MODELO

Para começar, construíram mais de 700 casas, com água encanada e energia elétrica, para os colonos, técnicos e o pessoal da administração.

O ambiente era de trabalho e austeridade, mas com alegria e dignidade.

As casas dos funcionários tinham hortas e quintal, onde se criavam galinhas e porcos. E toda a produção de alimentos era vendida a preço subsidiado nos grandes armazéns da fazenda.

Paralelamente, tinham dois clubes, um deles com uma roda de samba, e uma bem equipada sala cinema com 300 lugares. O contato direto com a Metro Golden Meyer garantia duas sessões por semana do filme que estivesse passando na capital.

A sede do engenho, no entanto, permaneceu discreta. Depois de algumas reformas, o chalé foi transformado em moradia. A sala do almoço, onde comiam até 30 pessoas, foi construída lado de fora, num alpendre.

Meu padrinho sempre fora uma pessoa de hábitos muito frugais. Seu único luxo eram os automóveis. Ele vibrava com a potência dos motores. Mas, depois do acidente, nem mesmo os carros o fascinavam mais.

No Engenho, ele acordava às cinco e meia da manhã e preparava seu próprio café. Uma hora mais tarde, já estava em seu escritório, impecavelmente vestido com terno de panamá branco, gravatinha borboleta preta – cor que tinha adotado desde a morte da mãe –, camisa de linho e sapato bicolor marrom e branco.

À noite, servia o próprio jantar. Como era fazenda, os empregados não dormiam na casa. Ele chegava por volta das sete da noite e botava água quente na parte de baixo um prato de metal com divisões, semelhante ao que existe em alguns hospitais.

Raramente descia até o clube. Quando o fazia, era para ir ao cinema.

O que lhe importava era trabalhar.

Trabalhar, construir, progredir.

## DE COLONO A ENGENHEIRO

Tanto esforço não tardou a frutificar. O Engenho Central chegou a ter mil e duzentos empregados e cinco mil moradores.

Com o trabalho de meus padrinhos, tornara-se quase uma pequena cidade.

Havia a sede funcional da usina, imensa, onde o açúcar era produzido. Várias sub-sedes se distribuía por fazendas menores, cada qual gerida por um administrador, mas todas supervisionadas por meu padrinho.

O interessante na minha família é a falta de apreço pela caridade convencional. Nunca fomos de dar esmola. Sempre preferimos dar trabalho e dignidade. São coisas diferentes, a esmola não tira ninguém da miséria, só conduz à acomodação.

Sempre acreditamos em educação e trabalho, fosse para nossos filhos, fosse para nossos funcionários. Por esse motivo, a Usina patrocinava escolas em cada sub-sede. As professoras-residentes eram pagas pela Usina, com exceção da escola de Itaocara, que era ligada ao município.

A maior escola ficava na própria Usina. Tinha sido criada na antiga sede, uma casa grande e bonita.

Os menino que se destacava nos estudos era encaminhado para o Salesiano, em Niterói. Dessa maneira, muitas famílias de colonos tiveram seus primeiros médicos, engenheiros e advogados, para orgulho de meus padrinhos.

## UMA PEQUENA CIDADE

O complexo era quase auto-suficiente. O cuidado com saúde dos funcionários faria inveja ao atual sistema público. Havia hospital com médicos residentes, uma farmácia com todos os medicamentos que se possa imaginar.

Telhas e tijolos eram fabricados na olaria. Como parte da fazenda possuía grandes jazidas de calcário, também havia uma fábrica de cal.

Oficinas mecânicas cuidavam da manutenção da engrenagem da Usina.

A criação de gado e porcos era toda mecanizada e os animais recebiam ração de primeira qualidade. Assim, a Usina também produzia manteiga, gordura de porco, salsicha e torresmos. A carne era vendida para os próprios funcionários, a preço subsidiado e o excedente, encaminhado ao mercado.

A Usina chegou a ter uma estrada de ferro particular de 38 quilômetros, uma locomotiva e 50 carros, chamados gôndolas, para carregar a cana cortada.

Nas áreas mais montanhosas, onde a estrada de ferro não conseguia chegar, o transporte era feito com carro de boi. Cerca de 600 cabeças de gado carregavam a cana nas carroças até um pequeno armazém, onde era esticada e seguia viagem pela locomotiva.

Para não esgotar o solo, a plantação era feita em sistema de rodízio. A Usina funcionava sem parar durante cinco meses. A cana ficava moendo, dia e noite, de maio a setembro.

Até 1957, só produziam açúcar. A partir dali, passaram a fabricar álcool também.

Para manter o gigantesco complexo em funcionamento, eles tinham 300 fornecedores nas proximidades. Era uma verdadeira cidade.

A autonomia do complexo se completava com seu sistema financeiro, que possuía moeda própria, cunhada especialmente para as transações comerciais internas.

O pagamento dos funcionários era feito nessas moedas, peças retangulares de vários valores em cujo verso estava cunhada a inscrição Engenho Central Laranjeiras.

Quando os funcionários queriam comprar alguma coisa fora do Engenho, trocavam as moedas por dinheiro.

O dinheiro interno só deixou de circular no governo Vargas, quando a fabricação própria de moedas foi proibida.



## O LADO FEMININO DA CIDADE

Sobre a movimentação frenética da pequena cidade flutuava a suave mão das mulheres.

Júlia, minha madrinha, conseguiu transformar o pedaço de terra quente para a qual foi transferida em 1932 em um lugar agradável.

Fez um lindo jardim, um pomar e montou uma oficina de costura no salão do clube.

Comprou máquinas de costura de última geração fabricava enxovais completos. Na Usina, ninguém nascia sem ganhar uma cesta com fraldas, camisinhas de pagão, cueiros e toucas.

Também não havia noiva que não recebesse seu vestido e sua arca com lençóis e toalhas de mesa. Júlia coordenava e financiava a oficina.

Também dava aula de catecismo na capelinha e no salão da pensão.

Pois, eu já ia esquecendo de falar na pensão. Como eles tinham muitos hóspedes, construíram um mini-hotel com 10, 12 quartos e refeições custeadas pelo Engenho. Ali se hospedavam atacadistas, caixeiros viajantes e negociantes.

## RETORNO À POLÍTICA

A partir de 1945 meu padrinho voltou à vida política. Foi prefeito do município de Itaocara mais de uma vez e imprimiu grande progresso à região.

Depois filiou-se à UDN. Financiou a campanha de Eduardo Gomes e trabalho com afinco em sua candidatura. Ele tinha muita influência em Bom Jardim, Itaocara, em boa parte do estado do Rio.

Entre os empregados, corriam histórias curiosas. Já existia o voto secreto, mas a desinformação ainda era grande. Ele contava as discussões que presenciava. Alguns diziam que iam votar no Brigadeiro, outros no Eduardo Gomes. Não se davam conta de que era a mesma pessoa.

Mas todo o empenho dele foi em vão. O Brigadeiro Eduardo Gomes não se elegeu.

Meu padrinho continuou militando. Fazia parte dos diretórios, apoiava candidatos ao Senado. Ele realmente gostava da atividade política.

A partir da outra campanha do Brigadeiro, em 1950, eu já lembro bem. Eu já tinha uns sete anos e ria dos cartazes que diziam: "vote no Brigadeiro, que ele é bonito e solteiro".

Lembro de Amaral Peixoto indo ao Engenho Central para convidar meu padrinho a ser candidato da situação ao governo do Estado do Rio de Janeiro. Meu padrinho agradeceu, mas recusou, lembrando ser filiado à UDN.

Quem acabou eleito foi um primo nosso, Miguel Couto, casado com uma prima irmã do meu pai, Darrigue de Faro. Miguelzinho, como o chamávamos, foi governador, e meu padrinho permaneceu na situação por vias transversas.

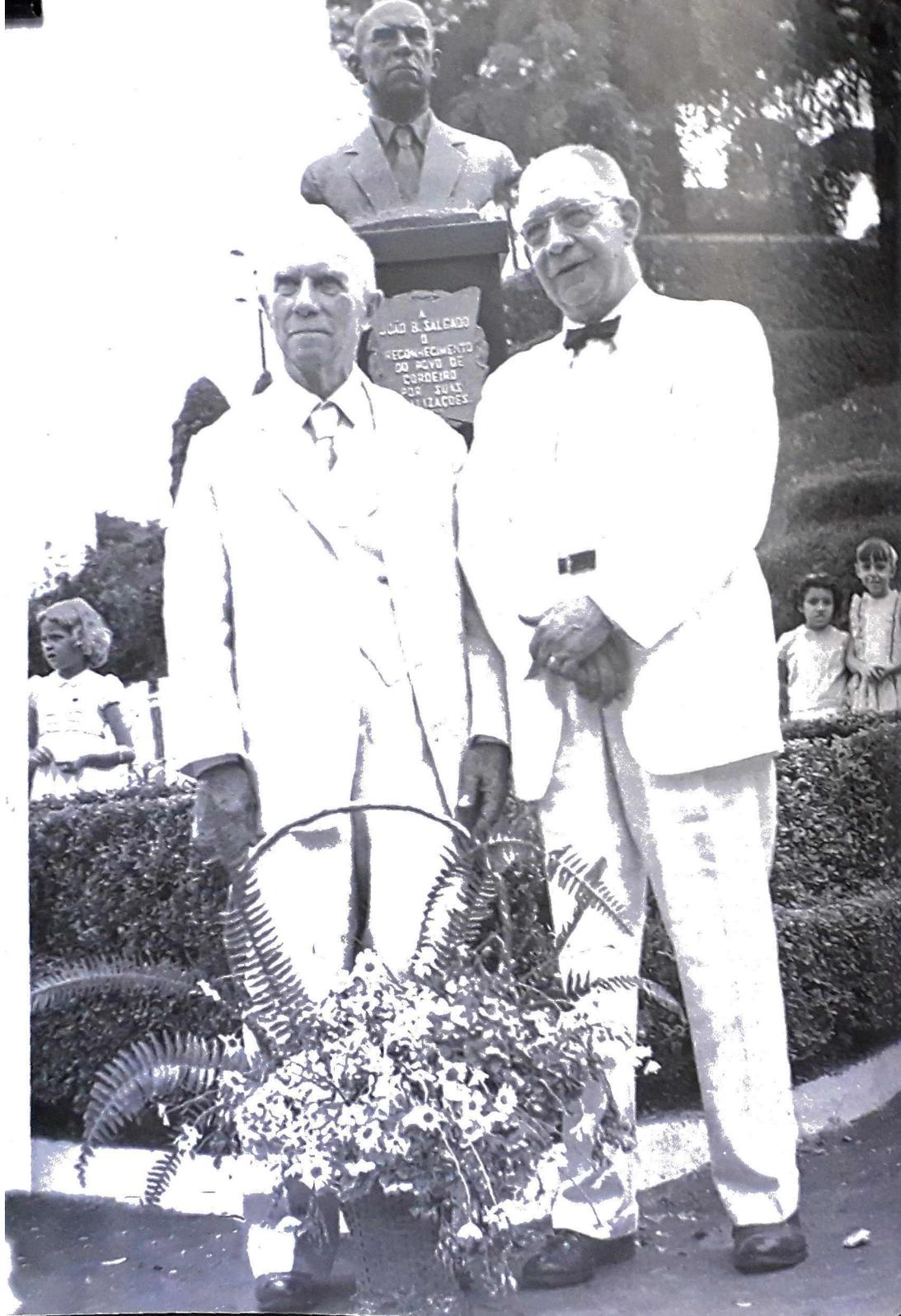
Esse período foi intensamente vivenciado por todos nós. Quando minha mãe era bem jovem, foi amiga do Carlos Lacerda – porque ambos tocavam violino. Há até uma lenda familiar que atribui um namoro a eles.

A família do Carlos Lacerda morava na rua do tio Jango, a rua Alice, em Laranjeiras. Nós tínhamos uma relação pessoal com ele, com a Tribuna da Imprensa, toda aquela campanha do "mar de lama", Getúlio...

E eu me lembro muito bem do dia em que Getúlio se suicidou. Foi uma coisa impressionante. Na véspera, tínhamos passado diante do Palácio do Catete com papai. Eu tinha apenas 11 anos mas partilhava a vibração do movimento que pedia sua saída.

Estava todo muito naquela ebulição, naquela satisfação, na expectativa do golpe... Aí ele dá um tiro no peito, baixa um luto na cidade.

Todos os que torciam pela saída de Getúlio foram golpeados por um sentimento de perda, de frustração.





## CARAMELOS PARA BOM JARDIM

Mas preciso voltar no tempo mais uma vez. É necessário porque os fatos se misturam, se sobrepõem.

Em torno de 1945 Bom Jardim estava em franca decadência. Empobrecida pela crise do café, a cidade ostentava altos índices de desemprego e começava a esvaziar-se.

Apesar de brigado com o pai, meu padrinho tinha um carinho especial pelo lugar no qual nasceu e que o conduziu à vida política anos antes.

Sentia necessidade de levar sua força empreendedora para lá.

Sabia que a melhor maneira de ajudar a cidade era construir ali uma fábrica que gerasse empregos e tributos.

Por essa época, havia uma fábrica de doces de leite chamado Busi. Na verdade, era uma fabriqueta localizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

Por ali, os negócios não iam nada bem. O fim da guerra trouxe o racionamento do açúcar ao Brasil. Grande parte de nossa produção era obrigatoriamente enviada para o exterior.

Como sobreviveria uma fábrica de doces de leite sem açúcar?

O que era um problema para os donos era a solução para meu padrinho, produtor de açúcar, que conseguiria facilmente burlar o controle governamental para obter a matéria-prima que precisasse. Bastava-lhe dizer, por exemplo, que produziu 450 toneladas, em vez de 500.

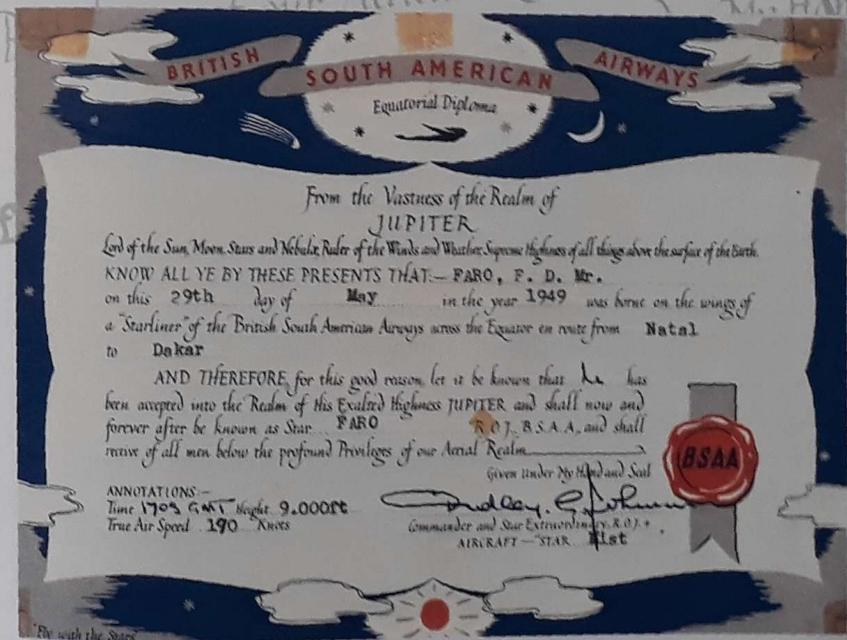
Assim, a fábrica começou a funcionar no Engenho Central, enquanto ele comprava um grande terreno em São Miguel, distrito perto de Bom Jardim.

Com a colaboração de meu pai, desenhou a planta de uma indústria pronta para ser grande. Como era de seu estilo, montou uma usina elétrica especificamente para fornecer energia para a fábrica e fez um reservatório colossal de água de primeira qualidade, necessária para a lavagem das máquinas.

Poderia usar o leite da fazenda na fabricação dos doces de leite, e acredito que tenha experimentado fazê-lo. Mas ficou insatisfeito com o resultado. Ele era obcecado pela perfeição. Acabou conseguindo importar leite em pó da Holanda, de ótima qualidade. Até hoje lembro dos latões de leite chegando, uma coisa impressionante.

A fábrica começou a funcionar no engenho. Produziam doces de chocolate, coco, goiaba e doce de leite, lindamente embalados numa caixinha. Com o tempo, passaram a produzir também balas de manteiga, chocolates e ovos de páscoa.

Em 1949, meu padrinho foi para a Europa com meus pais. Era sua primeira viagem para o velho continente. Lá, visitaram as melhores fábricas de doces da Itália, da Suíça e da Inglaterra e compraram máquinas top de linha.



## MINHA INFÂNCIA NA FÁBRICA DE CHOCOLATES

Em 1950, finalmente entrou em funcionamento a fábrica de São Miguel, com 500 empregados.

Como era do estilo de meu padrinho, montou uma verdadeira cidade. Construiu casas para os operários e uma casa para as moças solteiras, chamada Casa Verde. Era um casarão com dormitórios, sala de recreação, refeitório, banheiros organizados, para as moças que moravam nas cidades vizinhas.

Mas não funcionou. Elas preferiam ir para casa no final do expediente.

Posso dizer que passei minha infância dentro de uma fábrica de sonho.

No setor de chocolates, lembro da esteira grande, mecanizada, por onde passavam os blocos de recheio: damasco, coco ... De cima, um grande recipiente despejava a cobertura de chocolate quente exatamente sobre o recheio. Dali, as peças eram conduzidas a uma câmara frigorífica. Quando saíam, já eram bombons, diretamente levados para a máquina de embalagem.

Era uma coisa fantástica.

No setor de balas eram produzidos os drops. A massa doce entrava na máquina e transformava-se num rolinho comprido, como se fosse uma cobra. Dali, passavam pela cortadeira e já eram automaticamente embalados.

Também produziam balas. Eu adorava ver as balas caindo das máquinas, feito uma chuva colorida.

A fábrica também produzia o melhor doce de leite que comi em toda a minha vida.

E os ovos de Páscoa ...

Eu tinha entre sete e nove anos e quis trabalhar fazendo ovos de Páscoa. Era um setor mais artesanal, não dá para fazer ovo na máquina. É tudo muito delicado, o chocolate é despejado nas formas, tem que tirar dali com cuidado. Depois, a gente colocava bombons dentro do ovo, fechava e embalava, também manualmente.

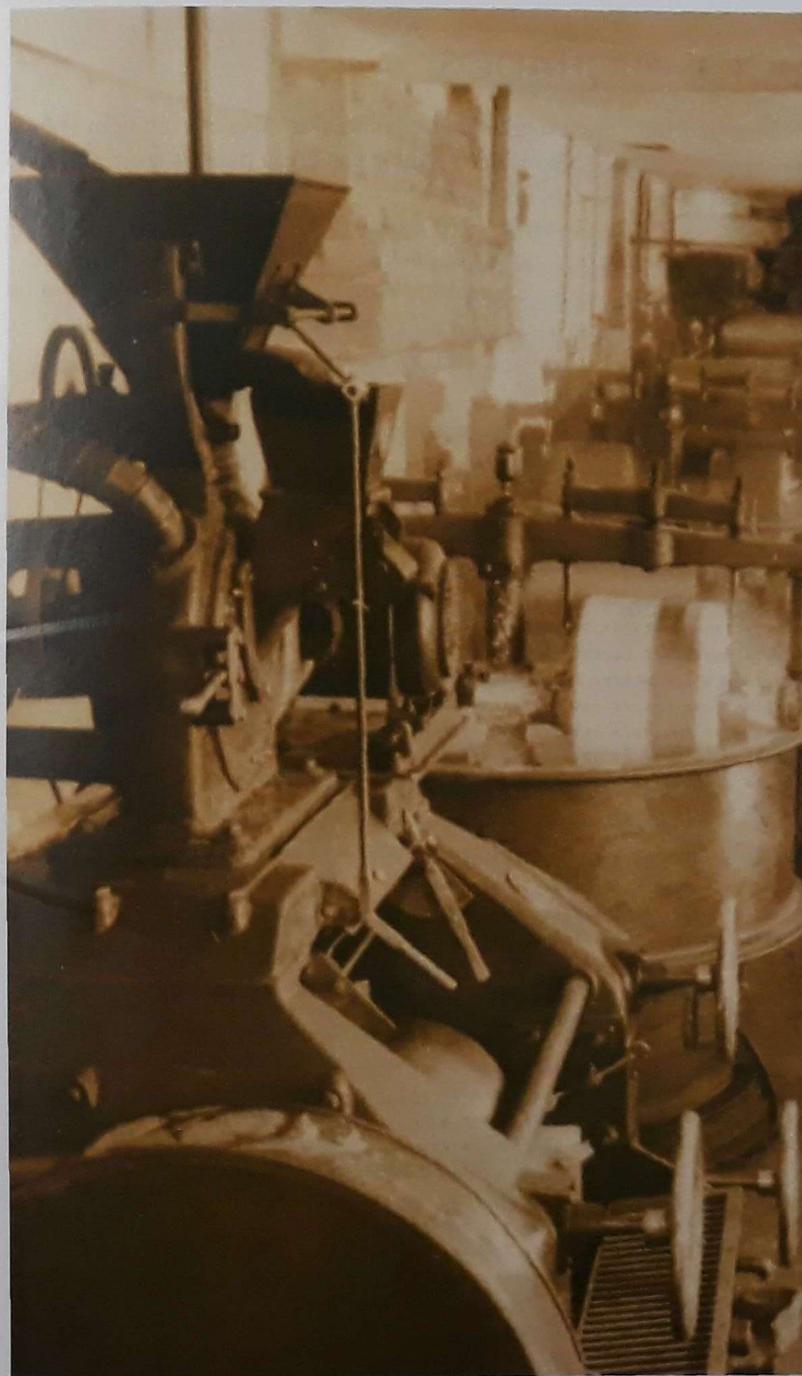
Tanto eu quanto os funcionários podíamos comer todas as balas, doces e chocolates que quiséssemos.

Meu padrinho nunca proibiu.

Nem precisava. Depois de um mês, qualquer um enjoava de tanto ver chocolate.

Ele achava que quem produz muitos mecanismos de controle acaba fraudado.

Estava certo.



# NEGÓCIOS FECHADOS

Meu padrinho era um grande empreendedor. Mas era também voluntarista e autoritário. Não tinha a menor paciência para os contratempos do dia-a-dia.

## UM DOS PIONEIROS DA ENERGIA ELÉTRICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

(Copiado do Jornal "O Fluminense" de 24 de agosto de 1970)

Na oportunidade em que o governo do Estado do Rio está autorizado pelo Sr. Exmº Sr. Presidente da República e pelo Sr. Ministro de Minas e Energia a assumir o encargo da energia elétrica de Bom Jardim e a proceder diretamente ou através das Centrais Elétricas Fluminenses aos melhoramentos e reformas capazes de assegurar um adequado serviço de energia elétrica ao Município, conforme o Dec. nº 80.613, é justo que os lembremos do pioneirismo dos bom-jardinenses quanto à iluminação pública no Estado do Rio.

Na verdade, o povo de Bom Jardim pode orgulhar-se de ter inaugurado em julho de 1917, isto é, há mais de cinquenta anos, na sua então próspera e florescente cidade, uma das primeiras usinas elétricas para iluminação pública no Estado do Rio.

Era o período áureo da lavoura cafeeira. Bom Jardim assumia o posto de segundo município produtor de café no Estado, ainda na época dos românticos lampiões. Foi quando meu sogro Luiz Corrêa da Rocha, fluminense de elevado espírito público e invulgar tenacidade, tomou a iniciativa de dotar a cidade da primeira Hidroelétrica para o consumo público, a Usina de Banquete.

Naquela ocasião, Luiz Corrêa já contava com a cooperação e o entusiasmo de seu filho Péricles Corrêa da Rocha, meu audoso esposo, que assumindo o comando da iniciativa, passou a dedicar-se à montagem da instalação pioneira. Devemos, entretanto, ressaltar que Péricles já havia anteriormente adquirido considerável experiência com equipamentos industriais, ainda mesmo na montagem do conjunto inicial para suprimento de luz na Fazenda de Bom Jardim, executada sob planejamento de nosso fraternal amigo Dr. Raymundo Bandeira Vaughan, anos mais

2  
do Es-  
3  
uminense,  
transferên-  
dos aus-  
de, con-  
do, atin-  
moderna  
ticos na  
  
situa-  
o Grande,  
pada com  
nte aco-  
cendo to  
anejamen  
  
ntes, em-  
io, mobi-  
ombamento  
acionando  
os portan  
estado que  
ra aten-  
au Gover-  
nalar a  
o flumi-  
acolhida  
Janeiro,  
Dr. Fi-  
ncederam.  
  
Estado  
financeira,  
de produ-  
condições.  
  
regarmos  
am servin-  
o, para  
graciosa-  
mos para  
de ser-  
om-jardi-  
na.  
  
voltou-se  
eja a trans-  
dim para  
im, de  
então se-

Por volta de 1957, quando se desentendeu com um sócio da Busi, chamado Alberico, decidiu fechar a fábrica de uma hora para outra.

No mesmo ano, quando funcionários do Engenho Central moveram uma ação trabalhista contra ele, nem pestanejou: simplesmente foi embora.

As saídas intempestivas do meu padrinho sempre provocavam problemas administrativos, que eram resolvidos por meu pai com a ajuda de advogados.

Meu pai era como se fosse filho deles. Contava com a confiança irretirada de meus padrinhos. E possuía a calma, a frieza necessária para encerrar negócios sem grandes prejuízos.

Levou uns dois ou três anos para concluir as pendências do Engenho Central, da Companhia Agrícola Luiz Corrêa e da Busi.

Passou a hidrelétrica para o governo do Estado. A Busi foi vendida para a Dulcora, marca que nos anos 60 e 70 era sinônimo de drops.

O Engenho Central pertencia aos quatro irmãos: Péricles, Olga, Edith e Odete. Boa parcela do Engenho já pertencia a meu padrinho; aos poucos, ele foi comprando as partes das irmãs. Quando ele abandonou o negócio, Edith vendeu sua parte a preço de banana para os sobrinhos, Luiz Pires de Sá e Álvaro Luiz Graça.

Álvaro Luiz era um grande administrador, recuperou o engenho e chegou a produzir 200 mil toneladas de açúcar por ano.

Tudo foi muito bem até a disparada da inflação, já no séc. XX, quando o Instituto de Alcool e Açúcar obrigou os produtores a vender o açúcar por um preço irrisório.

Em pouco tempo, o engenho voltou a estar cheio de dívidas e ações trabalhistas. Por sorte, o Estado de São Paulo começou a progredir com o Proálcool. Meu primo conseguiu vender suas cotas para as Usinas de São Paulo - e assim indenizar oitenta por cento das dívidas trabalhistas -, porém permanecendo em suas terras.

Hoje em dia, o que foi o Engenho Central é uma grande fazenda de gado melore.

Álvaro Luiz Graça ainda é proprietário. Não tem mais produção de açúcar, apenas uma pequena plantação de cana que ele vende para pequenos alambiques locais.

A pequena cidade de cinco mil habitantes e mil e duzentos empregados acabou. Hoje, há apenas 70 empregados. As casas foram postas abaixo para não serem invadidas. A usina foi desativada, a maquinaria vendida. Nunca mais voltei lá.

## BRAÇOS ABERTOS SOBRE A GUANABARA

Péricles retornou a Bom Jardim, onde viveu até morrer. Mas comprou um apartamento no Rio de Janeiro, em frente ao Outeiro da Glória.

Minha madrinha adorava aquele apartamento. Dali, se avistava toda a baía de Guanabara. Sem o Aterro, que ainda não tinha sido construído, o mar vinha até a praça Paris, quase na porta de casa. E, se olhasse para o lado, via a igreja toda iluminada.

Todo ano, havia quatro datas de festejo obrigatório, quando meus padrinhos vinham de Bom Jardim e abriam o apartamento da Glória para a família inteira.

Primeiro de maio, o aniversário de minha madrinha Julica.

Nove de setembro, aniversário do meu padrinho Péricles.

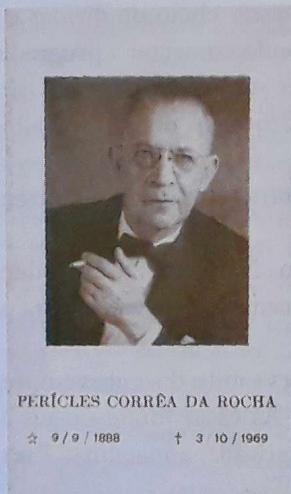
Quinze de agosto, quando a igreja ficava ainda mais iluminada por causa das comemorações da padroeira, e minha madrinha fazia uma festa para lembrar o aniversário de sua mãe.

Trinta e um de dezembro, um pré réveillon que reunia a família inteira para encerrar mais um ano de festas e abrir o próximo.

Suas festas mantinham a casa sempre cheia.

Eram realmente os chefes da tribo. Não porque fossem mais poderosos. Mas eram tão tão generosos, era tão bom estar perto deles.

Meus padrinhos exerceram a mais forte forma de liderança familiar: o poder que vem do afeto.

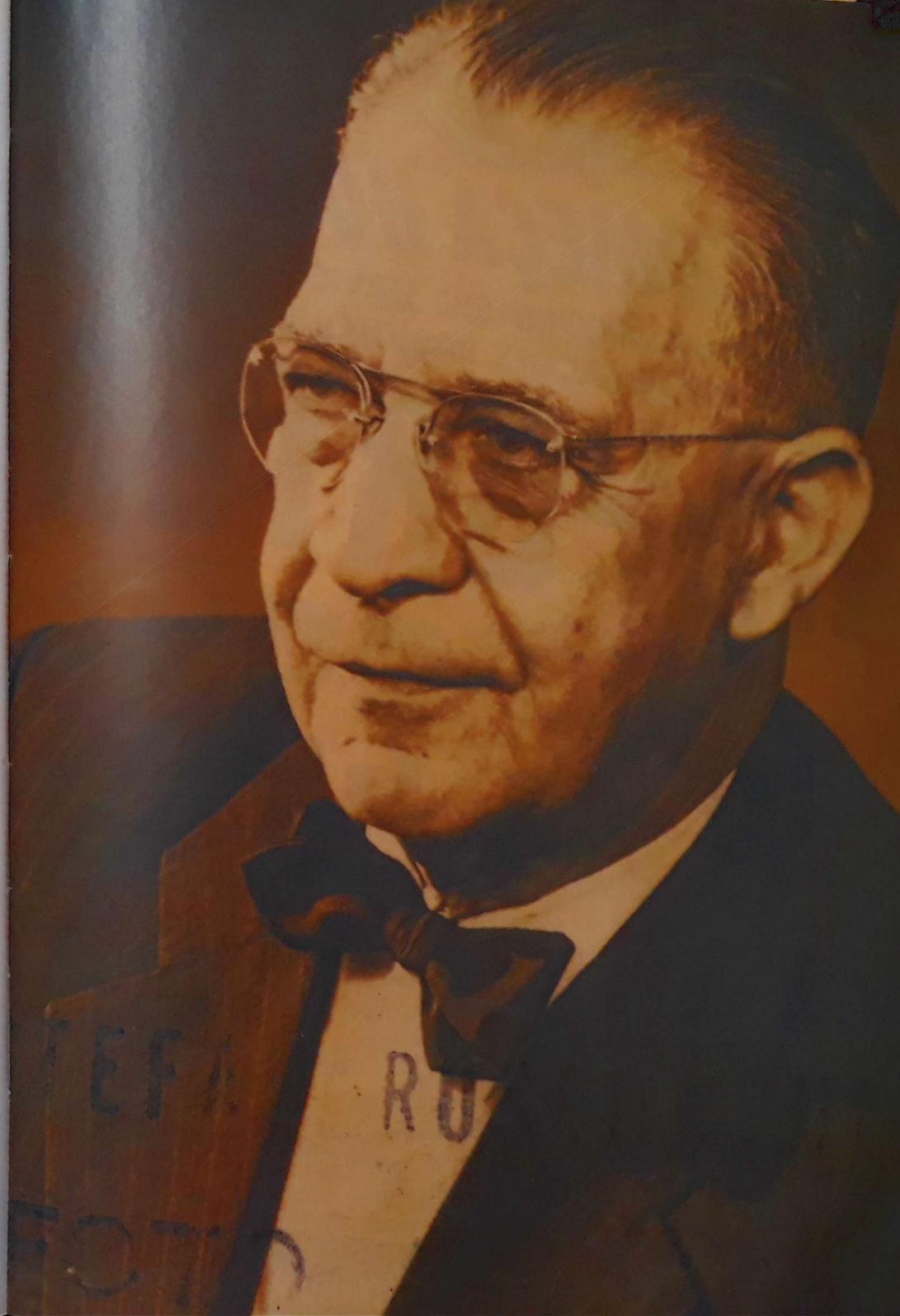


Grande em quanto realizou.  
Viril, contagiava os mãos  
Aos que se lhe uniam  
Transmitia a esperança.

Consagrou a vida em vigília  
À família, ao amigo, às crianças  
Ao povo e à terra Fluminense.

Era como árvore frondosa,  
Acolhia quantos o amavam  
Abriava porém à sua sombra  
O caminheiro, ou o desvalído.

Aos que o conheceram deixa  
A saudade que se não extingue,  
A imagem da vida fecunda.



...TIMAS NOTÍCIAS DE TODO O MUNDO

**COMEÇA HOJE**

O MAIS COMPLETO SERVIÇO DE  
INFORMAÇÕES RADIOFÔNICAS

# REPORTER ESSO



Agora também no Sul do Brasil, através das antenas da Rádio Farroupilha, poderá ouvir a já famosa "primeira e dar as últimas" **REPORTER ESSO**, jornal radiofônico especializado em apresentar diariamente o que houver de mais recente em telegramas sobre a situação mundial. Serviço telegráfico especial. Co United Fr...

Ligue diariamente para a  
**RÁDIO FARROUPILHA**  
1600 Quilômetros

NOS DAS UTEIS, AS	13,30	AOS DOMINGOS, AS	13,30
	18,30		17,30
	22,30		20,30

STANDARD OIL COMPANY

## MINHA MÃE POSTIÇA

A estreita ligação que uniu meu pai a Péricles e Júlia se estendeu a mim. Foram meus padrinhos.

Foi minha madrinha quem tomou conta de mim quando minha mãe adoeceu, logo após o nascimento de meu irmão Paulo. Eu tinha um ano e pouco e fui despachada para a fazenda. Fiquei lá quase um ano, repetindo o que já havia acontecido com meu pai quando ele era pequeno.

A diferença é que tornei-me tão apegada a minha madrinha que passei a chamá-la de mãe.

## LEMBRANÇAS

Meu padrinho morreu em 1969, aos 81 anos, deixando em mim uma saudade que nunca mais se apagou.

Embora eu tente escrever neste livro a história da família, como narradora não posso deixar de lado lembranças minhas, impressões, cheiros, texturas.

Há muitas coisas que sei a respeito de meu padrinho. Mas lembro sempre dele com um cigarro entre os dedos. Fumava loucamente. Recebia encomendas diretamente da Tabacaria Londres, caixas brancas e azuis com 100 cigarros. Ele comprava dez de cada vez. Fazia estoque de mil cigarros.

Também adorava um conhaque. Todo dia, antes do almoço, cinco para uma da tarde, começava o Repórter Esso. Era a hora dele tomar uma dose de Macieira.

Comida no Engenho era um capítulo à parte. Tinha uma cozinheira, Eulália, que fazia os bifes mais fantásticos do mundo. Por incrível que pareça, foi meu padrinho quem ensinou a Eulália a fazer os tais bifes.

Havia uma famosa cervejaria em São Paulo, a Brahma, onde serviam bifes deliciosos. Todo ano ano meu padrinho ia lá para lembrar de seus tempos de estudante. Sempre curioso, um dia ele pediu ao cozinheiro que lhe mostrasse o segredo.

E o cozinheiro explicou. Não tinha mistério. Os bifes eram feitos em frigideiras de ferro bem quentes. Mas não podiam ser lavadas. Só eram limpas com um material absorvente, como um pano limpo.

Na fazenda, frigideiras enormes fritavam até 50 bifes nos dias de matar o boi.

Hoje eu não assistiria a esse espetáculo de jeito nenhum. Botavam dois bois na mesma canga. Um deles, chamado boi ladrão conhecia o caminho do matadouro. O outro não. Como já tinha entrado e saído muitas vezes do matadouro, o boi ladrão não o temia. Conduzia o outro diretamente para o sacrifício.

Quando chegavam lá, o açougueiro soltava a cangalha e dava uma grande descarga elétrica no que ia morrer. O ladrão saía correndo. O outro desabava. Com uma única facada, certa, o açougueiro dava cabo da vida do boi.



O sangue jorrava. Os homens penduravam o boi morto e botavam uma bacia embaixo para recolher o sangue, matéria-prima dos embutidos, caso você não saiba.

Depois destrinchavam o boi todo. Do boi, tudo se aproveita. Até os ossos, o couro. Por isso, é meu bicho preferido.

Já matar porco era horrível, só vi uma vez. Ele grita feito gente. Não leva choque. O açougueiro segura o bicho e mete a faca. É horrível.

## OS DOCES

Mas chega de sangue e morte. Agora, quero lembrar do pomar de minha madrinha, de onde saíam ingredientes para os doces mais deliciosos.

Tinha mais de mil pé de fruta-do-conde, que eles chamavam de pinha. E goiabas, muitas goiabas, brancas e vermelhas.

Faziam umas geléias transparentes, cor-de-rosa forte, com semente da goiaba. A polpa servia para compotas, a casca para a goiabada.

A geléia de goiaba combinava com os biscoitos que minha madrinha fazia. Tinha o Zé Pereira e tinha o biscoito caipira; esse com um furinho recheado com geleia transparente. Era uma tradição da família. Tinham também os biscoitos de polvilho, as cucas e o bolo de fita dos nossos aniversários.

Todo aniversariante ganhava esse bolo. Uma camada rosa, uma branca e uma de chocolate.

Outra sobremesa clássica, que veio com minha bisavó, Porfíria, era o chamado Miss Guint um sobrenome inglês, que a gente chamava de mis-siguinte. É como um bolo de rolo, porém mais alto, feito em forminhas e recheado com goiabada.

Era nosso bolo de Natal, minha madrinha fazia mais de cem. Embrulhava em papel manteiga e mandava para a Europa, para os Estados Unidos, para quem estivesse fora. Bem armazenado durava quatro, cinco meses.

Todo almoço tinha vinho tinto. Meu padrinho fazia sangria para gente, preparada por ele mesmo com vinho, água, açúcar, casca de laranja. Cada um ganhava um copinho, a gente achava aquilo o máximo.

*Marta! Com gosto de tua Mãe, impulsionada de Lúcia...*

TESOURO ESPIRITUAL DO CORAÇÃO DE JESUS

Missas *de manhã* ... Visitas ao SS. *de tarde* ... Sacrifícios *de noite* ...

Comunhões *de manhã* ... Terços *de tarde* ... Altos de Caridade *de noite* ...

OFERECEMENTO DO DIA *de expiação* CALENDÁRIO DEZEMBRO 1995

Ofereço-vos, ó meu Deus, em união/ com o Santíssimo Coração de Jesus, por meio do Coração Imaculado de Maria, as orações, obras, sofrimentos e alegrias deste dia, em reparação de nossas orações e por todas as intenções, pelas quais o mesmo Divino Coração está continuamente intercedendo/ e sacrificando-se em nossos altares.

Eu vo-lo ofereço de modo particular/ para que aumente nossa estima pelo sacramento da confirmação/ e por um compromisso missionário mais consciente/ e mais generoso/ em todas as dioceses.

Prece: Divino Espírito Santo, infundi em nós o zelo de apóstolos e a bravura de soldados de Cristo!

INTENÇÃO GERAL

O batismo representa o começo da vida cristã. A crisma significa a continuação e a defesa dessa vida, realizadas mediante a renovação constante em nós dos dons do Espírito Santo, especialmente do dom da fortaleza. O sacramento da confirmação é bem necessário em nossos tempos, marcados com a nota da incredulidade e da inconstância no bem. Deus, que nos regenerou pela água e pelo Espírito Santo, infunda em nós todos a coragem de professar sempre, com orgulho, a fé em Jesus Cristo a sua Igreja.

INTENÇÃO MISSIONÁRIA

Os católicos vivem em comunidades que se chamam dioceses, sob o pastoreio dos bispos, e em paróquias, sob os cuidados do pároco. Existe ainda a família sob a tutela dos pais. Devemos rogar a Deus para que o espírito missionário invada e domine todas estas comunidades e suscite nelas generosidade e vocações missionárias.

1 D 1º D. do Advento	18	Lc 21,25-36
2 S S. Crisóstomo	1e 2,1-5	Mt 8,5-11
3 T S. Francisco Xavier	1e 11,1-10	Lc 10,21-24
4 Q S. João Damasceno	1e 25,6-10	Mt 15,29-37
5 O S. Dalmácio	1e 26,1-6	Mt 7,21,24-27
6 S S. Nicolau	1e 29,17-24	Mt 9,27-31
7 S. Sto. Ambrósio	1e 30,19-21,23-28	Mt 9,35-38
8 D Imaculada Conceição	On 3,9-15,20	Lc 1,26-38
9 S S. Julião	1e 35,1-10	Mt 10,24-27
10 T S. Hermógenes	1e 40,1-11	Mt 18,12-14
11 Q S. Dâmaso I	1e 40,25-31	Mt 11,28-30
12 Q N. Sa. de Guadalupe	1e 41,4-7	Lc 1,39-47
13 S. Sta. Luzia	1e 48,17-19	Mt 11,16-19
14 S S. João da Cruz	1e 48,1-4,9-11	Mt 17,10-13
15 O 3º D. do Advento	1e 51,3,14-18a	Lc 10,1-18
16 S S. Misael	1e 24,2,7,15-17a	Mt 21,23-27
17 T. Sta. Olimpia	1e 25,5-8	Mt 1,1-17
18 Q S. Vitorino	1e 25,5-8	Mt 1,18-24
19 Q. Sta. Faustina	1e 13,2-7,24-25a	Lc 1,5-25
20 S. Sta. Júlia	1e 7,10-14	Lc 1,25-38
21 S S. Pedro e Cantaleo	1e 5,1-4a	Lc 1,36-45
22 D 4º D. do Advento	1e 3,1-4,23-24	Lc 1,57-66
23 S S. João Cântico	1e 3,1-4,23-24	Lc 1,67-79
24 T. Sta. Tarsila	2Sm 7,1-16	Lc 1,67-79
25 Q Natal do Senhor	1e 52,7-10	Lc 1,1-14
26 Q. Sto. Estêvão Protomártir	At 6,8-10	Mt 10,17-22
27 S S. João Apóstolo e Evangelista	1Jo 1,1-4	Jo 20,2-8
28 S Santos Inocentes	1Jo 1,5-2,2	Mt 2,13-18
29 D Sagrada Família	1Jo 3,7,12-17a	Lc 2,41-52
30 S S. Marcolino	1Jo 2,12-17	Lc 2,26-40
31 T S. Silvestre I	1Jo 2,18-21	Jo 10,1-18

Director Responsável: Pe. Roque Schneider, S.J.  
 Administr.: Rua 1822 n. 341/353 - Ipiranga  
 Cx. P. 42.335 - 04216 - São Paulo - SP  
 Assinatura (cad. de 16) - Cr\$ 20.000

Nós íamos para os Estados Unidos e fizemos uma festinha. Minha irmã, Lúcia, ajudou a preparar tudo e, na hora, não apareceu. Achei estranho, ela morava no mesmo prédio que eu. Na hora da festa, Lúcia estava velando o corpo da minha madrinha. Ninguém me contou nada na hora. Só fui saber no dia seguinte. Morria ali, naquele dia, uma parte importante da minha história. Mas Péricles e Julica ainda estão presentes em mim: em minha maneira de ver o mundo, na construção da minha afetividade e num profundo sentimento de gratidão.

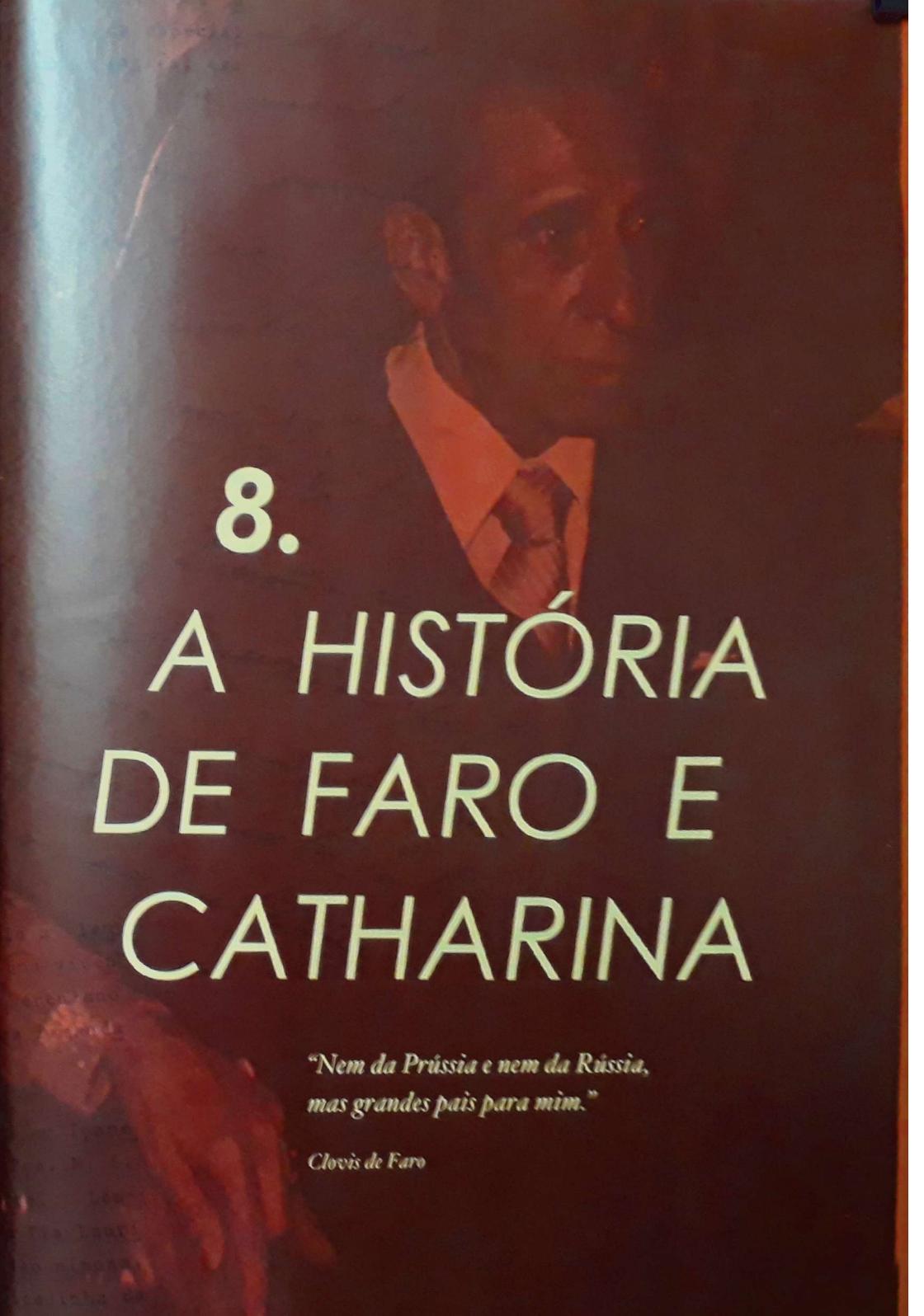


## CHOCOLATES NA GLÓRIA

Depois da morte do meu padrinho, em 1959, minha madrinha passou a ficar cada vez mais tempo no apartamento da Glória.

Ela era muito ativa, não conseguia ficar parada. Acabou abrindo uma barrquinha na igreja da rua Benjamin Constant, onde vendia chocolates. Religiosa, fazia parte do apostolado. Todo mês, enviada um santinho com palavras piedosas para seus conhecidos.

Ela ficou viúva por 21 anos. Morreu no dia 16 de maio de 1990, aos 95 anos, justamente no dia em que meu marido fazia 50 anos.



# 8. A HISTÓRIA DE FARO E CATHARINA

*"Nem da Prússia e nem da Rússia,  
mas grandes pais para mim."*

*Clovis de Faro*

## APENDICITE E AMOR

Depois desse dia, volta e meia Faro perguntava pelas primas a Nocy. E uma vez, teve uma notícia preocupante. Uma das irmãs tinha sido operada.

- Qual delas – perguntou.
- A mais moça – respondeu Nocy.
- Você acha que seria inconveniente visitá-la no hospital, ou enviar umas flores?
- Catharina já está em casa.

Tia Aída, que estava ao lado de Nocy, deu o número do telefone de Catharina e Faro não perdeu tempo. Ligou imediatamente. Foi atendido por Lygia. Pediu notícias de Catharina e ela disse:

- Está aqui a meu lado. Vou passar a ligação para ela.

Foi uma conversa longa e fácil. Eles se entendiam bem. Lá pelas tantas, Faro disse que tinha observado Catharina guardar o papel do canudinho de refrigerante. Ela não se fez de rogada:

- É porque costume guardar as coisas boas da minha vida numa caixinha de recordações.

Ele não perdeu a deixa:

- Ab, então vou te trazer muitas recordações!

## NAMORO

Menos de um ano depois do passeio ao Cristo Redentor, em 28 de maio de 1933, meu pai pediu minha mãe em casamento.

Tia Lygia não se importou com o namoro. O coração dela só viria a bater mais forte algum tempo mais tarde – e justamente por um colega de meu pai.

Por outro lado, minha mãe ficou radiante. Tinha apenas 17 anos. Meu pai já era um arquiteto conhecido, oito anos mais velho do que ela. E tão interessante.

De tão feliz, saiu de casa em casa dando a notícia. Ia se casar com o arquiteto Frederico Faro.

O enxoval, como sempre acontecia na família, foi dado por tio Jango. Mas ele fez mais. Contratou meu pai para projetar sua casa na rua Alice, em Laranjeiras.

Era uma casa de 500 m<sup>2</sup>, com jardim, moderna e imponente, que décadas mais tarde viria a ser alugada para a embaixada da Rússia.

Tio Jango era um homem bem relacionado, amigo de Getúlio Vargas, Simões Lopes, Oswaldo Aranha.

Assinar o projeto de sua casa era uma oportunidade de ouro para um jovem arquiteto.

Foi um presente de casamento.





## UM VESTIDO DE VELUDO BRANCO

Casaram-se no dia 5 de maio de 1934, que seria o dia do aniversário de José Lyra, pai de Catharina, morto quando ela ainda era criança.

Mamãe entrou na igreja vestida pela melhor costureira do Rio de Janeiro, chamada Cecy Gaspar. Como maio já era um mês mais fresco, o tecido era um veludo branco francês que parecia um sonho.

Nas mãos, mamãe deveria levar um buquê de orquídeas trazidas de Teresópolis por encomenda da costureira. Mas até a hora de sair para a igreja, o buquê não tinha chegado.

Mamãe foi até a porta da igreja mas ali parou.

Não ia entrar sem buquê.

Foi preciso que vovó fosse correndo à florista da esquina comprar as únicas flores brancas disponíveis, uns copos de leite. Foram amarrados com uma fita de cetim branco e transformados em buquê de última hora.

A cerimônia foi realizada na igreja Nossa Senhora do Brasil, na Urca, um templo muito especial. Fora projetado por meu pai e inaugurado com o casamento.

Anos depois, um neto do meu tio Fábio, sócio do meu pai, também se casou nessa igreja. E todos os batizados da família foram nesse igreja, uma tradição que passou de geração a geração.

Os copos de leite também passaram a ser uma tradição familiar. Minha mãe sempre teve um arranjo dessas flores em sua casa. E eu mantenho o hábito.



IGREJA NOSSA SENHORA DO BRASIL

## A RUA TRAPICHEIROS

Assim que se casaram, mudaram-se para a rua Trapicheiros, na Tijuca, próxima ao Maracanã.

Era uma casa relativamente nova, que pertencia aos meus padrinhos Péricles e Julica. Papai já morava lá desde que ficou noivo de mamãe.

Como presente de casamento, o coronel Luiz Corrêa havia dado um cheque para o casal mobiliar a casa a seu gosto. Papai desenhou os móveis no estilo Bauhaus, que era então a vanguarda estética.

Não era uma casa pequena. Tinha sala de jantar, escritório, quarto de hóspedes para os padrinhos, tudo o que era preciso para um jovem casal viver com conforto.

Não tiveram lua-de-mel. Foram diretamente da festa para casa. Papai estava começando a vida, tinha um novo sócio, estava entrando em uma fase de muito trabalho e pouco lazer.

Poucos dias mais tarde, minha mãe já se sentia a dona da casa.

Uma tarde, estava na sala, sentada no colo de meu pai, quando minha avó apareceu de surpresa, trazendo salgadinhos e bolinhos para uma visita.

Mamãe adorava contar essa história. Dizia que tinha ficado de todas as cores de tanta vergonha.



## GILDA

Mamãe casou-se muito nova e papai trabalhava muito. Logo, sentiu-se sozinha. Para distraí-la, um dia ele lhe trouxe duas bonecas, dessas que parecem bebês de verdade.

Então, veja que ela ainda estava na transição entre a adolescência e a vida adulta.

Mas logo engravidou da primeira filha.

Gilda nasceu na casa São Geraldo, no dia 26 de janeiro de 1935, nove meses depois do casamento de mamãe.

O nascimento foi muito festejado. Tio Clóvis só tinha tido uma filha, que morreu aos quatro meses de idade, e adotou o bebê como uma neta. Deu um cheque para meu pai cobrir as despesas do parto. Meus padrinhos também se sentiam meio avós. Tia Lygia, que ainda era solteira, foi a madrinha.

Mamãe sempre tinha sido uma menina franzina, mas teve um bom parto. Gilda nasceu bem. Era um bebê lindinho e vivaz. Só dava trabalho para comer.

Para orgulho dos pais, começou a andar com nove meses. E a precocidade também se manifestou na fala. Em sua festa de um ano de idade, em casa de meus tios que moravam no Leblon, ela tagarelava com os convidados.

A felicidade só foi um pouco perturbada pela perda da casa em que moravam. Na partilha de bens de tia Geninha, meus padrinhos tiveram que deixá-las para as irmãs.

E assim, por volta de 1936, o destino de meu pai e minha mãe foi a rua Marechal Pires Ferreira, no Cosme Velho, onde já moravam vários primos Daudt.

7 de Junho 2009  
Querida Marta,  
"É no estudo  
apurado das  
letras  
que a mulher  
procurar deve  
a luz.  
Não nos bajles,  
Nas salas festivas  
Onde a louca  
Vaidade seduz"  
Você é a mulher  
que tem luz  
própria e que  
ilumina nossos  
vidas.  
Todo carinho,  
Gilda



## O PIONEIRO DA RUA

O pioneiro da Marechal Pires Ferreira foi tio Clóvis Daudt Pinheiro, de família gaúcha.

Quando o pai dele estava morrendo, minha avó Clotilde jurou para o marido que o filho seria engenheiro. E cumpriu a promessa.

Depois de estudar em Porto Alegre, ele veio para o Rio frequentar a Escola Politécnica. Formou-se com destaque e logo fundou uma empresa de engenharia de estradas e rodagens. Começou a trabalhar muito cedo.

Como todo engenheiro que trabalha com estradas, ele ia muito ao interior do estado. Em uma dessas viagens, a Nova Friburgo, conheceu Maria José Moraes, que viria a ser minha tia Mary.

Foi um começo de namoro tempestuoso.

Tia Mary era linda, a filha predileta do pai, que não tinha a menor intenção de permitir um casamento que pudesse afastá-la da cidade.

Se quisessem se casar, ele não opunha. Mas teriam que morar em Nova Friburgo.

Tio Clóvis ficou tão atormentado com a imposição do sogro, que teimava em desfazer o compromisso de noivado, que pegou seu primo, José Daudt Fabrício, e subiu a serra armado, disposto a decidir a contenda a bala.

Graças a Deus, o bom senso prevaleceu. Casaram-se em Nova Friburgo e vieram morar no Rio, na Marechal Pires Ferreira.

Tio Clóvis e Mary tiveram apenas uma filhinha, Dora, que morreu aos quatro meses de idade. Ele ficou tão desesperado que não deixou que a menina fosse enterrada. Escondeu o caixão e guardou os ossos da filha em uma caixinha.

Anos mais tarde, brincando na casa deles, encontrei uma caixa em um armário. Quando abri, vi os ossinhos de Dora. Até o crânio estava lá. Levei um susto terrível.

Nunca mais quis ter filhos, o que não o impediu de ser um tio e padrinho extremamente amoroso.

*Residência à Rua Senador Lúcio Bitencourt/1972*

e cálculos a seus antigos sócios. Em 1933, através de Waldemar, conheceu um jovem estudante de arquitetura, Frederico Darrigue de Faro Filho, com quem contratou um projeto para a casa do Berço. Depois, Faro trouxe alguns projetos seus de prédios de apartamentos para Fábio examinar. Faro estava terminando o curso, e impressionou a Fábio por suas ideias.

própria, no 11.º pavimento do Ed. Alnte. Barroso. Marcello, irmão de Fábio, não quis ser sócio, pois trabalhava também na Prefeitura, mas sua forte personalidade e trabalho contribuíram em cada decisão. O regime era sem sábado nem férias. Construções, fiscalizações. Fábio cubia

as comp... chamavam. Divergências, muitas. Nas grandes decisões, concordância e harmonia absolutas. Faro casou-se com Catharina Daudt Lyra, e na festa do casamento, Fábio conheceu Lygia, irmã de Catharina, com quem veio a se casar em 1937. A firma ia crescendo. Mudou-se para sede



Luxor Hotel Continental - Leme - 1972  
(Agora em construção o anexo, 1977)

Jose, Edmundo, Chico e Clozinha.

Fábio e Faro trabalharam juntos até 1966, quando Faro resolveu retirar-se, para dedicar-se à pintura, o sonho de toda a vida. Companheiros durante mais de 3 décadas, o bom e o mau passaram juntos. Ao se separarem profissionalmente, o fizeram dentro do mesmo senso de justiça e igualdade que caracterizou a sociedade. Mas Fábio não quis parar, sobretudo agora que tinha dois filhos recém-formados engenheiros, José e Edmundo. Com o apoio de sua equipe, a amizade do Ary, Augusto e do José Pavan, novo na firma, mas conhecido de sempre, na rua Voluntários, Fábio resolveu enfrentar mais esse desafio. Assumiu a nova firma com eles, sucessora.

Em novembro de 1966. Numa manhã de sol, prometendo um dia de intenso calor, um senhor de 61 anos, na companhia de dois rapazes, dirigiu-se ao cartório da rua do Rosário. Os três iniciavam neste dia a firma F.P. VEIGA ENGENHARIA LTDA. O senhor chamava-se Fábio Penna da Veiga.

Em obras a seguir, no Hospital Gaffrée e Guinle, colégios Sacré Coeur de Jesus e São Fernando, Livraria José Olympio e Continental Palace Hotel no Leme. Fábio Penna da Veiga

natal de 1976. Ary foi o Caixa perfeito, seu equilíbrio refletindo na caligrafia harmoniosa e bela, até hoje presente em tantos e tantos cadernos, durante mais de 30 anos. Do mesmo modo seu irmão Augusto integrou a firma por 30 anos, formando-se como arquiteto e só saindo para trabalhar como autônomo.

1938. Primeira grande incorporação: Edifício Himalaia, na Av. Atlântica. Com empréstimo do Banco Lar Brasileiro, seus 15 pavimentos foram erguidos em um ano, exatamente. Na época, eram poucas as firmas que ousavam tanto. Para Fábio, que sensação, ser fiscalizado pelo General Noronha, e tratar com Emílio Baumgart, gênio do concreto armado. A experiência, um sucesso, foi seguida logo de outras: Edifícios Campanha, no terreno da família. à r. Voluntários; Diamantina, Vila Real, Barão de Ipanema, João Lyra, Itaipu, Canning, Cupertino Durão, etc. A pedido da família Santana, Faro

pedros integrados à natureza, de arquitetura arrojada e personalizada.



Hoje, 11 anos depois, pela cidade a placa F.P. VEIGA ENGENHARIA LTDA. honra uma tradição de 50 anos, e Fábio, da sua sala na Almirante Barroso, ainda reclama quando alguém, olhando pela janela, diz que o mar está bonito hoje. - Que é isso? Nada de ver o mar. Toca a trabalhar!

Só depois de deixar o escritório, passando pela Praia do Flamengo em direção ao Cosme Velho onde o espera sua Lyginha, olha o mar e pensa no destino desse mineiro de Belo Horizonte, para quem o trabalho é tão bonito quanto a tarde que cai sobre o Rio, nele encontrando até o cantinho de poesia que sua

## UMA ORGANIZAÇÃO DIFERENTE

A casa tinha uma organização bastante original.

Beatriz, apelidada de Tuchinha, irmã de tia Mary, morava com eles. Ocupava o quarto da menininha morta. O aposento era todo bonitinho, com cama de dossel, cortinas adamsadas, era como se Tuchinha fosse a filha do casal, com todas as regalias.

Em compensação, tia Mary, que era a dona da casa, dormia no chão do quarto de costura, junto com a vovó.

Nunca perguntei o motivo. É muito provável que fosse por causa do amor do tio Clóvis aos cachorros, que dormiam todos com ele.

Além do original sistema doméstico, a casa tinha uma característica única: era a central dos sobrinhos e afilhados. Estávamos sempre lá.

Tia Mary era muito habilidosa e tinha uma acompanhante, a Dodó, que costurava extraordinariamente bem. Todos os vestidos de festa eram feitos lá.

E não só os de festa. O vestido de noiva de minha irmã Lúcia, de minhas primas Regina e Ana Maria foram costurados pela Dodó sob supervisão de Tia Mary.

Como depois de um certo tempo tio Clóvis ficou muito doente, com um enfisema que acabaria por lhe tirar a vida em 1962, as festas também passaram a ser realizadas em casa dele – não só para que ele não precisasse se locomover, mas porque ele adorava a movimentação.

Os casamentos civis de minhas irmãs e primas, Gilda, Lúcia e Regina, foram realizados lá.

E a casa pioneira da Marechal Pires Ferreira foi cheia de vida até o dia em que tio Clóvis foi levado por um ambulância. Como foi preciso fazer uma traqueostomia para que ele pudesse respirar, ele puxou o cigarro que sempre carregava no bolso, acendeu, fechou a garganta com o dedo e tragou profundamente pela última vez.







... do casamento de  
 Lygia e Fábio.  
 ... a última vez, foi tão  
 ... pelo telefone, acho que todos iam  
 ... e tinham escrito de carta sua.  
 ... que foi muito bem recebido e  
 ... para o novo lar, no primeiro momento.  
 ... de casa de Trás-os-Montes, não  
 ... na primeira novidade a respeito,  
 ... não se que tinha escrito  
 ... muito a sua falta e que a minha  
 ... vida está com muita mais do que  
 ... antes.  
 ... Continua apanhando sempre no sulado,  
 ... e quando voltar, as coisas já não  
 ... de Trás-os-Montes. Quando ficou a trabalhar  
 ... a noite inteira, ficou bastante em estado  
 ... e depois, depois para a escola?  
 ... tenho recomendado o Kate que  
 ... da escola sempre, preparando a  
 ... a adaptação e a estabilidade da  
 ... minha vida nos últimos  
 ... não sempre me dá para me  
 ... não tem bastante trabalho.

## LYGIA E FÁBIO

Mas já me adiantei demais. A história do tio Clóvis entrou aqui porque ele foi, de fato, o pioneiro da rua que tornou-se um verdadeiro kibutz da família.

Quando meus pais se mudaram para lá, além de tio Clóvis, já moravam o Francisco Daudt com seus cinco filhos (inclusive Cleonice, que viria a ser minha prima preferida); os pais da Aidinha; o Felipe Daudt de Oliveira e o João Daudt de Oliveira.

Nessa época, tia Lygia começou a namorar o sócio de meu pai, Fábio Penna da Veiga, que ela havia conhecido na festa de casamento de minha mãe. No dia, ela virou-se para a mãe e disse:

*- Hoje eu conheci o Dr. Fábio e se ele tivesse me pedido em casamento, eu teria aceitado na hora.*

O namoro começou logo após o casamento de meus pais. E durou bastante para os padrões da época porque Fábio não se decidia a casar. Era um rapaz bonito, de boa família, andava de motocicleta e casaco de couro preto, todo charmoso e bem sucedido. Mas quando o assunto era casamento, tornava-se escorregadio como um peixe ensaboado.

Gilda já tinha nascido, já pulava entre os dois, atrapalhando o namoro, e nada de Fábio decidir-se.

Indiretamente, quem resolveu a situação foi tio Clóvis. Achou que estava na hora de Lygia fazer sua viagem à Europa. Naquele tempo, essa era a viagem da vida de uma pessoa, não era como hoje que a gente pega um avião e está em Paris no dia seguinte.

Embarcava-se em um navio e todos iam muito bem vestidos. A própria travessia do Atlântico era uma festa sobre as águas.

Quando meu tio Fábio foi levá-la ao embarque, sentiu o baque. Viu como a namorada estava bonita, bem vestida, a caminho da primeira classe do navio. Viu todos os outros rapazes que também embarcavam e que seriam seus companheiros de viagem por uma boa dúzia de dias.

A decisão saiu na hora. Quando ela subia ao convés, ele pediu-a em casamento.

Mais tarde, tia Lygia diria que quase desistira da viagem. Mas foi firme. Aceitou o pedido, embarcou, e passou três meses viajando com tio Clóvis e tia Mary.

No seu retorno, casaram-se e foram felizes por 70 anos.

Tio Fábio faleceu aos 102 anos, em 2007.

Tia Lygia, em 2010.

Tiveram sete filhos, todos amicíssimos nossos. Tivemos vínculo duplo. Éramos primos e nossos pais eram sócios.

## A F.P. VEIGA & FARO FILHO

A F.P. Veiga & Faro Filho Engenharia e Arquitetura era a empresa de papai. Ele tinha se formado em 1930 com medalha de ouro. De acordo com a tradição dos bem nascidos, merecia uma temporada na Europa. Mas meu pai tinha juízo. Conhecia a experiência dos outros dois Fredericos na Europa e achava que seria mais importante começar logo a trabalhar para ajudar a mãe.

Por sorte (e graças a sua medalha de ouro), ele logo se associou a um engenheiro e encontrou um sócio capitalista, chamado Veloso.

A parceria durou três anos, nos quais ele venceu a concorrência para fazer a igreja da Urca. Mas Veloso, que era gaúcho, decidiu voltar para o Sul.

Nesse meio tempo, graças ao projeto da igreja, ele conheceu o grande engenheiro Otávio Moreira da Penna, que possuía um respeitável escritório. Otávio o apresentou ao sobrinho, Fábio, que também estava em dificuldades com os sócios.

Começaram a fazer alguns projetos em regime de parceria.

Iniciaram pela obra da Casa do Berço. Tio Fábio era um ótimo administrador, muito bom construtor e tinha um mestre de obras de confiança, Jaime, que o acompanhou durante 30 anos. Meu pai então fazia os projetos. Ele montou o escritório na avenida Rio Branco, num prédio chamado São Francisco e ficaram trabalhando em regime de parceria até 1935, quando meu pai já estava casado e eles então fundaram a empresa F.P. Veiga & Faro Filho Engenharia e Arquitetura, que existe até hoje.

Em 1968, meu pai se retirou da empresa, mas meu tio continuou trabalhando até morrer, em 2007. E hoje a empresa permanece com o filho dele, Edmundo, e o neto, Fábio Penna da Veiga.

Meu pai acreditava que a empresa deve trabalhar para os sócios e não o contrário.

Eles não faziam muitas obras, faziam incorporações, desde a compra do terreno, à construção do prédio e à venda. Quando já tinham conseguido lucro suficiente, guardavam o que sobrava para eles.

Acumularam um patrimônio em imóveis que lhes permitiu viver muito confortavelmente. Quando meu pai decidiu se retirar, fizeram uma partilha amigável e ele saiu com vários imóveis, o que lhe garantiu uma vida tranquila.

Meu pai achava que o trabalho era um meio de vida, mas não era a vida. Ele sempre gostou de arte, de viajar, de escrever poesia, de pintar. E meu tio tinha mais a mentalidade empresarial. Foram sócios com muitas diferenças, mas sempre funcionaram muito bem.

Meu tio Fábio foi um grande construtor e um grande administrador. Meu pai foi um grande comprador e bom vendedor também. Eles se completavam, um era mais avançado e outro mais na retranca.

Era uma empresa relativamente pequena, mas tiveram colaboradores que ficaram a vida inteira. O Ari Matias foi o contador até morrer, o Augusto Matias, irmão dele, trabalhou com meu pai por longos anos. Depois entrou o Hélio Machado. Era uma equipe muito azeitada.

Também foi trabalhar como estagiário um rapaz amigo da família, Carlos Ferraz Rodrigues, que mais tarde veio a conhecer e se casar com a prima que mamãe mais gostava, Helena Ferraz Rodrigues, que era Daudt de solteira.





## CLEONICE

Tia Lygia casou-se com Fábio em 1937, na época em que mamãe morava na rua Marechal Pires Ferreira.

Nessa mesma rua, morava o irmão mais moço do meu tio Jango, Francisco Daudt. Ele foi o primeiro a vir para Rio, para montar a filial da empresa Daudt de farmácia. Casou-se com tia Alda, que também é de origem alemã e tiveram cinco filhos, entre eles Cleonice, minha prima predileta.

Para mim, ela foi uma pessoa mágica, lindíssima, muito alegre, muito animada. Era uns oito anos mais moça que minha mãe e as duas ficaram muito amigas.

Graças à amizade, Cleonice conheceu um primo-irmão de meu pai, Luís Pires de Sá.



Embora tivesse uma situação financeira confortável, resultado da herança dos bens da mãe, Luís sempre tinha sido uma pessoa difícil e fechada. Havia perdido a mãe muito cedo, a irmã morrera da doença do sono. Por tudo isso, pode-se imaginar o que foi para ele conhecer uma pessoa tão solar quanto Cleonice.

Apaixonou-se perdidamente.

Minha avó aconselhou-o a desistir do romance. Achava que ele deveria buscar uma pessoa mais simples, que tivesse paciência com seus rompan-tes. Mas Luís bateu o pé, conquistou Cleonice e casaram-se em 1943.

Tiveram quatro filhos. Elizabeth, a mais velha, nasceu em 1944 e ficamos muito próximas. Foi uma menina doce, suave, tranquila. Minha primeira viagem à Europa, em 1957, foi em companhia dela, da mãe e de Isolda, uma amiga de Cleonice.

Beth morreu muito jovem, aos 30 anos, de câncer.

Cleonice foi boníssima para Luís, mas não aguentou por muito tempo sua caturrice. Separaram-se em torno de 1965.

Sempre foi uma pessoa do bem, de bom humor, sabia ver o lado engraçado da vida.

Ela foi avó muito cedo. E um dia teve uma idéia completamente louca. Inscreveu-se no concurso Miss Vovó, do programa do Chacrinha, que era o mais popular programa de auditório da época. Para completar o espetáculo, venceu o concurso.

Foi receber o prêmio vestida com uma minissaia. A cada vez que Chacrinha falava a palavra “mocotó”, ela mostrava o joelho.

Como era bem de seu estilo, pegou o dinheiro do prêmio e foi para Europa.

Apesar de Luís ter se separado dela relativamente cedo, Cleonice sempre foi seu leme. Quando ela faleceu, em 2000, ele não resistiu. Morreu seis meses depois.



## ESCOLA NORMAL? NEM MORTA

Um pouco mais acima na Marechal Pires Ferreira, morou uma outra tia Daudt, minha tia Júlia, que tinha dois olhos que pareciam duas contas azuis.

A tia Júlia Daudt Vasconcelos era casada com um militar e teve dois filhos. Um deles foi a minha tia Aída, Aidinha, que casou-se com Nocy, e foi quem apresentou meu pai a minha mãe naquele passeio do Corcovado.

Aidinha teve duas filhas: Marília e Beatriz. As duas estudaram no Colégio Sion e depois foram para a escola normal.

Éramos muito amigas. O problema é que minha mãe tomava a educação que Aidinha dava às filhas como um modelo. E queria que eu também fizesse concurso para o Instituto de Educação, que ficava na Tijuca, onde é até hoje.

LEMBRANÇA DO  
CRISTO REDEMPTOR  
NO CORCOVADO



Elas passaram e tornaram-se professoras primárias da prefeitura. E esse era o meu pesadelo. Eu preferia morrer a ter um destino tão medíocre.

Foi a única vez em que eu disse para minha mãe que se ela me obrigasse a fazer concurso, eu tiraria zero de propósito.

Anos mais tarde, fomos morar na continuação da Marechal Pires Ferreira, que é a Senador Pedro Velho. Foi meu tio Clóvis que abriu essa rua.

A festa de casamento da Marília foi realizada na casa dos meus pais. Ela casou-se jovem, teve vários filhos e morreu aos 35 anos de aneurisma cerebral.

Beatriz, que sempre foi muito inteligente, envolveu-se com política e chegou a ser secretária do prefeito Saturnino Braga.

Em 2008, o prédio em que ela trabalhava sofreu um grande incêndio e ela morreu sufocada pela fumaça.

Foi o fim trágico de duas primas queridas.

## O FEIO ESFOMEADO

Meus pais moraram na Marechal Pires Ferreira até 1940. Ali nasceu minha irmã Lúcia.

Quando mamãe engravidou de Clóvis, a casa ficou pequena. Papai comprou um lote na rua Senador Pedro Velho, a continuação da Marechal Pires Ferreira que foi aberta por tio Clóvis e começou a construir uma casa.

Tio Fábio comprou outro lote, em frente ao de papai, e também começou a construir sua moradia.

Enquanto a casa não ficava pronta, meus pais foram morar no Edifício Monte, que existe até hoje na rua das Laranjeiras, quase ao lado da Igreja do Cristo Redentor. Atualmente é um prédio tombado pelo patrimônio histórico.



Lá, já morava minha tia Adélia, que ajudou a criar meu tio Felipe. Ela morava com uma irmã viúva, Aída Daudt. O marido dela também era militar. Tiveram dois filhos, José Daudt Fabrício, que chegou a ser marechal, e outro irmão que morreu muito cedo. Tia Aída era viúva e ficou morando com a tia Adélia no Edifício Monte.

Mas, como eu dizia, mamãe estava grávida do Clóvis. E muito preocupada com a experiência adquirida com duas filhas. Tanto Gilda quanto Lúcia tinham dado um trabalho medonho para comer. Mamãe tinha tanto leite que sobrava para amamentar outras crianças. Mas as meninas mal tocavam no seio.

Então, ela fez uma promessa para Nossa Senhora:

*“Minhas filhas nasceram lindas, mas me deram um trabalho enorme para comer. Faça um trato com a Senhora. O próximo bebê pode nascer feio, desde que se alimente bem”.*



LÚCIA



GILDA



Nossa Senhora cumpriu o trato. Meu irmão nasceu no Hospital Alemão em outubro de 1941. Era um bebê horroroso, inchado, vermelho, parecia um gnomo. Em compensação, assim que viu o seio, abocanhou o bico com vigor e mamou como um desesperado. Mamãe suspirou:

*“Ai, minha Nossa Senhora, não precisava exagerar ... ele não precisava ser tão feio assim ...”*

Por sorte, Nossa Senhora não levou o trato tão a sério. Em pouco tempo, Clóvis José, o primeiro varão da família, já se parecia com uma criança normal. Mais um pouco e tornou-se um menino realmente bonito.

Clóvis não era feio, se alimentava muito bem e tinha energia suficiente para apavorar o porteiro do Edifício Monte. Assim que o menino descia para brincar, ele botava as mãos na cabeça e dizia que Clóvis era capaz de arrancar as árvores do pátio, tamanha a sua energia e capacidade de traquinagem.



## A RUA RIBEIRO DE ALMEIDA

Pouco tempo depois, minha mãe ficou novamente grávida. Era eu que estava a caminho, sou a quarta filha.

O apartamento do Edifício Monte ficou pequeno para uma família tão numerosa. Como a casa da Senador Pedro Velho ainda não estava pronta, meu pai alugou uma casa velha na Ribeiro de Almeida, uma rua sem saída, muito simpática, também em Laranjeiras.

A nossa era a última casa da rua. Tinha apenas um andar, mas nos fundos havia um bom quintal e o porão era perfeitamente habitável.

Nasci naquela casa.

## DUAS AVÓS TÃO DIFERENTES

Minha avó Clotilde e suas irmãs permaneceram no Edifício Monte até 1950.

Ela havia perdido dois maridos, o primeiro aos 21 anos e depois meu avô em 1915.

Ninguém pode afirmar que tenha sido esse o motivo, mas o fato é que ela tornou-se espírita e foi seguida por tia Aída.

Quando meus pais viajavam, eu passava temporadas em casa delas. Numa dessas temporadas, eu assistir, escondida atrás da porta, a uma sessão espírita.

A sala estava escura e eu ouvia vozes estranhas. De repente, reconheci a voz de minha avó, mas ela falava uma língua desconhecida para mim. Mais tarde, eu soube que era alemão.

Estávamos em tempo de guerra e Getúlio Vargas tinha proibido o uso da língua alemã no Brasil. Mas minha avó, tomada pelos espíritos, falava e psicografava em alemão.

Um dos espíritos que ela baixava era o de Chopin, com quem travava diálogos espirituais registrados em grossos cadernos.

Na época, tudo o que aquelas cenas me inspiravam era pavor. Mais tarde, já adulta, fui procurar pelos cadernos, mas infelizmente já tinham sido queimados por minha mãe e minha tia, católicas fervorosas para as quais esse tipo de documento em nada contribuía para a memória da família.

No entanto, criança e criada segundo os preceitos da igreja católica, fiquei com péssima impressão de minha avó Clotilde. Passei a ter medo dela, embora sempre tenha sido uma senhora bonita e animada. Quando não estava tomada pelos espíritos, era elegante e distinta. E, evidentemente, jamais me fez mal nenhum. Ainda assim, a presença dela passou a me causar um desconforto que nunca foi completamente superado.

Do outro lado, havia minha avó Zita. Ao contrário de Clotilde, cuja excentricidade era totalmente dirigida para a vida espiritual, Zita me parecia socialmente inadequada.

Vestia-se como hippie, dizia coisas inconvenientes para a época. Hoje, compreendo que talvez ela estivesse à frente de seu tempo. Foi, por exemplo, a primeira pessoa que me falou de menstruação – o que era tabu completo. Imagine se uma mulher podia dizer que ficou menstruada! Era uma vergonha. A palavra jamais era pronunciada. Uma moça de família, mesmo nas situações mais íntimas, deveria usar metáforas (como “estou de Chico” ou “naqueles dias”). E o melhor mesmo era que não dissesse nada.

Minha avó Zita, no entanto, enfrentava as convenções.

Isso era muito malvisto naquele tempo.

E me deixava constrangida.



Sara nasceu tão querida,  
a alegre revoadinha da sua  
Beguêzinha...  
Março de 1947

## UM PÓS-PARTO COMPLICADO

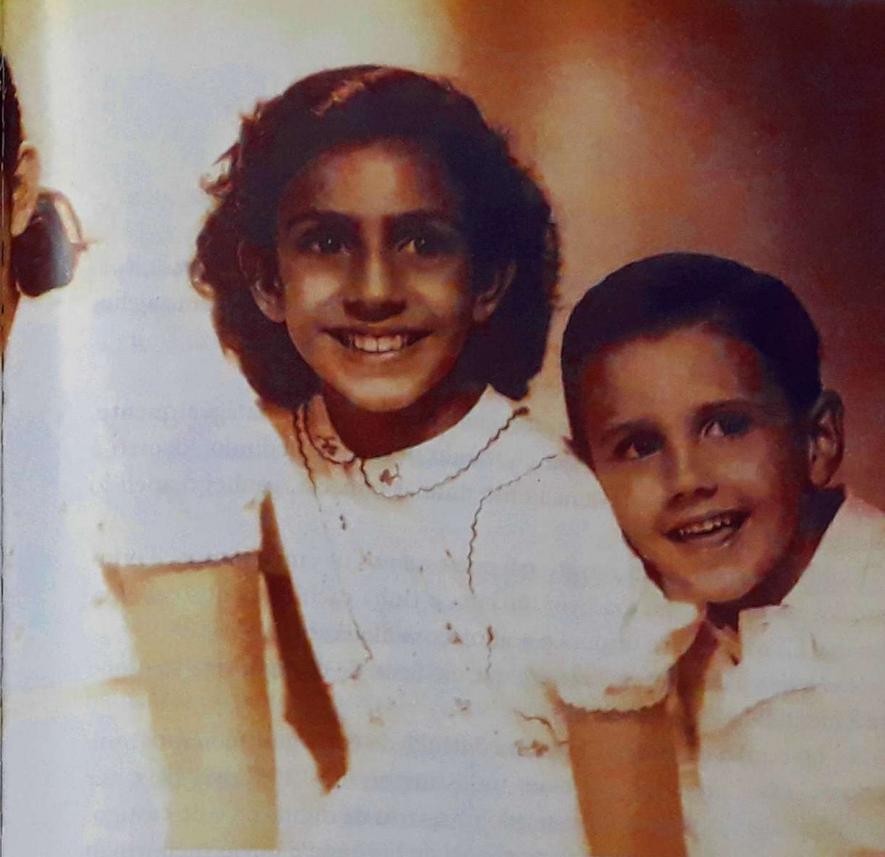
Moramos na Ribeiro de Almeida até 1948, quando eu já tinha cinco anos. Meu irmão Paulo também nasceu lá.

O quinto parto de minha mãe a deixou com a saúde fragilizada. Era a terceira gestação em três anos. Ela teve que ir para Teresópolis para se recuperar. Mesmo assim, sua saúde só se restabeleceu seis meses mais tarde.

Nessa época, veio trabalhar conosco uma super-babá, a Gercina. E também Lourdes, prima de meu pai.

Ficamos, então, entregues aos cuidados da grande família – o que era muito comum na época.

Lourdes gerenciava a equipe, como se fosse uma governanta. Gercina cuidava de mim. Clementina, a cozinheira, era a única que aguentava as travessuras de meu irmão Clóvis. Ester tomava conta de Paulo, o bebê.



MARTA, PAULO, GILDA, LUCIA E CLOVIS

Ainda assim, minhas irmãs mais velhas foram mandadas para a fazenda e, em seguida, para o colégio interno. Isso foi em 1946. Gilda e Lúcia chegaram chorando muito, não queriam ir para o internato de jeito nenhum.

Minha madrinha Júlia morreu de pena delas, sabia como era dura a vida no internato. Mas tentou animá-las lembrando que, ao menos, o colégio ficava no Rio, no Alto da Boa Vista.

Como eu tinha pouco mais de um ano, fui mandada para o Engenho. Fiquei quase um ano morando com minha madrinha. Diz ela que fui a primeira criança a chamá-la de mãe.

De tudo isso, só tenho uma lembrança, intensamente sensorial, que é a de estar na piscina com minha madrinha.

Eu tive muita brotoeja. E, para me dar conforto, ela entrava na piscina comigo no final da tarde.

Acabei ganhando o apelido de Espetinho porque não largava a barra da saia de minha madrinha.

## AINDA A RIBEIRO DE ALMEIDA

Aos poucos, a vida retomou sua normalidade.

Fomos felizes na Ribeiro de Almeida.

Tínhamos muitos amigos na rua. Como a nossa era a última casa, tornou-se a sede da bagunça. Era ali que os velocípedes se reuniam no fim das tardes.

Meu irmão Clóvis tocava o terror.

Sequestrava minhas bonecas, mergulhava as coitadas na água quente, furava seus olhos. De tanto sair chorando pela casa, pedindo socorro à mamãe porque Clóvis estava matando minhas bonecas, ganhei o apelido de manteiga derretida.

É dessa época o único retrato em que estamos os cinco juntos. Todos vestidos de branco. Eu era bem loirinha e tinha cachinhos nos cabelos. Um dia, Clóvis pegou a tesoura e acabou com meu cabelo.

Mas lembro de poucas vezes em que ele ficou de castigo, veja só o que era a mentalidade da época.

Foi no tempo da Guerra. Era uma dificuldade conseguir meias, batom, perfume, esses produtos que eram todos importados. E Clóvis deve ter aprontado alguma porque foi trancado no quarto de minha mãe de castigo.

De repente, ela sentiu um forte cheiro de perfume e ouviu meu irmão gritando:

*"Sou um índio pele-vermelha".*

Ao abrir a porta, deparou-se com meu irmão pelado, todo pintado com uma tinta feita de batom diluído em perfume francês.

Ela riu. Gercina ficou desesperada só de pensar em como tirar aquele corante todo de cima do menino. Mamãe ficou um bom tempo sem perfume nem maquiagem.

E a vida seguiu, entre risadas e traquinagens.

Foi também um tempo de ruas quase sem carros porque a gasolina estava racionada. Como meu pai tinha a empresa de engenharia, comprou dois furgões com meu tio Fábio. Eram carros utilitários, estavam fora das normas dos carros de passeio.

Então, eles pegavam seus furgões, botavam a criançada toda dentro e iam para a praia.

Lembro também dos jantares preparados pela Clementina, especialmente caprichados quando meus padrinhos eram convidados.

Sem dúvida, foi um tempo feliz.

Mas, em 1948, o dinheiro tornou-se mais escasso, porque estava todo sendo empregado na construção da casa da Senador Pedro Velho. E entregamos a casa da Ribeiro de Almeida, que era alugada, para morar de graça em uma casa de minha avó Zita e minhas tias em Ipanema.

## JOANA ANGÉLICA, 34

Moramos ali até março de 1950.

Ipanema, naquele tempo, não tinha a elegância urbana de hoje. Era um balneário distante. Tinha um charme meio escondido, uma informalidade que só mais tarde veio a se tornar a marca do Rio de Janeiro.

Pois ali minha mãe desabrochou.

Foi a primeira vez que a vi andar de um modo mais informal, usando sandálias baixas. Foi a primeira vez que a vi entrar no mar.

Morávamos em uma casa pequena, de uma só água. A outra continuou sendo alugada.

No andar de cima havia três quartos com beliches. Num dos quartos ficava a prima Lourdes, a Gilda, Lúcia e eu. No outro ficavam as babás Gercina e Neuza, e meus dois irmãos Paulo e Clóvis. O terceiro era o quarto do casal.



Embaixo, havia a sala e um pequeno pátio, onde lembro de brincar de cozinhar com meus irmãos, botando tijolo e fazendo fogo para fazer comidinha.

Minhas irmãs ainda estavam no colégio interno, frequentavam muito pouco a casa.

Eu sempre acabava dormindo no quarto dos meus irmãos, porque toda noite meu pai ia para lá contar histórias como se fosse um seriado do Búfalo Bill. Era uma coisa mágica ouvir a voz do meu pai, de luz apagada, nós três agarradinhos querendo ouvir a aventura.

Búfalo Bill não era nada politicamente correto, os brancos lutavam contra os índios. Matava os índios, os búfalos e tirava as peles de todos.

Nessa época ficamos muito amigos. Anos mais tarde, escrevi um conto chamado Oração de criança, a partir de um livrinho que rezavam para gente.

Eu comento cada frase.

E termino dizendo que a vida nos separou.



## PROGRAMAS QUE NÃO EXISTEM MAIS

Se eu contar as coisas que a gente fazia para se divertir, você não vai acreditar.

Costumávamos frequentar a praça Nossa Senhora da Paz. Os padres estavam construindo a casa paroquial. Todo sábado e domingo tinha uma feirinha, uma quermesse, barraquinhas com aqueles coelhinhos que corriam, nós apostávamos.

Também adorávamos ver casamento. Eu, Clóvis e Paulo tomávamos banho, botávamos as melhores roupas, de linho, que minha madrinha mandava fazer com as bordadeiras e íamos para a igreja como se fossemos convidados.

Acompanhados pelas babás Gercina e Neuza, comprávamos palitos de queijo na padaria e ficávamos sentados horas sem fim assistindo aos casamentos.

Eu ficava encantada com as noivas. Assistíamos de três a quatro casamentos por sábado. Era meu programa predileto.

Por essa época, fui alfabetizada no Colégio São Paulo, no Arpoador. Todo dia eu botava meu avental, minha merendeira e ia com a babá, pela praia, até o colégio. Mais tarde, escrevi também um conto chamado "Ingratidão" porque não me lembro o nome da professora que me ensinou a coisa que mais gosto na vida: ler.

### A INGRATIDÃO

Nos meus 6 anos, eu era uma menina tímida, feiosa e usava óculos. Tendo o apelido de caolha.

Nessa época, eu fui alfabetizada no Colégio São Paulo. Como morasse em Ipanema, eu ia uniformizada pela praia, já usando o meu avental, para que não sujasse o uniforme.

Lembro que sempre levava a merenda, numa lancheira colorida, na qual tinha pão com manteiga e açúcar e uma laranja, que infalivelmente ficava quente, a hora de ser tomada.

Minha cartilha era de capa dura. Nela conheci as vogais e consoantes. "LEDO VIU A UVA", "IVO..." e outras palavras mais.

No final do ano, enquanto minha mãe se arrumava no banheiro para sair à noite, com a minha cartilha na mão, ao seu lado, li a última folha, que já era um texto. Fiquei maravilhada. "Mãe, eu já sei ler".

Hoje, passados todos esses anos, não consigo me lembrar, nem do rosto nem do nome da minha professora-mãe, que para mim, me deu um dom tão importante quanto a vida: a arte de ler. Que ingratidão!



Outra lembrança gostosa de Ipanema eram os arrastões de sexta-feira. Nada a ver com as hordas de ladrões que assaltam as praias em grupos. Isso é coisa de hoje. Naquele tempo, arrastão era a chegada dos barcos de pesca, cheios de peixes fresquíssimos que iam diretamente da rede para as mãos da cozinheira.

Também frequentávamos a casa dos nossos tios que moravam em frente à nossa.

Eram os três tios solteirões: Isaura, Laurinha e Herculano, que eram Pires de Sá. Moravam na Barão da Torre, 380. Nossos velocípedes ficavam guardados na casa deles. Todo dia íamos até lá com a babá, tomávamos lanche e depois saíamos para brincar na praça.

E minha tia Laurinha ficou muito amiga minha. Reservava uma xícara especial para mim. E eu tinha pena dela, porque era muito magrinha, fraquinha.

Tia Laurinha tinha sido uma funcionária pública exemplar até ser nomeada para uma chefia. Uma vez empossada, não conseguiu mandar em ninguém.

Acabou aposentada com um diagnóstico que hoje seria de transtorno bipolar.

Dia 27/10/93

TEMA LIVRE

TIA LAURINHA

As pessoas se vão e gradativamente os seus vestígios, pouco a pouco também se esmaecem, desaparecem. Esta semana a casa de Tia Laurinha, na Praça N. S. da Paz, construída por meu pai, nos idos de 1930, vai ser vendida e provavelmente derrubada.

Quando me conscientizei desta realidade, me veio a lembrar minha vivência de Tia Laurinha. Na realidade, uma vivência muito maior; não foi só Laurinha, foi Isaura e Herculano também. minha avó Zita, minha madrinha, enfim, toda uma irmandade.

Quando eu era pequena, entre 5 e 7 anos, morei em Ipanema, na Rua Joana Angélica, e muitas vezes brincava na Praça N. S. da Paz e visitava minhas tias na casa da Barão da Torre. Lembrou-me como gostava de ir à casa delas, ver sobretudo Tia Laurinha, tão frágil, magrinha, pequena e ao mesmo tempo tão mimosa. Apesar de ser uma criança, tinha este sentimento: Coitadinha da Tia Laurinha, ela é tão pequena!... Gostava de passear com ela fazendo a volta do quarteirão. Quando chegava em casa, sempre havia um lanche onde me deliciava em ter uma xícara privativa de vidro azul transparente. Para mim ela era tão bonita que parecia de cristal, sobretudo porque era minha, guardada especialmente para mim. A lata de biscoitos ainda de metal inglês, era do início do século, tinha sido da casa da minha avó Porfíria, aquilo me parecia mágico. A cozinha era como de uma casa de bonecas. A geladeira, uma GE dos velhos tempos, continha potinhos de vidro com os legumes cuidadosamente organizados. Havia o "corredor polonês" — que era uma varanda na lateral da casa — com uma aragem permanente, que motivava o orgulho das tias: "Aqui não precisamos de ar condicionado".

Quando me casei, voltei a morar em Ipanema e tinha a alegria de levar meus filhos pequenos, quase que diariamente para visitar a Tia Laurinha. Ela adorava crianças e quando estava bem sua maior distração e alegria era ir para a Praça, ver as crianças, mas não ousava tocá-las.

Com ela aconteceu um fenômeno interessante, que provavelmente muitos analistas e psicólogos gostariam de estudar. À medida que seus irmãos mais velhos foram falecendo, cada vez ela foi melhorando sua saúde. Por fim nunca mais tomou chá: Foi inesperada essa sua reação, pois a vida inteira ela foi tida como uma pessoa incompetente, incapaz de tomar conta das coisas e de si mesma; entretanto, à medida em que foi obrigada a assumir tarefas, ela as cumpriu muito bem, chegando a seu equilíbrio.

atório Botafogo. Que  
ática, feito um bicho a  
um sofrimento que sa-

Tia Laurinha, mas sei  
o rigorosa, rígida,  
obrigada a educar 8 so

...surteu-se. Tia Laurinha era a mais  
os irmãos mais velhos. Não sei se teve algum amor, algum desejo  
especial, mas sei que foi obrigada a estudar piano, durante mais  
de 15 anos. Minha madrinha contava que ela não querendo desobe  
decer a mãe, ia para a aula de piano, passando mal, vomitando,  
enquanto subia as escadas para suas aulas. Ela só se livrou  
quando a mãe morreu e o piano foi vendido. Outros tempos.

Quando me casei, voltei a morar em Ipanema e tinha a alegria de levar meus filhos pequenos, quase que diariamente para visitar a Tia Laurinha. Ela adorava crianças e quando estava bem sua maior distração e alegria era ir para a Praça, ver as crianças, mas não ousava tocá-las.

Com ela aconteceu um fenômeno interessante, que provavelmente muitos analistas e psicólogos gostariam de estudar. À medida que seus irmãos mais velhos foram falecendo, cada vez ela foi melhorando sua saúde. Por fim nunca mais tomou chá: Foi inesperada essa sua reação, pois a vida inteira ela foi tida como uma pessoa incompetente, incapaz de tomar conta das coisas e de si mesma; entretanto, à medida em que foi obrigada a assumir tarefas, ela as cumpriu muito bem, chegando a seu equilíbrio.

## O PALACETE

Foi nessa época que meus pais fizeram uma longa viagem à Europa com meus padrinhos, Péricles e Julica, para comprar as máquinas da grande fábrica de caramelos Busi.

Papai aproveitou que a Europa estava empobrecida com a guerra para comprar coisas maravilhosas para a casa da Senador Pedro Velho.

Com pouco dinheiro, pode recheir a casa com tapetes persas, cristais e pratarias.

Ao retornar, estava pronto para ocupar seu palacete.

## RUA SENADOR PEDRO VELHO

Finalmente, papai realizou seu grande sonho. Morar na própria casa. Uma casa projetada por ele.

Tudo ali foi pensado nos menores detalhes. Ele desenhou os móveis. Foi diversas vezes ao Museu Imperial de Petrópolis só para copiar os pés de uma mesa esculpidos com frutas brasileiras. Encontrou um artesão italiano suficientemente habilidoso para materializar seus desenhos. Essa mesa, hoje, está na minha sala de jantar.

Enfim, ele era um arquiteto brilhante e construiu uma casa à altura de seu talento para abrigar a família. Um belo palacete de 500 metros quadrados no alto da colina da rua Senador Pedro Velho.

Tudo seria perfeito se não fosse um detalhe. Minha mãe detestou a casa.

Aos 35 anos, havia descoberto o prazer de uma vida simples e despojada na pequena casa de Ipanema. O palacete não lhe parecia uma conquista, mas um retrocesso no caminho para a felicidade.

A sala de jantar, de estar, a biblioteca, os quartos, o quarto do casal em estilo Luís XVI, tudo o que para meu pai tinha o clima de um resgate da infância perdida, para minha mãe parecia uma prisão de luxo.

Nem mesmo a interferência do caseiro, seu Correia, que transformou o espaço livre numa granja, com patos, galinhas e uma roça com aipim e milho, conseguiu fazê-la sentir-se mais à vontade.

Além do isolamento – a Senador Pedro Velho ficava longe de tudo –, a casa apresentava outro problema. Era uma propriedade respeitável, servi-

da por sete empregados, concebida para abrigar uma grande família. Mas em 1950, todos os filhos já estavam internos em colégios. Os três mais velhos no Sacré Coeur, Paulo no São Bento e Clóvis, como era muito levado, internado em Minas.

Então, havia uma casa enorme, planejada para uma família grande, mas que permanecia deserta.

Nem mesmo nas férias ficávamos na casa porque íamos para a fazenda. E tivemos também, durante um certo tempo, uma casa em Petrópolis.

Realmente a casa era linda.

Mas era uma casa fantasma.



## EU GOSTAVA

Eu sempre soube que mamãe não morria de amores por aquela casa. Mas eu gostava. Gostava muito.

No andar superior havia um ginásio, na verdade um quarto enorme, com sinuca, aparelhos de ginástica, o lugar perfeito para gastar energia em dias de chuva. Mamãe tinha uma enorme biblioteca em estilo francês, com uma fantástica coleção de livros encadernados com uma rosinha de ouro, que era a marca dela. Lembro de ficar ali escondida, deliciada, sempre em busca dos livros que me proibiam de ler. Como a casa era grande, e eu era pequena, conseguia me esgueirar pelas entradas de serviço até chegar à biblioteca e ficava lendo noite adentro.

Só os proibidos para crianças, claro. Alguns realmente me fizeram sentir mal. A vigésima quinta hora, de um autor que foi interno no campo de concentração, descrevia horrores que eu sequer imaginava que existissem. Era um livro extremamente amargo, que me mostrou a maldade do mundo. E também a biografia do Toulouse Lautrec, uma pessoa que teve problemas físicos, frequentava prostíbulos. E os romances de Gide, As flores do mal, de Baudelaire. Eça de Queiroz, o Primo Basílio.

A biblioteca de minha mãe me mostrava um mundo que não cabia no altar.

No segundo andar, havia outra biblioteca enorme. Era um hall grande e um enorme móvel de jacarandá, que hoje está na minha casa em Petrópolis, com toda a biblioteca infantil e juvenil.

Como meu pai gostava muito de arte, tínhamos livros de arte com todas as coleções, explicações. Um dos livros a que tive acesso foi a Divina Comédia, todo ilustrado, com cenas de bacanais incríveis. Como era um clássico, não estava proibido. Me impressionou muito o inferno de Dante.

Curiosamente, também não eram proibidos Sade e Boccage, intensamente eróticos.

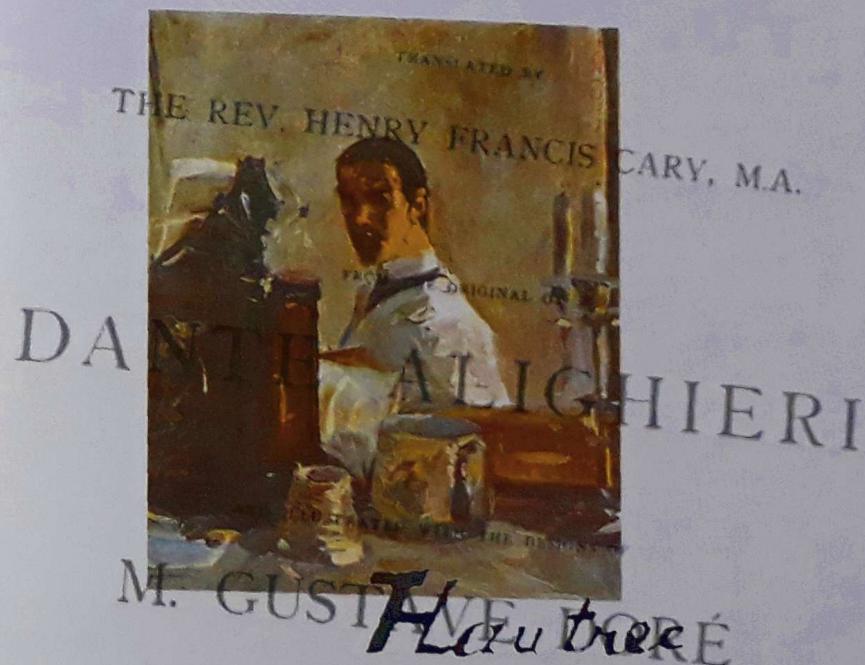
Minha infância foi mergulhada em literatura e arte.

E papai gostava muito de música. Em nosso hall de entrada, tínhamos uma eletrola de última geração, que comportava até 12 LPs. E papai tinha um amigo oficial da marinha que trouxe para ele mais de cem LPs só dos grandes compositores.

Me habituei a estudar ouvindo música erudita. Até hoje é uma coisa que me faz um bem enorme. Quando estou cansada, deito no sofá e ouço música clássica.

*Eça de Queiroz*

## PURGATORY AND PARADIS



New Edition

1901  
THOMPSON & THOMAS  
CHICAGO

## PESADELO

Nós morávamos numa casa no Cosme Velho. Ao lado tinha um enorme terreno vazio, em que o nosso caseiro, Sr. Corrêa, homem do interior, amante da criação, fazia uma pequena horta e engordava patos e galinhas.

Atrás da casa era um grande morro, cercado naturalmente por um magal. Um dia, para minha grande surpresa e encantamento, assisti o Sr. Corrêa colocar fogo no morro, para retirar o mato e ervas daninhas.

Observei, que terminada a queimada, que havia sido delimitada por um acero, muito mato havia permanecido no morro. Então tive uma idéia que achei perfeitamente lógica na ocasião. Chamei meu irmão Clovis, fui até o fogão da minha casa, com uma caixinha de passas vermelhas, fiz uma pequena tocha e juntamente com ele tornei a colocar fogo no morro.

Voltei pra casa, brinquei, quando fui surpreendida pela voz de minha mãe:

*“Quem colocou fogo no morro?”*

*“Fui eu, mamãe, ainda tinha muito mato”.*

Pouco tempo mais tarde, minha mãe me chama e a meu irmão para descermos de nossos quartos onde estávamos de castigo, porque a polícia iria nos levar presos.

Desci em pânico, com o coração na boca. Vi realmente os dois policiais, que eram seguranças do prefeito Mendes de Moraes, que morava em nossa rua. Implorei para não ser levada, numa angústia sem limites.

Sob a promessa que nunca mais colocaria fogo, fui “perdoada” por minha mãe e pelos policiais.

Durante anos eu vivi esse pesadelo, morta de vergonha sendo levada presa com o consentimento de minha mãe. Jamais a perdoei.



## ANOS DOURADOS

Minha avó Clotilde faleceu em 1953, de câncer.

Muito abalada, minha mãe passou três meses na estação de águas de Caxambu para se recuperar.

Quando ela retornou, em 1954, nenhum dos filhos estava mais interno.

Por incrível que pareça, os cinco irmãos só conseguimos conviver entre 54 e 59.

Minhas irmãs mais velhas, Gilda e Lúcia, já tinham terminado o colégio e estavam começando a faculdade. Gilda estudava Direito na PUC. Lúcia, que herdou do meu pai o dom da pintura e da música, começou a estudar Filosofia, mas não gostou e foi para a Escola de Belas Artes. Clóvis e eu já estávamos terminando o ginásio e entrando no clássico, o científico. Ele estudou no Andrews e eu no Sacré Coeur. Meu irmão Paulo ficou no Anglo Americano, mas já não era interno.

A casa ficou muito alegre. Tínhamos licença para levar quantos amigos quiséssemos para estudar. Todos os quartos tinham mesas de estudo.

Na época das provas, chegávamos a ter cerca de 20 colegas estudando, desde os da faculdade até os do colégio. O jantar, à francesa, era franqueado. Nosso garçom, seu Adoaldo, e nossa copeira Maria José se desdobravam para servir aquele exército de estudantes.

A conversa na mesa era animada e os temas políticos botavam opiniões de diversas gerações em embate.

Graças ao amor de meus pais à cultura, todos nós nos formamos, inclusive as mulheres, o que era uma coisa relativamente rara na década de 50.





## UMA PORTA E 12 PRIMOS

Exatamente ao lado de nossa casa, separados apenas por uma porta de comunicação, moravam meus primos, os sete filhos de Lygia e Fábio. Juntos, éramos 12 de várias idades. Passeávamos juntos, namorávamos juntos.

Foi uma época curta, mas muito alegre. Minha mãe estava com a saúde melhor, mais disposta. Geralmente, ela saía muito pouco. Quem nos levava às festas era meu pai, que adorava dançar.

Mamãe sempre teve problemas de audição. Ficava perturbada com o excesso de vozes.

Mas, para meu pai, que sempre tinha sido filho único, a animação daquele tempo era uma injeção diária de ânimo e vitalidade.

## THEO

Em 1955, minha irmã Lúcia conheceu João Theotônio Mendes de Almeida, apelidado de Theo, que quer dizer Deus.

Theo foi um sol em nossas vidas.

Lúcia sempre fora tímida. Embora alegres, tínhamos uma educação muito rigorosa. Chamávamos nossos pais de senhor e senhora, jamais os contrariávamos.

Theo era um jovem de dezenove anos, olhos azuis e vitalidade transbordante.

Tratava meus pais como iguais, os chamava de Faro e Catharina. Discordava deles com tamanho charme que nunca parecia falta de respeito.

Além disso, era boêmio. Gostava de beber, de jogar. E Lúcia, que sempre tinha sido a mais certinha, revelou-se uma boemiazinha também.

Era um amor lindo de ser ver.

O irmão de Theo era padre. Quando foi consagrado bispo, foram todos juntos para a Itália e ficaram noivos em Roma.

Queria deixar neste livro uma homenagem especial a ele.

Morreu muito jovem, aos 35 anos, e deixou minha irmã com quatro filhos, meus quatro sobrinhos homens.



## A GRUTA AZUL

Na casa da Senador Pedro Velho, papai fez para mamãe um quarto maravilhoso, todo em tons de azul, com móveis especialmente desenhados por ele em estilo Luís XVI.

A porta central do armário dava para a sala de banho. E aqui não uso a palavra por galicismo. Era mesmo uma sala de banho imensa, dividida em dois ambientes, que comportava duas ou três pessoas com conforto. Tinha um espelho e duas pias, o que era uma novidade naquela época.

Chamávamos o quarto de gruta azul.

Ali, mamãe reinava, sempre vestida com um dos muitos robes de sua coleção. Lembro de um, especialmente bonito, comprido, de veludo azul entremeado por várias camadas em tons de rosa. Era o que ela costumava usar para esperar meu pai.

A recordação de minha mãe, vestindo um de seus robes lindos, dentro da gruta azul, é muito forte para mim.

Houve uma época em que ela esteve muito fragilizada. Recebia visitas diárias de médicos. Primeiro, era o tio Alfredo. Mas ele cometeu um erro ao deixar de diagnosticar uma apendicite em minha irmã e foi substituído pelo doutor Edmundo Martins. Mais tarde, o tio Aníbal, que também era médico de minha avó.

Então eu me lembro bem que, em boa parte da minha infância, mamãe vivia isolada em sua gruta azul, perfeitamente arrumada, com aqueles robes longos, e uma sucessão de médicos em visita no final da tarde.

Às vezes, eu chegava do colégio, ia até seu quarto e a via bordando e chorando. Ela fazia bainhas abertas nas peças de linho trazidas da Europa para nossos enxovais. Ficava sentada no meio daquela amplidão azul, vestida em seus robes lindos, coberta de linho branco. E chorando.

Uma vez, as lágrimas escorriam por seu rosto e nos olhamos fundo nos olhos.

Ali, eu tive um insight.

Ela me dizia que não existe prisão pior do que a amorosa.

Minha mãe me ensinou que a vida é muito maior do que um lar.

## TERRA DA LIBERDADE

Durante muitos anos, passamos férias no Engenho Central Laranjeiras, nossa terra da liberdade.





Quando o verão estava muito chuvoso, íamos de trem.

Um carro especial, com o emblema do Engenho gravado nas janelas, saía da Leopoldina com várias levas de primos, babás e bagagens.

Na parada de Bom Jardim, éramos recebidos por uma governanta e um lanche farto: sanduíches de carne de porco, de rosbife, brevidades, biscoitos Zé Pereira, era uma farra.

Dali, o trem seguia para o Engenho onde começavam as férias propriamente ditas.

Quando o tempo não estava chuvoso, tudo era diferente. O motorista da fazenda nos levava de carro até Bom Jardim, onde ficávamos de dois a três dias, com direito a visitas à Busi.

À noite, meu padrinho jogava pôquer com os amigos. Eu, aos sete anos, ficava grudada nele, juntando as fichas. Foi assim que, muito cedo, aprendi a jogar.

A chegada ao Engenho era sempre uma emoção.

De manhã, bem cedinho, minha madrinha, de robe cor-de-rosa, fazia questão de preparar o café da sobrinhada, que sempre incluía deliciosas torradas Petrópolis com queijo do reino.

Depois do café, nos arrumávamos e descíamos para pegar os cavalos. Seu Bala, o responsável pelos cavalos, tinha uma paciência de santo conosco. Saíamos todos paramentados, de chapéu e tudo. Passávamos pelas plantações de açúcar, passávamos pelo curral, às vezes tirávamos leite, visitávamos alguma família relativamente próxima, comíamos frutas dos pés, das goiabeiras.

Quando terminava o passeio, nos arrumávamos para o banho de piscina. Era uma piscina muito simples, de água corrente, com uma banquetea enorme para tirar a roda d'água e um chuveirão. Era preciso tomar remé-

dio contra tifo porque não era água tratada.

Meio dia e meia, todo mundo arrumado, depois do banho, meu padrinho vinha do escritório, tomava um copo de Macieira e ouvia o Repórter Esso rodeado pelos sobrinhos.

Lá fora, já nos aguardava uma fantástica mesa, onde se sentavam umas vinte pessoas e comíamos os bifés mais deliciosos da minha vida.

Às vezes os primos mais velhos, como o Álvaro Luiz, vinham para o Engenho. Ele fazia parte do Clube dos Cafajestes, um grupo de playboys da década de 50, e trazia suas amigas em um carro conversível.

Depois do almoço, passávamos a tarde no clube e, às cinco horas, esperávamos o trem com a correspondência. À noite, voltávamos para o clube onde, às quintas e domingos, tinha sessão de cinema. Uma das estrelas da Atlântida, Eliane, era lá da região de Itaocara.

No Carnaval, meu padrinho contratava duas orquestras. Havia dois clubes, o dos operários e o dos funcionários mais qualificados. Nessa época, todos os funcionários eram autorizados a receber parentes - e eram 1.200 funcionários. As festas de carnaval eram muito animadas, movimentavam a região inteira, nós dançávamos adoidado.

Eu posso esquecer de tudo, mas jamais dessa sensação de liberdade, de alegria, que sentia nas férias no Engenho.





## AVENTURAS DO MARISCO

Meus pais, tio Fábio e o Paulo Daudt, filho do tio Jango, compraram um veleiro, Marisco.

Ficava sediado no Iate Clube e era pilotado por um marinheiro chamado Albino.

Veleiros são lindos mas como as velas ocupam muito espaço – e sempre éramos muitos a bordo –, geralmente usávamos o motor.

O barco tinha uma cabine, uma pequena cozinha, lugar para dormir e banheiro. Era nossa casa de fim de semana flutuante.

Tínhamos acesso à Ilha Brocoió, que era da família Guinle. Passávamos o dia lá, usávamos a casa, era maravilhoso. Também íamos a Adão e Eva, a Paquetá, alugávamos charrete em Itaipu.

Em noite de lua cheia, fundeávamos na Baía de Guanabara. De dentro da água, sentindo os cardumes passando, tínhamos a linda vista do Pão de Açúcar sob a lua cheia.

Desses passeios saíram vários casamentos. Meus dois cunhados, Maria Lúcia e Aloísio Novis conheceram seus respectivos marido e mulher nesses passeios de barco.

Éramos jovens, felizes, todos de boas famílias. Nada mais natural o Marisco apadrinhasse tantos romances.

## UMA FÁBRICA DE CHOCOLATES DE VERDADE

Fomos crianças muito privilegiadas. Tivemos uma fábrica de chocolate para brincar: a Busi.

Nas férias, ficávamos com vovó Zita numa casa geminada próxima à fábrica, que chamávamos de Busilândia.

Para criança não existe nada mais lindo. Era um mundo de caramelos, balas, chocolates, doce de leite, geléias para os recheios dos bombons.

Mas era também uma oportunidade para conviver mais de perto com vovó Zita, que nos contava as histórias da família Faro, de como ela gostou de Portugal, da paixão dela pelos figos, histórias do casamento.

Entre meus sete e meus dezesseis anos, eu costumava passar uma semana na Busilândia. Era um período curto, mas intenso.



## PETRÓPOLIS

Nenhum desses passeios maravilhosos incluía minha mãe, que sempre teve saúde frágil e sempre se deu muito mal com o calor.

Assim que papai progrediu um pouco, minha avó Zita comprou um lote em Petrópolis, na rua Simão Bolívar, e papai construiu uma casa muito lindinha em estilo alemão com portas e janelas decoradas com pequenos corações

Quando éramos pequenos, na volta da fazenda, passávamos uma temporada com mamãe em Petrópolis até que o calor do Rio acalmasse.

Ficamos com a casa até 1950. Quando o casarão da Senador Pedro Velho ficou pronto, mamãe achou que era muito trabalho tomar conta das duas casas e alugou a de Petrópolis.

Em vez de cuidar dela, comprou um pequeno apartamento no hotel Quitandinha, o que lhe garantia as temporadas na serra sem o ônus de uma casa de campo para administrar.

Na adolescência, frequentávamos o chá dançante do Quitandinha, os famosos bailes de Carnaval, os bailes de coroação do concurso de Miss Brasil.

Quando eu tinha uns 12 anos, em 1955, vi Marta Rocha, que realmente era um deslumbramento, passar a coroa para a nova miss, Lílian Corrêa Lima. Para mim aquilo foi uma sensação mágica. Foi a primeira vez que entrei numa festa de gente grande. Como papai mandava e desmandava no hotel, me fez entrar pela cozinha.

Minha irmã Gilda ficou noiva em Petrópolis, em 1960. Sérgio, meu namorado, mandou uma quantidade enorme de orquídeas para ela. Foi uma ocasião bastante formal e Gilda estava linda, toda vestida de branco.

Mas era Carnaval e tanto Gilda quanto James, seu noivo, eram loucos pelos bailes. Então, no fim da festa, Gilda pegou um turbante, amarrou um xale rendado na cintura e transformou seu vestido de noivado numa fantasia de bahiana.

Saiu dali diretamente para o baile do Clube Metropolitano.

Posteriormente, a casa de Petrópolis ficou para minha irmã Lúcia e é usada por meus sobrinhos até hoje.

## A GATA BORRALHEIRA

Eu ainda era criança e via meu pai se arrumar para ir aos bailes oficiais com minhas irmãs, que já eram moças.



GILDA E LUCIA

Ele vestia sua casaca, minhas irmãs surgiam lindas em seus trajes de gala e eu ficava sentada na escadaria me sentindo esnobada. Naquele tempo, criança não ia a festa de adulto.

Quando chegou minha vez, eu já estava com 16 anos. Juscelino tinha vindo ao Rio e dois bailes seriam promovidos em sua homenagem, um nas Laranjeiras e outro no Palácio do Itamarati.

Apesar da minha excitação, o baile foi decepcionante. Achei tudo muito frio, muito formal. Embora tenha sido meu primeiro baile, não ficou marcado como uma ocasião festiva.

O baile que realmente me impressionou foi o da formatura de Gilda, em 1958.

Fui com um vestido lindo que papai e mamãe tinham trazido para mim de Paris, cereja com pois brancos.



Perto do balcão de refrigerantes, reparei em um rapaz bonito. E papai disse:

- Venha cá, vou apresentar a você o filho da colega de sua mãe, Chiquita Novis.

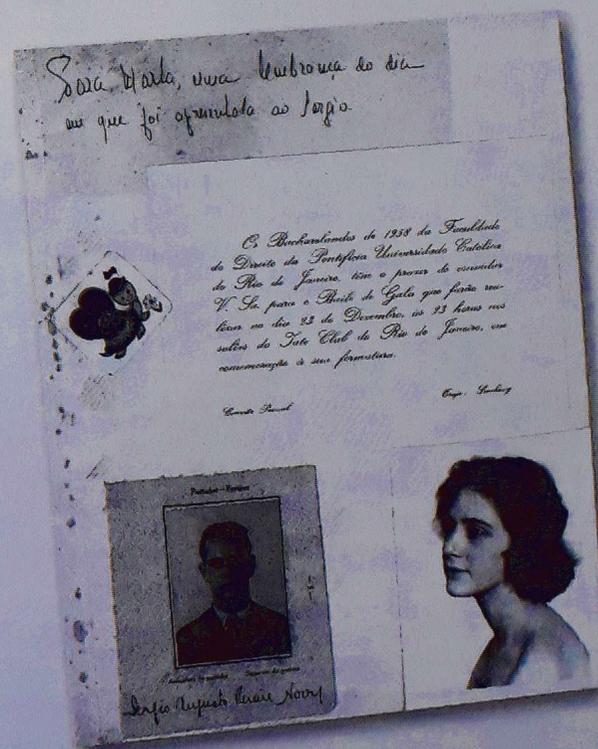
E para o Sérgio:

- Está é minha filha predileta. Vou te dar um sanduíche e depois você vai dançar com ela.

Assim, devo a meu pai a apresentação daquele que é meu marido há 50 anos. No dia seguinte, falei para mamãe:

- Ontem conheci o homem que vai ser o pai dos meus filhos.

E foi mesmo.





## BODAS DE PRATA

O único retrato que temos da família completa, todos os irmãos e minha avó Zita, é o das bodas de prata de meus pais, em 5 de maio de 1959.

Mamãe está usando um vestido feito com tecido que eu trouxe de Paris. Lembro tão bem que entrei na loja, olhei, olhei e não achei nada mais bonito do que um cetim pérola. Ela teve o cuidado de guardar o tecido e mandar fazer a roupa de suas bodas de prata.

Então, estamos todos ali, bonitos, arrumados, na biblioteca dela, com seus livros encadernados com rosinhas. Mamãe jovem com os brilhantes que papai lhe deu. Vovó, feliz, sentada com toda a prole em seu redor.

Logo em seguida, nos dispersamos.

Em agosto de 59, Lúcia casou-se e, pouco tempo depois, mudou-se para Brasília.

Em 60, foi a vez de Gilda, que foi morar nos Estados Unidos depois do casamento. Meu irmão Clóvis já estava se preparando para fazer o vestibular na PUC e já estava namorando a irmã do seu maior amigo, Teresa, com quem veio a se casar.

Eu já estava namorando meu futuro marido, Sérgio, e entrei para a PUC. Só meu irmão Paulo permaneceu a vida inteira ao lado de meus pais. Tomou conta deles até o final.

Meus pais ainda viveram muitos anos. Suas bodas de ouro foram festejadas na Igreja Nossa Senhora do Brasil, construída por papai.

Ele faleceu na minha casa, num dia lindo, em Petrópolis. Ficou deitado em minha cama, com as flores do meu jardim, com toda a família reunida.

Minha mãe morreu em novembro de 2000. Eu tinha feito um pedido a ela.

*- Mamãe, neste ano seus quatro netos vão se casar, você vai me prometer que vai esperar.*

Ela cumpriu a promessa.





# LICENÇA POÉTICA

A Maria Fumaça sai de São João Del Rey. Começa a apitar, entram no vagão Paulo, Porfíria e seus nove filhos, e parte. Primeira parada: Fazenda Bem Posta, tia Lucinda, Doutor Freitas, meu avô João Sá, junto com o escravo Quintino que vinha trazendo o banquete. Toca mais adiante Piraí, começam os enormes cafezais, entram os barões, Viscondes, ao longe o canto dos italianos, os primeiros imigrantes. Toca mais adiante, começa a subir a serra

*"muito peso e pouca força, muito peso e pouca força"*,

chega a Friburgo, lá saltam tio Paulinho, tio Rafael, vovó Zita, entram tia Jorgina e o Visconde. Toca mais adiante, para em Bom Jardim. Uma alegria, olhe os sanduíches, os farnéis, as garrafas de vinho, dona Geninha, meu padrinho, minha madrinha, Agenor, Monerat. É uma festa, passa adiante, começamos a descer, terminam os cafés, começam os canaviais, barulho de carro de boi. Paramos no Engenho Central, mais festa. Os jornais chegando, os filmes, os engradados de vinho, os perus de Natal, as frutas. Começamos a descer a serra. Paramos em Petrópolis, embarcam

Luis, Cleonice. Passamos no Corcovado, sobem enamorados Faro e Catharina, chegamos à Central, na Leopoldina. As crianças gritam

*"Busi, Busi, quem quer comprar?"*.

Ao longe, piscam os anúncios luminosos de Saúde da Mulher, Bromil, e chega o som do Repórter Esso. Tio Jango entra, tia Aidé, meu avô Frederico, tio Fábio...tanta gente. E aí toca novamente o apito da locomotiva:

*"muito peso e pouca força, muito peso e pouca força"*.

E parte rumo ao infinito.

## MARTA DE FARO NOVIS

# BIBLIOGRAFIA

*Barbeiros e cirurgiões*, Atuação dos práticos ao longo do século XIX, História, Ciência, Saúde -Manguinhos vol.6 no.2 Rio de Janeiro July / Oct. 1999.

*Galeria dos Brasileiros Ilustres*, Sébastien Auguste Sisson, vol. II, 1857. Biblioteca do Senado Federal.

*Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*, Noêmia Lucia Barradas Fernandes e Cláudia Baima Mesquita (coord.), INEPAC - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 2008.

# FICHA TÉCNICA

*Autoria* Marta de Faro Novis

*Levantamento de dados e acervo fotográfico* Marta de Faro Novis

*Projeto gráfico* Ana Laet Comunicação

*Designer* Clarisse Sá Earp

*Assistente de arte, manipulação de imagem e arte finalista* Jaqueline Torterolli

IN

FIN

ITO

